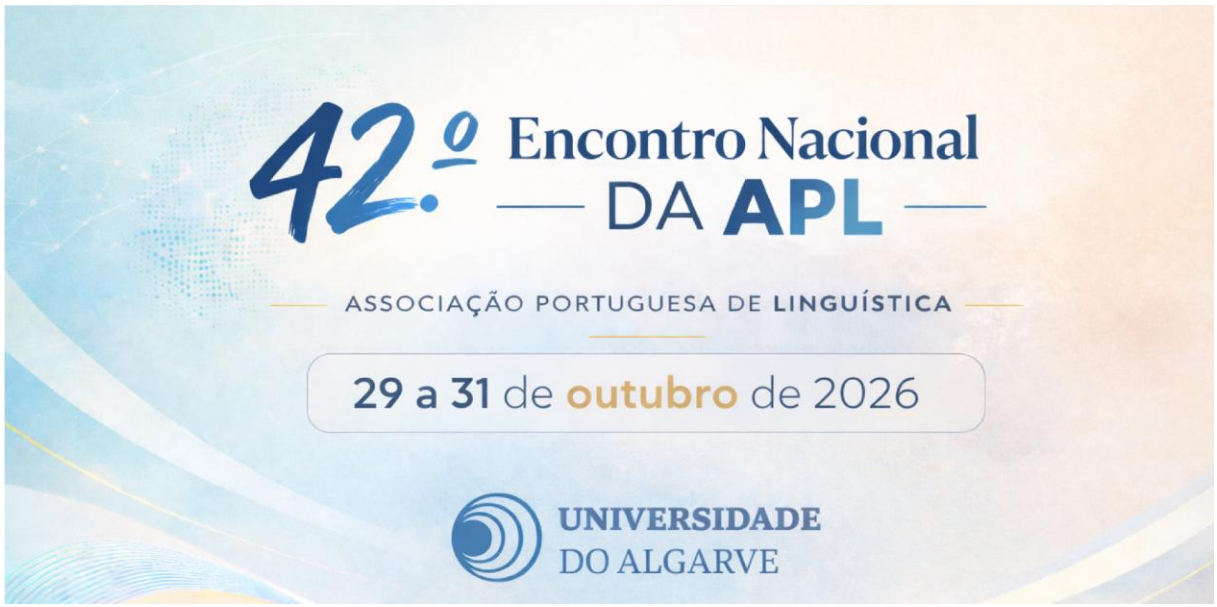


Livro de resumos

Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
29, 30 e 31 de outubro de 2026

Faro ▪ Portugal

Associação Portuguesa de Linguística

Título: Livro de Resumos do 42.º Encontro Nacional da APL

Associação Portuguesa de Linguística

Universidade do Algarve, Faro
Outubro, 2026

Organização dos resumos
Os resumos das comunicações orais e pósteres encontram-se ordenados pelo nome inicial do primeiro autor. É ainda possível efetuar pesquisa por termos.

Associação Portuguesa de Linguística

42.º Encontro Nacional da APL

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Campus de Gambelas
Universidade do Algarve
Faro

29, 30 e 31 de outubro, 2026

Organização

Direção da APL

Alexandra Fiéis
Luís Filipe Barbeiro
Adelina Castelo
Purificação Silvano
Joana Teixeira

Comissão Organizadora Local

Jorge Baptista (coord.)
Lucília Chacoto
Pedro Santos
Teresa Maló Sequeira
Sónia Reis
Izabela Müller

Comissão Científica

Aida Cardoso
Ana Luísa Costa
Ana Madeira
Alexandra Guedes Pinto
Ana Espírito Santo
Ana Lúcia Santos
Ana Maria Brito
Ana Martins
Ana Paula Banza
Anabela Gonçalves
Anabela Rato
Antónia Coutinho
Antónia Estrela
António Leal
Augusto Soares da Silva
Carla Almeida
Carlos Assunção
Catarina Castro
Celda Morgado
Chao Zhou
Clara Amorim
Clara Nunes Correia
Cristina Flores
Cristina Martins
Esther Rinke
Eva-Maria Roessler
Fátima Oliveira
Fátima Silva
Fernanda Gonçalves
Fernanda Pratas
Filomena Gonçalves
Gabriela Matos
Gonçalo Fernandes
Graça Rio-Torto
Isabel Falé
Isabel Margarida Duarte
Isabel Pereira
Isabelle Simões Marques
Joana Aguiar
Joana Batalha
Jorge Baptista
Jorge Pinto
Letícia Almeida
Luís Filipe Cunha
Maria Carmo L. Gomes
Maria João Freitas
Maria Lobo
Marina Vigário
Marisa Cruz
Matilde Gonçalves
Paula Luegi
Paulo Nunes da Silva
Pedro Santos
Pekka Posio
Pilar Barbosa
Rita Gonçalves
Rui Marques
Rui Ramos
Rui Sousa Silva
Sónia Rodrigues
Susana Correia
Tânia Ferreira
Telmo Móia
Teresa Costa

Índice

Apresentação 6

Programa 8

Conferências 12

Verbos auxiliares e verbos causativos na construção *Fazer-Inf* em português europeu: uma perspetiva sintática 13
Anabela Gonçalves

Re-Evaluating Phonetic-Phonological Representations in the Early Bilingual Mind: The Case of Catalan Mid Vowels 15
Gemma Repiso-Puigdelliura

Comunicações orais e pósteres 17

A perceção do sândi T3 do chinês mandarim por falantes de herança e aprendentes L2 18
Aira Nosolini, Cristina Flores & Chao Zhou

Revisitando o movimento do verbo em inglês L2: Dados de aprendentes portugueses 20
Alexandra Fiéis & Joana Teixeira

A aquisição de verbos copulativos em PLE na perspetiva da Hipótese da Interface 22
Ana Espírito Santo, Anabela Gonçalves & Nélia Alexandre

Relativização com *onde* no PE: efeitos de definitude e eventividade 24
Ana Espírito Santo, Rita Gonçalves & Nélia Alexandre

Padrões linguístico-discursivos e retórico-funcionais na titulação jornalística: um estudo comparativo entre reportagens de divulgação e de não divulgação científica 26
Ana Filipa Fonseca, Fátima Silva & Matilde Gonçalves

An analysis of non-autonomous fragments in European Portuguese news reports 28
Ana Luísa Fernandes & Nádia Canceiro

Para uma distinção entre leituras eventivas e referenciais em nomes do domínio médico no português europeu 31
Ana Luísa Fernandes & Purificação Silvano

Efeitos da ordem das orações na resolução de pronomes sujeito: dados do português europeu 33
Ana Madeira, Alexandra Fiéis & Joana Teixeira

Análise de relações discursivas num "corpus" de português de escrita académica 35
Ana Margarida Simões, Amália Mendes & Ana Luísa Costa

A tradução do Pretérito Perfeito Composto para francês: uma análise semântica 37
Anna Paula Rodrigues Marques

Temporal Interpretation and TP Projection: Evidence from European Portuguese and Mandarin Chinese 39
Aoran Yang & Nádia Canceiro

Variação nas construções relativas em cinco variedades nacionais do português: acessibilidade e proeminência do antecedente 41
Augusto Soares da Silva, Susana Afonso & Alice Mevis

Perceções, formação e autoeficácia docente no ensino de Português Língua Não Materna 43
Bruna Bragança, Mónica Pereira & Ana Madeira

No (des)compasso da dança entre línguas: diálogo colaborativo, posicionalidade e reflexão metalinguística no ensino de português a imigrantes 45
Bruno Costa & Jorge Pinto

Adjective Position, Noun Type, and Agreement in Coordinate Nominals: A Quantitative Corpus Study of European Portuguese 47
Carolina Gramacho

European Portuguese L1 Prosodic Transfer in Mandarin L2: Tone2 and Tone4 Production in Declaratives and Interrogatives 49
Carolina Miranda, João Veloso & Marisa Cruz

Perceção e produção das vogais nasais do português europeu por aprendentes com cantonês L1 51
Cho Ian Lei, Adelina Castelo, Letícia Barros de Almeida

Heritage language reinforcement and differential stability. European Portuguese returnee speaker's comprehension of null objects 53
Cristina Flores & Esther Rinke

Nominal classification and object mass nouns in Polish 55
Éva Dékány, Bing-Tsiong Li, One-Soon Her & Marcin Kilarski

Vozes no discurso jornalístico português: evolução diacrónica no século XX 57
Fátima Silva, Ana Sofia Pinto, Fátima Oliveira, Ana Filipa Fonseca

Elipse do TP em português europeu e brasileiro 59
Gabriela Matos & Sonia Cyrino

Lexical Stress Perception and "Stress Deafness" in Kusaal-English Bilinguals 61
Guendalina Gianfranchi, Juliana Novo Gomes & Carlos Silva

A aprendizagem do Português como Língua Estrangeira – estudo de caso com jovens oriundos da Índia 63
Helga Candeias & Ana Alexandra Silva

Ensino de Fonética e Fonologia do português para não-nativos: uma abordagem pluricêntrica 65
Iiris Rennicke

Reflexões sobre a quantificação de eventos não durativos em PE 67
Inês Cantante

Advérbios de tempo: Classificação e Representação Formal em LMR 69
Izabela Meira Grein Müller & Jorge Baptista

Expressive vocatives and exclamatives 71
Jakob Maché & Vesela Simeonova

Backward Crosslinguistic Influence from L3 Portuguese on L2 English Spelling among Chinese Multilingual Learners 74
Jiaxin He & Jorge Pinto

Mapping event representations to linguistic representations: Mandarin children's and adults' culmination judgements 76
Jingying Xu & Cristina Schmitt

Semantic Roles in Portuguese Idiomatic Verbal Expressions: Between Idiomatic Opacity and Figurative Argument Structure 79
Jorge Baptista & Sónia Reis

Realização da Marca de Plural no Sintagma Nominal no Português do Dundo (Angola): Uma Análise Morfossintática e Fonológica 81
Júlio Luciano Canhinguiquine, Marina Vigário & Tjerk Hagemeijer

Preliminary Analysis of Nonword Repetition in Portuguese Children: Findings from the NonWordRepChild Project 83
Letícia Almeida, Gabriela Tavares, Maria João Freitas, Teresa da Costa, Christophe dos Santos, Dina Alves

Dimensão estrutural e metatexto nas dissertações de mestrado 85
Luís Filipe Barbeiro

Clause-internal VP- and vP-fronting 87
Marcel den Dikken

Materiais didáticos e representações docentes sobre o ensino de gramática do português em Guiné-Bissau: Uma análise a partir das políticas linguísticas 90
Marcelino Issa da Cunha & Djadja Mamadu Baldé

A descortesia como estratégia política: positive self-presentation/negative other-presentation em discursos parlamentares de Ventura e Le Pen 92
Maria Cidália Matias

A questão da variação nos programas e manuais de ensino de Português como língua não materna – das regras ao(s) uso(s) 94
Maria José Carvalho & Maria Carmen Gouveia

Is intonation a relevant cue to the perception of L2 development? 96
Marisa Cruz & Chao Zhou

Caracterização do desenvolvimento da linguagem em crianças nascidas durante a pandemia de COVID 19: resultados do primeiro momento de avaliação em idade pré escolar 98
Marisa Filipe, Juliana Luzio, Inês Duarte, Tânia Carneiro, Sofia Mendes e Sónia Frota

O impacto do exame CIPLE do CAPLE: expetativas e perceções dos candidatos 100
Marta Refoyos Figueiredo

Co-variation or Dissociation? A Pilot Study of Overpassivization and Pseudo-passives in L2 European Portuguese among Mandarin Chinese Learners 102
Minsi Hu

De dentro para drento: transposições ortográficas e acento lexical na escrita de crianças brasileiras e portuguesas 104
Mirian Verza Amarante & Lourenço Chacon

Sobre a aquisição de [i̥] no Português Europeu: um estudo de caso de natureza longitudinal 106
Rita Santos, Clara Amorim & Maria João Freitas

A omissão do sujeito em orações subordinadas: uma abordagem experimental comparativa entre o português brasileiro e o europeu 108
Ronan Pereira, Mariana Silva, Mónica Pereira & Sonia Cyrino

Para uma análise semântica da modalidade e da evidencialidade em acórdãos de crime de violência doméstica 110
Rute Rebouças, Inês Cantante & Ana Sofia Ferreira

Uso do Modo Conjuntivo nas Orações Completivas dos Verbos de Dúvida por Aprendentes do Português como Língua Segunda 112
Shintaro Torigoe

Ethos coletivo e mediação neutralizadora: o papel do Presidente do STF em situação estásica interlocutiva em sessão de julgamento 114
Tatiane Silva Figueiredo

Perceção e produção das Consoantes /l/ e /ɾ/ por Aprendentes Chineses: resultados de uma intervenção didática 115
Tian Yanchun, Celeste Rodrigues & Adelina Castelo

Gender similarity and intervention in the processing of European Portuguese relative clauses 117
Xinyi Li

Apresentação

Este *Livro de Resumos* constitui um testemunho da vitalidade da investigação linguística realizada pela comunidade científica que se reúne em torno da APL, no seu 42.º Encontro anual. Os resumos das conferências, comunicações orais e pósteres dão conta de projetos em curso, resultados de investigações recentes e novas linhas de reflexão que atravessam múltiplos domínios da Linguística, refletindo a diversidade temática, metodológica e teórica que caracteriza esta comunidade. Como vem acontecendo há décadas, o ENAPL continua a contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico e para o diálogo entre diferentes perspetivas de análise.

Os trabalhos apresentados refletem a centralidade dos estudos de sintaxe, semântica e interfaces gramaticais.[1] Questões relacionadas com a estrutura da frase, o movimento verbal, a relativização, a elipse, a interpretação temporal, a resolução anafórica, a concordância e o processamento linguístico são abordadas a partir de diferentes enquadramentos teóricos e metodológicos. A comparação entre variedades do português e entre diferentes línguas, assim como o recurso a metodologias experimentais e à linguística de *corpus* permitem aprofundar a compreensão dos mecanismos fundamentais da gramática e da cognição linguística.

Um segundo eixo de grande relevância corresponde aos estudos sobre aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem. Diversos trabalhos incidem sobre a aquisição do português como língua materna, segunda língua, língua estrangeira ou língua de herança, explorando fenómenos fonológicos, morfossintáticos, lexicais e discursivos. Merecem igualmente relevo as investigações dedicadas ao multilinguismo, ao contacto de línguas e à transferência linguística, que analisam percursos de aprendizagem envolvendo o português, o inglês, o mandarim e outras línguas. A presença de estudos com crianças, aprendentes adultos e falantes de herança confirma a crescente articulação entre a linguística teórica, a psicolinguística e a linguística aplicada.

A fonética e a fonologia constituem também um domínio fortemente representado. Os trabalhos apresentados abordam a perceção e a produção de segmentos e traços prosódicos, a aquisição fonológica, os efeitos da transferência entre línguas, o ritmo, a entoação e o processamento tonal. Estas contribuições evidenciam a importância da investigação experimental para a compreensão dos mecanismos de produção e perceção da fala, bem como para o desenvolvimento de aplicações pedagógicas dirigidas ao ensino de línguas.

A reflexão sobre o ensino e a aprendizagem do português assume igualmente uma posição relevante. Os estudos dedicados ao Português Língua Não Materna, ao Português Língua Estrangeira e ao Português Língua de Acolhimento analisam práticas pedagógicas, materiais didáticos, formação de professores, políticas linguísticas e processos de integração social e educativa. A diversidade de contextos considerados, que inclui Portugal, países africanos de língua portuguesa e comunidades migrantes, demonstra a relevância social e educativa da investigação linguística e a sua ligação aos desafios contemporâneos da mobilidade e da inclusão.

Outro conjunto significativo de trabalhos centra-se nos estudos do discurso, do texto e dos géneros textuais. São analisados discursos jornalísticos, jurídicos, académicos, parlamentares e digitais, explorando questões como a argumentação, a evidencialidade, a modalidade, a representação das vozes discursivas, a construção do *ethos* e os mecanismos de coesão e coerência

[1] A sistematização dos temas em foco no conjunto dos resumos apoiou-se na análise por meio do assistente de inteligência artificial Copilot.

textual. Estes estudos ilustram a crescente atenção dedicada à relação entre linguagem, sociedade e práticas comunicativas, demonstrando como a análise linguística contribui para a compreensão dos fenómenos discursivos em contextos institucionais e mediáticos.

O Encontro contempla ainda uma dimensão particularmente relevante de diversidade linguística e variação. As investigações sobre variedades nacionais do português, sobre crioulos de base portuguesa e sobre diferentes línguas do mundo alargam o horizonte comparativo da Linguística e reforçam a importância das perspetivas tipológicas, sociolinguísticas e de contacto linguístico. A presença de estudos dedicados a contextos africanos, asiáticos e europeus testemunha o alcance internacional da investigação realizada pela comunidade da APL.

No seu conjunto, os resumos reunidos neste volume revelam uma comunidade científica dinâmica, capaz de articular tradição e inovação, aprofundamento teórico e aplicação prática, especialização disciplinar e abertura interdisciplinar. O 42.º Encontro Nacional da APL afirma-se, assim, como um espaço privilegiado de partilha, discussão e construção de conhecimento, promovendo o diálogo entre investigadores em diferentes fases da carreira e fortalecendo as redes de colaboração nacionais e internacionais.

A todos os autores, conferencistas, avaliadores e instituições parceiras, expressamos o nosso agradecimento pelo contributo para a concretização deste 42.º ENAPL. Esperamos que o presente volume constitua não apenas um registo das comunicações apresentadas, mas também um estímulo à interação durante o Encontro e à continuação da investigação e desenvolvimento de novos projetos que contribuam para o avanço dos estudos linguísticos.

Programa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve — Campus de Gambelas

Dia 29 de outubro – 5.ª FEIRA

12.00	**RECEÇÃO AOS PARTICIPANTES**		
13.00	*Pausa para almoço*		
14.00	***SESSÃO DE ABERTURA*** Anfiteatro Teresa Júdice Gamito		
14.20	**CONFERÊNCIA PLENÁRIA 1** Anfiteatro Teresa Júdice Gamito *Re-Evaluating Phonetic-Phonological Representations in the Early Bilingual Mind: The Case of Catalan Mid Vowels* Gemma Repiso-Puigdelliura (Universitat Autònoma de Barcelona) Moderação: Adelina Castelo		
	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Anfiteatro Teresa Júdice Gamito	Sala 3.18	Sala 3.20
	Moderação: Sonia Cyrino	Moderação: Ana Espírito Santo	Moderação: Lucília Chacoto
15.30	*Clause-internal VP- and vP-fronting* Marcel den Dikken	*Variação nas construções relativas em cinco variedades nacionais do português: acessibilidade e proeminência do antecedente* Augusto Soares da Silva, Susana Afonso, Alice Mevis	*Ethos coletivo e mediação neutralizadora: o papel do Presidente do STF em situação estásica interlocutiva em sessão de julgamento* Tatiane Silva Figueiredo
16.00	*An analysis of non-autonomous fragments in European Portuguese news reports* Ana Luísa Fernandes, Nádia Canceiro	*Gender similarity and intervention in the processing of European Portuguese relative clauses* Xinyi Li	*A descortesia como estratégia política: positive self-presentation/negative other-presentation em discursos parlamentares de Ventura e Le Pen* Maria Cidália Matias
16.30	*Pausa para café*		
	Moderação: Anabela Gonçalves	Moderação: Teresa Sequeira	
17.00	*Elipse do TP em português europeu e brasileiro* Gabriela Matos, Sonia Cyrino	*Dimensão estrutural e metatexto nas dissertações de mestrado* Luís Filipe Barbeiro	
17.30	*Temporal Interpretation and TP Projection: Evidence from European Portuguese and Mandarin Chinese* Aoran Yang, Nádia Canceiro	*Advérbios de tempo: Classificação e Representação Formal em LMR* Izabela Meira Grein Müller, Jorge Baptista	

Dia 30 de outubro – 6.ª FEIRA

	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Anfiteatro Teresa Júdice Gamito	Sala 3.18	Sala 3.20
	Moderação: Maria Lobo	Moderação: Clara Amorim	Moderação: Pedro Santos
9.00	*Heritage language reinforcement and differential stability. European Portuguese returnee speaker's comprehension of null objects* Cristina Flores, Esther Rinke	*Perceção e produção das consoantes /l/ e /r/ por aprendentes chineses: resultados de uma intervenção didática* Yanchun Tian, Celeste Rodrigues, Adelina Castelo	*A aprendizagem do Português como Língua Estrangeira – estudo de caso com jovens oriundos da Índia* Helga Candeias, Ana Alexandra Silva
9.30	*A aquisição de verbos copulativos em PLE na perspetiva da Hipótese da Interface* Ana Espírito Santo, Anabela Gonçalves, Nélia Alexandre	*Lexical Stress Perception and "Stress Deafness" in Kusaal-English Bilinguals* Guendalina Gianfranchi, Juliana Novo Gomes, Carlos Silva	*Perceções, formação e autoeficácia docente no ensino de Português Língua Não Materna* Bruna Bragança, Mónica Pereira e Ana Madeira
10.00	*Revisitando o movimento do verbo em inglês L2: dados de aprendentes portugueses* Alexandra Fiéis, Joana Teixeira	*Perceção e produção das vogais nasais do português europeu por aprendentes com cantonês L1* Cho Ian Lei, Adelina Castelo, Letícia Almeida	
10.30	*Pausa para café*		
	Moderação: Augusto Soares da Silva	Moderação: Maria João Freitas	Moderação: Luís Filipe Barbeiro
11.00	*Reflexões sobre a quantificação de eventos não durativos em PE* Inês Cantante	*Is intonation a relevant cue to the perception of L2 development?* Marisa Cruz, Chao Zhou	*Materiais didáticos e representações docentes sobre o ensino da gramática em Guiné-Bissau: uma análise a partir das políticas* Marcelino Issa da Cunha, Djadja Mamadu Baldé
11.30	*Para uma distinção entre leituras eventivas e referenciais em nomes do domínio médico no português europeu* Ana Luísa Fernandes, Purificação Silvano	*A perceção do sândi T3 do chinês mandarim por falantes de herança e aprendentes L2* Aira Nosolini, Cristina Flores, Chao Zhou	*A questão da variação nos programas e manuais de ensino de Português como língua não materna – das regras ao(s) uso(s)* Maria José Carvalho, Maria Carmen Gouveia
12.00	*Mapping event representations to linguistic representations: Mandarin children's and adults' culmination judgements* Jingying Xu, Cristina Schmitt	*European Portuguese L1 Prosodic Transfer in Mandarin L2: Tone2 and Tone4 Production in Declaratives and Interrogatives* Carolina Miranda, João Veloso, Marisa Cruz	*No (des)compasso da dança entre línguas: diálogo colaborativo, posicionalidade e reflexão metalinguística no ensino de português a imigrantes* Bruno Costa, Jorge Pinto
12.30	*Pausa para almoço*		

Dia 30 de outubro – 6.ª FEIRA (continuação)

	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Anfiteatro Teresa Júdice Gamito	Sala 3.18	Sala 3.20
	Moderação: Fátima Silva	Moderação: Celeste Rodrigues	Moderação: Nádia Canceiro
14.30	*Análise de relações discursivas num "corpus" de português de escrita académica* Ana Margarida Simões, Amália Mendes, Ana Luísa Costa	*Preliminary Analysis of Nonword Repetition in Portuguese Children: Findings from the NonWordRepChild Project* Letícia Almeida, Gabriela Tavares, Maria João Freitas, Teresa da Costa, Christophe dos Santos, Dina Alves	*A omissão do sujeito em orações subordinadas: uma abordagem experimental comparativa entre o português brasileiro e o europeu* Ronan Pereira, Mariana Silva, Mónica Pereira, Sonia Cyrino
15.00	*Semantic Roles in Portuguese Idiomatic Verbal Expressions: Between Idiomatic Opacity and Figurative Argument Structure* Jorge Baptista, Sónia Reis	*Caracterização do desenvolvimento da linguagem em crianças nascidas durante a pandemia de COVID 19: resultados do primeiro momento de avaliação em idade pré-escolar* Marisa Filipe, Juliana Luzio, Inês Duarte, Tânia Carneiro, Sofia Mendes, Sónia Frota	*Efeitos da ordem das orações na resolução de pronomes sujeito: dados do português europeu* Ana Madeira, Alexandra Fiéis, Joana Teixeira
15.30	**PAUSA PARA CAFÉ / SESSÃO DE PÓSTERES** Átrio do Anfiteatro Teresa Júdice Gamito		
17.00	**ASSEMBLEIA GERAL DA APL** Anfiteatro Teresa Júdice Gamito		
20.30	***Jantar do 42.º Encontro Nacional da APL***		

SESSÃO DE PÓSTERES (sexta-feira, 30 de outubro, 15.30-16.30)

1. *Co-variation or Dissociation? A Pilot Study of Overpassivization and Pseudo-passives in L2 European Portuguese among Mandarin Chinese Learners*
   Minsi Hu
2. *Ensino de Fonética e Fonologia do português para não-nativos: uma abordagem pluricêntrica*
   Iiris Rennicke
3. *Uso do Modo Conjuntivo nas Orações Completivas dos Verbos de Dúvida por Aprendentes do Português como Língua Segunda*
   Shintaro Torigoe
4. *De dentro para drento: transposições ortográficas e acento lexical na escrita de crianças brasileiras e portuguesas*
   Mirian Verza Amarante, Lourenço Chacon
5. *O impacto do exame CIPLE do CAPLE: expetativas e perceções dos candidatos*
   Marta Refoyos Figueiredo

Dia 31 de outubro – SÁBADO

	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Anfiteatro Teresa Júdice Gamito	Sala 3.18	Sala 3.20
	Moderação: João Veloso	Moderação: Rita Gonçalves	Moderação: Jorge Baptista
9.00	*Realização da Marca de Plural no Sintagma Nominal no Português do Dundo (Angola): Uma Análise Morfossintática e Fonológica* Júlio Canhinguiquine, Marina Vigário, Tjerk Hagemeijer	*Nominal classification and object mass nouns in Polish* Éva Dékány, Bing-Tsiong Li, One-Soon Her, Marcin Kilarski	*A tradução do Pretérito Perfeito Composto para francês: uma análise semântica* Anna Paula Rodrigues Marques
9.30	*Sobre a aquisição de [i] no Português Europeu: um estudo de caso de natureza longitudinal* Rita Santos, Clara Amorim, Maria João Freitas	*Backward Crosslinguistic Influence from L3 Portuguese on L2 English Spelling among Chinese Multilingual Learners* Jiaxin He, Jorge Pinto	*Padrões linguístico-discursivos e retórico-funcionais na titulação jornalística: um estudo comparativo entre reportagens de divulgação e de não divulgação científica* Ana Filipa Fonseca, Fátima Silva, Matilde Gonçalves
10.00	*Pausa para café*		
	Moderação: Ana Luísa Costa	Moderação: Ana Madeira	Moderação: Joana Teixeira
10.30	*Para uma análise semântica da modalidade e da evidencialidade em acórdãos de crime de violência doméstica* Rute Rebouças, Inês Cantante, Ana Sofia Ferreira	*Relativização com "onde" no PE: efeitos de definitude e eventividade* Ana Espírito Santo, Rita Gonçalves, Nélia Alexandre	*Expressive vocatives and exclamatives* Jakob Maché, Vesela Simeonova
11.00	*Vozes no discurso jornalístico português: evolução diacrónica no século XX* Fátima Silva, Ana Sofia Pinto, Fátima Oliveira, Ana Filipa Fonseca	*Adjective Position, Noun Type, and Agreement in Coordinate Nominals: A Quantitative Corpus Study of European Portuguese* Carolina Gramacho	
11.40	**CONFERÊNCIA PLENÁRIA 2** Anfiteatro Teresa Júdice Gamito *Verbos auxiliares e verbos causativos na construção Fazer-Inf em português europeu: uma perspetiva sintática* Anabela Gonçalves (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) Moderação: Alexandra Fiéis		
12.40	***SESSÃO DE ENCERRAMENTO***		

Conferências

Verbos auxiliares e verbos causativos na construção *Fazer-Inf* em português europeu: uma perspetiva sintática

Anabela Gonçalves
anabela.goncalves@edu.ulisboa.pt
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Anabela Gonçalves *é professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Doutorada em Linguística Portuguesa, desenvolve investigação centralmente na área da sintaxe teórica e comparada. Tem colaborado pontualmente em investigação nas áreas da aquisição da linguagem, da linguística clínica, da linguística educacional e da linguística aplicada à tradução. O seu trabalho tem incidido em temas como as estruturas com verbos copulativos, com verbos auxiliares e com verbos causativos; os predicados complexos; estruturas de controlo. Tem também desempenhado diversos cargos de gestão académica, sendo atualmente diretora da Área de Ciências da Linguagem da FLUL e membro do Conselho Científico da instituição. Entre 2021 e 2024, dirigiu o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.*

Palavras-chave: verbos auxiliares; verbos causativos; predicado complexo; descausativização

Nesta apresentação, serão analisadas sequências do tipo V1-V2 do português europeu (PE), em que V1 é uma forma finita de um verbo e V2 é uma forma não finita que ocorre no complemento de V1, como as de (1) e (2).

(1) O administrador da empresa tem entrevistado muitos candidatos.

(2) a. O professor fez/mandou/deixou ler o livro aos estudantes.

b. O treinador fez/mandou/deixou correr os atletas.

Se, relativamente a (1), é consensual que V1, ter, é um verbo auxiliar (cf. Gonçalves 1992 e a literatura aí referida), algumas propriedades dos V1 (ou seja, dos verbos causativos) em frases como (2) podem aproximá-los dos auxiliares, como o faz Said Ali (1908), no âmbito da tradição gramatical greco-latina. Assim, por exemplo, nem em (1) nem em (2) é possível a ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito, o que mostra que, em ambos os casos, existe apenas um domínio frásico (ver (3) e (4)).

(3) * O administrador da empresa tem não entrevistado muitos candidatos.

(4) a. *O professor fez/mandou/deixou não ler o livro aos estudantes.

b. *O treinador fez/mandou/deixou não correr os atletas.

No entanto, as frases de (2) apresentam um conjunto relevante de propriedades que as distinguem de (1), o que aponta no sentido de os verbos causativos não serem verbos auxiliares, como se pode deduzir de muita da literatura sobre a construção exemplificada em (2), designada como Faire-INF (FI), na sequência de Kayne (1975); vejam-se, entre muitos outros, para o PE e para outras línguas, particularmente, as românicas, Kayne (1975), Raposo (1981), Zubizarreta (1985), Burzio (1986), Guasti (1993, 2017), Gonçalves (1999), Manzini (1983, 2022). Assim, por exemplo:

(i) Os verbos causativos selecionam o seu próprio argumento externo, que ocorre como sujeito, ao contrário dos verbos auxiliares, que não selecionam argumento externo, sendo o sujeito da frase um argumento do verbo encaixado (o verbo principal).

(ii) O verbo encaixado na construção FI é descausativizado, no sentido em que o que seria o seu argumento externo deixa de ser interpretado como Agente ou Causador, o que não ocorre no caso dos verbos principais que ocorrem no complemento dos verbos auxiliares. O processo de descausativização não é específico do verbo encaixado na construção FI. Veja-se, por exemplo, a

análise proposta por Gonçalves & Santos (2025) para o verbo pôr (a), que as autoras caracterizam como causativo, apesar de diferente dos causativos em FI, explorando a possibilidade de este verbo apresentar uma variante descausativizada: pôr-se (a).

(iii)Alinhando-se com (ii), em FI, o que seria o argumento externo do verbo encaixado realiza-se como um sintagma nominal ou como um sintagma preposicional em posição pós-verbal, cliticizáveis por acusativo ou por dativo, respetivamente, o que lhes retira o estatuto de sujeito, e os aproxima dos objetos direto e indireto (ver ((5) e (6)). O mesmo não acontece no contexto dos verbos auxiliares, em que o argumento externo do verbo encaixado se realiza como sujeito da frase (ver (7)).

(5) O treinador fê-los/mandou-os/deixou-os correr. vs. *O treinador fez/mandou/deixou eles correr.

(6) O professor fez-lhes/mandou-lhes/deixou-lhes ler o livro. vs. *O professor fez/mandou/deixou eles correr.

(7) Ele tem entrevistado muitos candidatos.

Tendo em conta estas propriedades, entre outras, nesta apresentação, mostrar-se-á que (1) e (2) correspondem a estruturas distintas, sendo (1) um exemplo típico de um contexto de auxiliaridade e (2), de FI. Defender-se-á que as semelhanças decorrem do facto de, nesses contextos, existir um único domínio frásico (ver, entre outros, Raposo 1981; Guasti 1993, 2017; Gonçalves 1999; Manzini 1983, 2022). Por sua vez, as diferenças entre auxiliares e causativos em FI serão explicadas com base nas categorias que se projetam nos respetivos domínios infinitivos e nos traços morfossintáticos dessas categorias.

Referências

Burzio, L. (1986). *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Kluwer.

Gonçalves, A. (1992). *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em português europeu*. Dissertação de Mestrado, FLUL.

Gonçalves, A. (1999). *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do Português Europeu*. Tese de Doutoramento, Univ. Lisboa.

Gonçalves, A. & Santos, A. L. (2025). Causatives with small clause complements. RLLT 26, P. Barbosa, C. Flores, E. Rinke, E.-M. Roessler (eds.). *Special Issue of Isogloss. Open Journal of Romance Linguistics* 11(7)/16, 1–24 .

Guasti, M. T. (1993). *Causative and Perception Verbs*. Rosenberg & Sellier.

Guasti, M. T. (2017). Analytical causatives. In M. Everaert & H. van Riemsdijk (eds.), *Wiley Blackwell Companion to Syntax* (pp. 1-36). Wiley.

Kayne, R. (1975). *French Syntax: The Transformational Cycle*. The MIT Press.

Manzini, M. R. (1983). *Restructuring and reanalysis*. Ph.D. thesis, MIT.

Manzini, M. R. (2022). Romance causatives and ergativity. In N. Boneh et al. (eds.). *Building on Babel's rubble* (pp. 271-292). Presses Universitaires de Vincennes.

Raposo, E. (1981). *A Construção 'União de Orações' na Gramática do Português.* PhD thesis. Universidade de Lisboa.

Said Ali, M. (1908). *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Livraria Acadêmica.

Zubizarreta, M. L. (1985). The relation between morphophonology and morphosyntax: The case of Romance causatives. *LI,* 16, 247-289.

Re-Evaluating Phonetic-Phonological Representations in the Early Bilingual Mind: The Case of Catalan Mid Vowels

Gemma Repiso-Puigdelliura
gemma.repiso@uab.cat
Universitat Autònoma de Barcelona

Gemma Repiso-Puigdelliura *Gemma Repiso-Puigdelliura is an Assistant Professor of Linguistics at the Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Prior to joining UAB, she served as a faculty member at McMaster University in Canada and graduated from the University of California, Los Angeles (UCLA).*

Her research program focuses on experimental phonetics, phonological development, and multilingual speech processing across the lifespan. Utilizing acoustic analysis, and experimental methodologies, Dr. Repiso-Puigdelliura investigates how early language experience, input variability, and language dominance influence phonetic categories in heritage speakers, early child bilinguals, and L3 learners.

She serves as Principal Investigator on national competitive research grants funded by the Spanish State Research Agency on the role of input variability on phonemic contrasts in Catalan-Spanish early bilinguals. Her scientific contributions are published in top-tier international journals, including Bilingualism: Language and Cognition, Journal of Child Language, Language and Speech, Glossa, and Journal of the International Phonetic Association.

Keywords: early bilingualism; speech perception; phonolexical representations; language mode; language dominance; Catalan mid-vowels; prelexical discrimination; mispronunciation tolerance; input adaptation

Early bilinguals are defined as speakers who receive regular, continuous exposure to two languages during early childhood, acquiring them either simultaneously from birth or sequentially during their preschool years. Unlike late second-language (L2) learners, who acquire an additional language after their L1 system has already stabilized, early bilinguals construct two language systems simultaneously during linguistic development. However, an early age of initial exposure alone does not guarantee balanced dominance. Instead, early bilingual grammars remain highly dynamic across the lifespan, continually shaped by cumulative daily exposure, language dominance, and context-dependent language modes.

Building upon multi-tier phonetic-phonological models, including the Bidirectional Phonology and Phonetics model (Boersma, 2007, 2011; Boersma & Hamann, 2009), the Language Mode Framework (Grosjean, 1998, 2001, 2008), and the Speech Learning Model (Flege, 1995; Flege & Bohn, 2021), this research investigates how prelexical perception and phonolexical representations interact in the early bilingual mind. The Catalan front mid-vowel contrast (/e/–/ɛ/) across the Barcelona metropolitan area serves as the ideal empirical testbed. Because this contrast is present in Catalan but absent in Spanish, it provides a unique window into how sound contrasts are represented, perceived, and stored within a bilingual phonetic-phonological system.

This keynote synthesizes findings from two empirical investigations. The first study (joint work with Chao Zhou) utilizes a discrimination task to test how language mode and dominance modulate perceptual category boundaries. Results show that boundary steepness remains remarkably stable across Catalan and Spanish language modes, demonstrating that early bilinguals do not “switch off” non-target contrasts in a non-target monolingual context. Moreover, higher Catalan dominance

enhances within-category sensitivity, revealing how exposure to Spanish-accented community input fosters adaptive perceptual gradiency.

A second study (joint work with Miquel Llompart, Scott Perry, Miquel Simonet, and Mark Amengual) examines how the Catalan mid-vowel contrast is specified across distinct levels of representation in early bilinguals. Using a four-task experimental battery administered to children (ages 7.5–12.5) and young adults, we track the contrast across prelexical discrimination (XAB), lexical decision (LD), lexical preference (LP), and novel word learning (WL) paradigms. This design allows us to tease apart prelexical sensitivity and lexical-level effects and, within the latter, to distinguish between potentially fuzzy phonolexical representations and a greater tolerance of mispronunciations or lexical adaptability. Taken together, results suggest that the source of the effect is primarily lexical rather than prelexical: participants show relatively good sensitivity to the contrast in XAB, but make very little use of it when rejecting altered word forms in LD, despite being able to exploit the contrast when choosing between lexical alternatives in the LP task. This pattern is difficult to reconcile with genuinely "fuzzy" phonolexical representations and may instead reflect greater lexical tolerance through adaptation to variable input.

References

Boersma, P. (2007). Some listener-oriented accounts of h-aspiré in French. *Lingua*, 117(12), 1989–2054. https://doi.org/10.1016/j.lingua.2006.11.004

Boersma, Paul. 2011. A programme for bidirectional phonology and phonetics and their acquisition and evolution. In Benz, Anton & Mattausch, Jason (eds.), *Bidirectional Optimality Theory*, Vol. (180), 33–72. Amsterdam: John Benjamins. DOI: https://doi.org/10.1075/la.180.02boe

Boersma, P., & Hamann, S. (2009). Introduction: Models of phonology in perception. In P. Boersma & S. Hamann (Eds.), *Phonology in Perception* (pp. 1–24). Mouton de Gruyter. https://doi.org/10.1515/9783110219234.1

Flege, J. E. (1995). Second language speech learning: Theory, findings, and problems. In W. Strange (Ed.), *Speech Perception and Linguistic Experience: Issues in Cross-Language Research* (pp. 233–277). York Press.

Flege, J. E., & Bohn, O.-S. (2021). The revised Speech Learning Model (SLM-r). In R. Wayland (Ed.), *Second Language Speech Learning: Theoretical and Empirical Progress* (pp. 3–83). Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/9781108886901.002

Grosjean, F. (1998). Studying bilinguals: Methodological and conceptual issues. *Bilingualism: Language and Cognition*, 1(2), 131–149.

Grosjean, F. (2001). The bilingual's language modes. In J. L. Nicol (Ed.), *One Mind, Two Languages: Bilingual Language Processing* (pp. 1–22). Blackwell.

Grosjean, F. (2008). *Studying Bilinguals*. Oxford University Press.

Comunicações orais e pósteres

A perceção do sândi T3 do chinês mandarim por falantes de herança e aprendentes L2

Aira Nosolini,[1] Cristina Flores & Chao Zhou

Palavras-chave: Perceção tonal; sândi T3; falantes de herança; aprendentes L2

O chinês mandarim é uma língua tonal cujas mudanças na altura e no contorno de F0 assinalam distinções lexicais. O mandarim contém 4 tons lexicais: T1 (alto-plano), T2 (ascendente), T3 (decrescente-crescente) e T4 (descendente). Quando uma palavra apresenta dois T3s consecutivos, é obrigatório que a sua realização fonética sofra uma alteração (T3T3 –> T2T3). Este processo designa-se por sândi T3 (Duanmu, 2007). O sândi T3 é um processo muito robusto na gramática do mandarim, uma vez que os falantes nativos o aplicam sistematicamente a palavras novas ou pseudo-palavras (Chen et al., 2015; Chien et al., 2016).

Embora estudos prévios demonstrem que o sândi pode constituir um desafio para aprendentes de L2 (Wang, 2006; Hao, 2012), a natureza exata desta dificuldade permanece por esclarecer. Os modelos teóricos (PAM-L2: Best & Tyler, 2007 e SLM: Flege, 1995) apontam para uma origem percetiva, ao passo que estudos experimentais recentes sugerem dificuldades ao nível fono-lexical (e.g. Pelzl et al., 2019). O primeiro objetivo deste estudo é verificar se os aprendentes de mandarim L2 portugueses apresentam as mesmas dificuldades e, subsequentemente, apurar qual a dimensão responsável. Para além disso, o conhecimento atual sobre a aquisição deste processo por falantes de herança é ainda muito limitado, devido à escassez de estudos (Chen, 2020). O nosso segundo objetivo consiste, portanto, em examinar como o sândi T3 é representado na gramática desta população em comparação com os falantes nativos e os aprendentes L2.

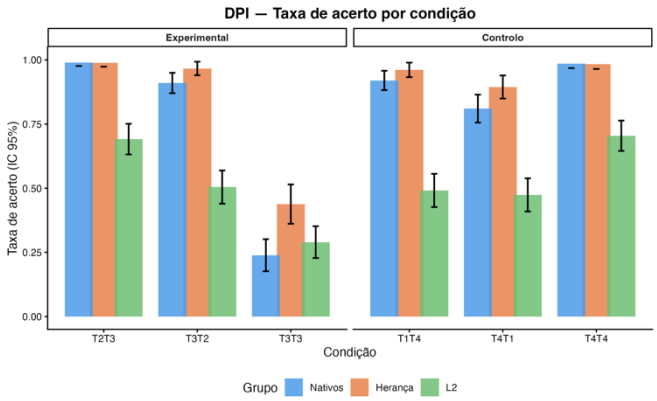
Neste âmbito, elaboraram-se duas tarefas, que foram realizadas por 20 falantes nativos de mandarim, 18 falantes de herança de mandarim (língua societal: PE) e 23 aprendentes L2 (L1:PE). Na primeira tarefa (Discriminação AXB), os estímulos consistiram em pseudo-palavras com duas sílabas idênticas, apresentando as seguintes combinações tonais (e.g. Condição T3T3: [ba3ba3], [ba2ba3], [ba3ba2]; Condição T4T4: [ba4ba4], [ba1ba4], [ba4ba1]). A comparação entre [ba3ba3] (forma canónica de T3T3) e /ba2ba3/ (forma sândi de T3T3) permite testar se a dificuldade com o sândi é causada pela confusão na perceção pré-lexical. Os resultados mostram que todos os grupos atingiram taxas de acertos elevadas: nativos (M= 0,94), falantes de herança (M= 0,97) e aprendentes de L2 (M= 0,91), não se observando, portanto, uma dificuldade percetiva global. Contudo, apenas os falantes nativos apresentaram uma diferença significativa entre as condições T3T2–T3T3 e T2T3–T3T3, evidenciando uma menor discriminação da sequência T2T3 relativamente a T3T3. Na segunda tarefa (Deteção de Pronúncia Incorreta), os estímulos consistiram em palavras reais apresentando combinações tonais idênticas à tarefa pré-lexical (i.e., T3T3 e T4T4). Para cada palavra-alvo de T3T3, os participantes viram uma imagem representativa e ouviram uma das seguintes formas fonéticas: [T3T3] (forma canónica), [T2T3] (forma sândi) e [T3T2] (forma incorreta). Conforme os resultados apresentados no gráfico 1, os aprendentes L2 aceitam quase igualmente a produção do sândi e a forma canónica. Apresentaram uma menor taxa de rejeição da pronúncia incorreta [T3T2] em comparação com os outros dois grupos. Estes resultados, analisados pela regressão logística com efeitos mistos, são compatíveis com uma representação fono-lexical menos precisa nos aprendentes L2, apesar do desempenho elevado observado na tarefa pré-lexical. Em relação aos outros dois grupos, tanto os falantes nativos como os falantes de herança apresentam preferência

[1] Contacto: PG56336@uminho.pt

pela forma sândi [T2T3]. Contudo, diferenciam-se na aceitação da produção canónica [T3T3]: os falantes de herança rejeitam esta forma com maior frequência do que os falantes nativos, o que sugere que [T3T3] pode estar representada no seu léxico, embora com uma força representacional menor do que [T2T3].

Em suma, os resultados deste estudo sugerem que as dificuldades dos aprendentes L2 com o sândi T3 não se manifestam predominantemente ao nível da perceção pré-lexical, mas estão associadas ao processamento fono-lexical. Os falantes de herança, por sua vez, apresentam um padrão distinto dos falantes nativos, nomeadamente na aceitação da forma canónica [T3T3].

Gráfico 1 – Taxa de aceitação na tarefa de deteção de pronúncia incorreta



Referências

Best, C. T., & Tyler, M. D. (2007). Nonnative and second-language speech perception: Commonalities and complementarities. In M. J. Munro & O.-S. Bohn (Eds.), *Second language speech learning: The role of language experience in speech perception and production* (pp. 13–34). John Benjamins.

Chen, A., Liu, L., & Kager, R. (2015). Cross-linguistic perception of Mandarin tone sandhi. *Language Sciences, 48*, 62–69. https://doi.org/10.1016/j.langsci.2014.12.002

Chien, Y. F., Sereno, J. A., & Zhang, J. (2016). Priming the representation of Mandarin tone 3 sandhi words. Language, *Cognition and Neuroscience, 31*(2), 179–189. https://doi.org/10.1080/23273798.2015.-1064976

Chen, C. (2020). *The acquisition of Mandarin by heritage speakers and second language learners: The case of tone sandhi perception*. PhD thesis. University of Illinois at Urbana-Champaign

Duanmu, S. (2007). *The phonology of standard Chinese*. Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oso/9780199215782.001.0001

Flege, J. E. (1995). Second language speech learning: Theory, findings and problems. In W. Strange (Ed.), *Speech perception and linguistic experience: Issues in cross-language research* (pp. 233-277). Balti more: York Press.

Hao, Y. C. (2012). Second language acquisition of Mandarin Chinese tones by tonal and nontonal language speakers. *Journal of Phonetics, 40*, 269–279. https://doi.org/10.1016/j.wocn.2011.11.001

Pelzl, E., Lau, E. F., Guo, T., & DeKeyser, R. (2019). Advanced second language learners' perception of lexical tone contrasts. *Studies in Second Language Acquisition, 41*(1), 59–86. https://doi.org/10/gs98g5

Wang, X. (2006). Perception of L2 tones: L1 lexical tone experience may not help. In R. Hoffmann & H. Mixdorff (Eds.), *The Proceedings of the Third International Conference on Speech Prosody* (pp. 85–88). Dresden: TUD Press.

Revisitando o movimento do verbo em inglês L2: Dados de aprendentes portugueses

Alexandra Fiéis[1] & Joana Teixeira

Palavras-chave: aquisição de L2; movimento do verbo; transferência linguística; português europeu; inglês L2

O movimento do verbo tem sido amplamente investigado na aquisição de L2, particularmente nas combinações francês L1 (uma língua com movimento do verbo) – inglês L2 (uma língua sem movimento do verbo) (cf. White, 2024). No entanto, permanece pouco explorado em combinações de línguas em que a L1, embora permita movimento do verbo, não apresenta o padrão categórico encontrado no francês, como é o caso do português europeu (PE). Adotando a hipótese de *split IP* de Pollock (1989), Costa (2004) propõe que, no PE, ao contrário do que acontece em francês, o verbo sobe para T e não para o núcleo mais alto no domínio de IP. Consequentemente, enquanto o francês apenas permite a ordem SVAO (1), o PE permite que a adjacência sujeito–verbo seja interrompida por advérbios como *frequentemente*, que podem adjungir-se quer ao VP quer ao TP, dando origem tanto a ordens SVAO como SAVO (2). Em contraste, com advérbios baixos como *bem*, que Costa (2004) considera marcar a fronteira esquerda do VP em PE, apenas a ordem SVAO é gramatical (3). Assim, em combinações PE L1 – inglês L2, as diferenças entre a L1 e a L2 são menos salientes do que em francês L1 – inglês L2, o que pode conduzir a dificuldades prolongadas na reestruturação gramatical.

O presente estudo investiga a aquisição do movimento do verbo em inglês L2 por falantes nativos de PE. Os participantes foram 51 aprendentes adultos de inglês L2 com L1 PE (17 de nível B2, 17 C1 e 17 C2) e 17 falantes nativos adultos de inglês, que constituíram o grupo de controlo. Foram aplicadas duas tarefas de juízos de aceitabilidade rápidas que testavam dois fenómenos relacionados com o movimento do verbo: a colocação do advérbio e as interrogativas-*wh*. A tarefa sobre a colocação do advérbio tinha um desenho 2x2, cruzando as variáveis *tipo de advérbio* (baixo vs. alto) e *posição do advérbio* (pré-verbal vs. pós-verbal). A tarefa sobre interrogativas-*wh* tinha um desenho 2x3, cruzando as variáveis *tipo de interrogativa* (direta vs. indireta) e *ordem de palavras* (whVS vs. whAuxSV vs. whSV) (ver Figura 1).

Os resultados mostram que os falantes nativos aceitam a ordem SAVO e rejeitam SVAO, independentemente do tipo de advérbio. Em interrogativas, rejeitam consistentemente o movimento do verbo, considerando gramaticais apenas a ordem whAuxSV em interrogativas diretas e a ordem whSV em interrogativas indiretas. Em contraste, os aprendentes de L2 permitem movimento do verbo até ao nível C1. Embora aceitem a ordem-alvo SAVO em todos os níveis, até ao C1, não rejeitam a ordem SVAO. Observa-se, contudo, um efeito do tipo de advérbio: SVAO é aceite com advérbios baixos, que no PE só são compatíveis com essa ordem, mas não com advérbios altos, que na L1 admitem tanto SAVO como SVAO. Nas interrogativas diretas, os aprendentes aceitam a ordem gramatical do inglês whAuxSV e rejeitam whSV, que é agramatical tanto em inglês como em PE. Contudo, até ao nível C1, não rejeitam a ordem whVS, que envolve movimento do verbo. Um padrão semelhante surge nas interrogativas indiretas. Embora aceitem adequadamente whSV, os aprendentes dos níveis B2 e C1 aceitam whVS, uma estrutura permitida na sua L1.

Estes resultados indicam que os aprendentes transferem o movimento do verbo da sua L1 para a L2 e têm dificuldade em eliminar esse movimento (e as ordens de palavras daí resultantes) da sua

[1] Contacto: afieis@fcsh.unl.pt

interlíngua, mesmo após adquirirem as ordens gramaticais do inglês. Ao contrário do que tem sido reportado para francês L1 – inglês L2 (cf. White, 2024), em que a colocação do advérbio é o único fenómeno que gera dificuldades persistentes, no caso da combinação PE L1 – inglês L2, não existem diferenças entre interrogativas e colocação do advérbio, verificando-se que o movimento do verbo é admitido ambos os contextos até estádios avançados. Possivelmente, esta assimetria entre aprendentes portugueses e franceses deve-se ao facto de a estratégia de formação de interrogativas com movimento de V-para-C ser uma opção marcada em francês, associada a um registo elevado (*français soutenu*) (Kellert, 2017), enquanto, em PE padrão, constitui uma estratégia relativamente comum. Este facto, combinado com a observação de que os aprendentes portugueses apenas têm dificuldade em rejeitar SVAO com os advérbios que forçam esta ordem na sua L1 (os advérbios baixos), sugere que as propriedades relacionadas com o movimento do verbo frequentes na L1 são mais facilmente transferidas e mais difíceis de eliminar das interlínguas. Estes resultados mostram que propriedades estritamente sintáticas como o movimento do verbo podem constituir uma fonte de dificuldade persistente na aquisição de L2.

Exemplos

(1) a. Jean lit souvent ce livre.
b. *Jean souvent lit ce livre.
(2) a. O João lê frequentemente este livro.
b. O João frequentemente lê este livro.
(3) a. O João comeu bem a sopa.
b. *O João bem comeu a sopa.

Figura 1. Frases de exemplo das tarefas de juízos de aceitabilidade

Timed acceptability judgement task on adverb placement

Type of adverb	Adverb position	
	Pre-verbal	Post-verbal
High adverb (often)	*My brother often makes jokes.*	*This student makes often mistakes.*
Low adverb (completely)	*The spokesperson completely denies the accusations.*	*The politician denies completely the allegations.*

Timed acceptability judgement task on interrogatives

Word order	Type of wh-interrogative	
	Direct	Indirect
whVS	*To whom belongs this coat on the hanger?*	*She wonders to whom belongs the suitcase in the hallway.*
whAuxSV	*To whom does the suitcase in the hallway belong?*	*They asked to whom does the car in the driveway belong.*
whSV	*To whom the car in the driveway belongs?*	*She asked to whom this coat on the hanger belongs.*

Referências

Costa, J. (2004). *Subject Positions and Interfaces: The Case of European Portuguese*. Mouton de Gruyter.

Kellert, O. (2017). Interrogatives. In A. Dufter & E. Stark (Eds.), *Morphosyntax and syntax* (pp. 569–603). De Gruyter.

Pollock, J.-Y. (1989). Verb movement, Universal Grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20(3), 365–424.

White, L. (2024). Verb movement. In T. Ionin, S. Montrul, & R. Slabakova (Eds.), *The Routledge handbook of second language acquisition, morphosyntax, and semantics* (1st ed., pp. 415–428). Routledge.

A aquisição de verbos copulativos em PLE na perspetiva da Hipótese da Interface

Ana Espírito Santo,[1] Anabela Gonçalves & Nélia Alexandre

Palavras-chave: Aquisição de PE L2; Verbos Copulativos; Interface Sintaxe-Semântica

Enquadramento: Este estudo investiga a aquisição de construções copulativas em Português Europeu (PE) por aprendentes chineses, no quadro da Hipótese da Interface (HI) ([1]–[8]). A HI propõe que as interfaces linguísticas são particularmente vulneráveis na aquisição de L2 por adultos, originando atrasos e opcionalidade residual. Alguns estudos sugerem ainda que essas dificuldades não são uniformes, sendo a interface sintaxe-pragmática mais exigente do que a sintaxe-semântica ([5]; [7]). Assumindo que a semântica é mediada pela sintaxe, prevê-se que as propriedades sintático-semânticas sejam mais acessíveis do que as sintático-pragmáticas, embora mais complexas do que a sintaxe restrita ([9]). As construções copulativas constituem um terreno privilegiado para testar a interface sintaxe-semântica, dada a variação interlinguística na codificação de traços semânticos no esqueleto frásico. Em PE, em contextos locativos, a seleção da cópula depende das propriedades da entidade localizada: estar ocorre com entidades móveis sem mudança de localização (1), enquanto ficar é preferido quando há mudança ((2), [10]). Entidades não móveis podem ocorrer com ser ou ficar (3). Assim, estar restringe-se a entidades móveis e ser a não móveis, ao passo que ficar ocorre em ambos os contextos, gerando ambiguidade no input. Em contraste, o chinês recorre ao coverbo zài ('estar em') em contextos locativos, sem codificar as distinções copulativas do PE (4). Estudos de L2 identificam ainda uma hierarquia de dificuldade, sendo a localização com estar a menos exigente ([11]–[13]).

Questões de investigação: (i) Os aprendentes chineses de PE L2 são sensíveis aos traços semânticos associados aos verbos copulativos do PE, selecionando adequadamente o verbo na localização de objetos? (ii) Os aprendentes recorrem a um verbo copulativo por defeito?

Hipóteses: Os aprendentes (H1) usam adequadamente estar para localizar entidades móveis sem mudança; (H2) alternam entre ser e ficar para localizar entidades não móveis; (H3) (sobre)generalizam o uso de estar aos contextos locativos, dado que este tende a ser o verbo copulativo que menos dificuldades lhes coloca ([11]–[13]).

Método: 36 aprendentes chineses de PE de nível intermédio, 36 de nível avançado e 30 falantes nativos de PE (controlo) participaram numa tarefa de produção oral incluindo 12 itens-alvo (6 com entidades móveis sem mudança (1) e 6 com entidades não móveis (2)) e 22 distratores.

Resultados: Os aprendentes identificam estar como verbo copulativo preferencial para localizar entidades móveis sem mudança, mas o seu uso não é categórico. Intermédios (χ^2 = 50,80, p < .001) e avançados (χ^2 = 22,83, p < .001) diferem dos nativos, com redução de χ^2 a indicar progresso sem convergência plena. No nível intermédio, há subutilização de estar (−7,11) e sobreutilização de ficar (6,05) e de ser (3,21), com desvios ainda no nível avançado (−4,77; 4,49). Para nomes não móveis, as diferenças são menores (Intermédio: χ^2 = 15,36, p < .001; Avançado: χ^2 = 7,63, p = .022): os intermédios sobreutilizam ficar (3,89) e subutilizam ser (−2,79) e os avançados aproximam-se do alvo (2,73; −2,01).

Conclusão: Os aprendentes chineses de PE são sensíveis às restrições semânticas da seleção copulativa, mas exibem variabilidade não alvo, sobretudo com entidades móveis. A H1 é parcialmente confirmada (subutilização de estar); a H2 é corroborada, com diminuição da

[1] Contacto: ana.espiritosanto@gmail.com

variabilidade; e a H3 não se confirma, verificando-se antes sobregeneralização de ficar. Globalmente, os resultados apoiam a HI, evidenciando opcionalidade residual e sugerindo que a ambiguidade do input e a concorrência forma-significado dificultam a convergência plena.

Exemplos:

(1) [O relógio][+mobile] está na parede.

(2) Afinal, [o carro] [+mobile] ficou na garagem.

(3) [A montanha do Pico][+non-mobile] é/fica nos Açores.

(4) Ta zài xuéxiào.

'He is at school' (Sun 2006: 157)

Referências

[1] Belletti, A., & Leonini, C. (2004). Subject inversion in L2 Italian. EUROSLA Yearbook, 4, 95-118.

[2] Papp, S. (2000). Stable and developmental optionality in native and non-native Hungarian Grammars. Second Language Research, 16, 173-200.

[3] Sorace, A. (2004). Native language attrition and developmental instability at the syntax-discourse interface: Data, interpretations and methods. Bilingualism: Language and Cognition, 7, 143-145.

[4] Sorace, A., & Filiaci, F. (2006). Anaphora Resolution in Near-Native Speakers of Italian. Second Language Research, 22(3), 339-368.

[5] Tsimpli, I. M., & Sorace, A. (2006). Differentiating interfaces: L2 performance in syntax-semantics and syntax-discourse phenomena. Proceedings of the Annual Boston University Conference on Language Development, 30(2), 653-664.

[6] Unsworth, S. (2004). On the syntax-semantics interface in Dutch: Adult and child L2 acquisition compared. IRAL, 42(2), 173-187.

[7] Valenzuela, E. (2006). L2 end state grammars and incomplete acquisition of Spanish CLLD constructions. In R. Slabakova, S. Montrul and P. Prevost (eds.), Inquiries in Linguistic Development: In Honor of Lydia White, 283-304. Amsterdam, Johns Benjamins.

[8] Teixeira, J. (2017). Será a interface sintaxe-discurso necessariamente um locus de opcionalidade em L2? O caso da inversão locativa em inglês L2. Revista da Associação Portuguesa de Linguística, 3(9), 347-386.

[9] Iverson, M., & Rothman, J. (2008). The syntax-semantics interface in L2 acquisition: Genericity and inflected infinitive complements in non-native Portuguese. In Selected proceedings of the 10th Hispanic linguistic symposium (pp. 78-92). Somerville, MA: Cascadilla Proc. Project.

[10] Cunha, L. F. (2004). Ficar. In Semântica das predicações estativas:Para uma caracterização aspetual dos estados (pp. 132–137). Universidade do Porto. (Tese de doutoramento)

[11] Espírito Santo, A., Gonçalves, A., & Alexandre, N. (2026). The acquisition of copular constructions in European Portuguese by Chinese native speakers: A nanoparameter effect. Journal of Second Language Studies, 9(1), 45-81.

[12] Perpiñán, S., Marín, R., & Moreno Villamar, I. (2020). The role of aspect in the acquisition of ser and estar in locative contexts by English-speaking learners of Spanish. Language Acquisition, 27(1), 35–67.

[13] Perpiñán, S., & Marín, R. (2021). Aspect in the acquisition of the Spanish locative paradigm by Italian L2 learners. In S. Baauw, F. Drijkoningen, & L. Meroni (Eds.), Current issues in linguistic theory (pp. 192–204). John Benjamins.

Relativização com *onde* no PE: efeitos de definitude e eventividade

Ana Espírito Santo,[1] Rita Gonçalves & Nélia Alexandre

Palavras-chave: relativização não física; onde; gramaticalização

Na literatura sobre estruturas de relativização, no português europeu (PE), há evidência de que *onde*, *em que* e *no qual* apresentam uma distribuição equivalente com antecedentes [-Locativos] [1]. Adicionalmente, estudos baseados em dados de corpora sobre o italiano e variedades africanas do português ([2]; [3], respetivamente) mostraram que há uma preferência pelo uso de *onde* em contextos em que o antecedente é [+Def]. Não obstante, estes são questionados por dados experimentais que não apontam para um efeito desta variável em contextos de relativização não física [1]. A seleção de *onde*, nestes contextos, no PE e noutras variedades do português, também tem sido associada ao traço [+Event] do antecedente ([1]; [4]).

Com base na análise de dados de uma tarefa de juízos de aceitabilidade incidindo sobre contextos de relativização com antecedentes [-Locativos], constituem objetivos desta comunicação responder às seguintes questões de investigação: QI.1. O uso de *onde* é determinado pelo traço [+Def] do antecedente ou não se observa o efeito da variável 'definitude'? QI.2. A variável 'eventividade' do antecedente exerce um efeito na aceitabilidade do uso de *onde*? Colocam-se assim as seguintes hipóteses: H1 – Dada a natureza experimental dos dados, diferentes dos extraídos de corpora, prevê-se que estruturas com antecedentes [±Def] não apresentem diferenças significativas nas taxas de aceitabilidade; H2 – Espera-se que os informantes atribuam valores mais altos a contextos de relativização com antecedentes [+Event].

Para dar resposta a estas questões de investigação, foi aplicada uma tarefa de juízos de aceitabilidade a 102 participantes, em que lhes foi pedido que avaliassem 36 itens experimentais (6 itens x 6 condições) e 65 itens distratores, selecionando o valor mais adequado numa escala de Likert de 4 pontos, incluindo antecedentes [±Event], [±Def] e [Bare].

Os resultados obtidos mostram que as frases com antecedente [+Def] são sistematicamente avaliadas como menos aceitáveis do que aquelas com antecedentes [-Def] e [Bare], sendo estas diferenças estatisticamente significativas (Kruskal–Wallis, $p < .001$). Comparações pós-hoc confirmam diferenças significativas entre [+Def] e [-Def] ($p < .001$) e entre [+Def] e [Bare] ($p < .001$), mas não entre [-Def] e [Bare] ($p = 1.00$; médias: 3,21 vs. 3,22), indicando que o traço [+Def] é o principal responsável pela redução da aceitabilidade (cf. Gráfico 1). Quanto à 'eventividade', frases com antecedente [+Event] são ligeiramente mais aceitáveis do que com antecedentes [-Event]. Os resultados do teste de Wilcoxon indicam que esta diferença é estatisticamente significativa ($W = 1.571.251$, $p < .001$), apesar da proximidade das médias (3,20 vs. 3,07) (Gráfico 2). A interação entre estes dois fatores revela que o efeito da 'eventividade' não é uniforme. A combinação [-Def, +Event] é globalmente a mais aceite ($p < .001$ vs. todas as condições [+Def]), sugerindo que a eventividade desempenha um papel secundário condicionado pelo traço [-Def].

Relativamente à QI.1., estes resultados sugerem que a 'definitude' constitui a principal restrição sobre a aceitabilidade, infirmando a H1. Dado que os participantes preferem o uso de *onde* em contextos em que o antecedente é [-Def], estes dados também não suportam os resultados obtidos com dados de *corpora*, em que o traço [+Def] favorece o uso de *onde*. Esta tendência pode ser atribuída a um processo de gramaticalização de *onde* que, tal como descrito para *where*, em inglês [5], mantém o seu valor locativo quando funciona como advérbio relativo, mas perde esse valor

[1] Contacto: ana.espiritosanto@gmail.com

quando funciona como um complementador relativo, associado a nomes antecedentes menos concretos ou [-Def] (como *uma assembleia*, *uma visita*) e *bare* (e.g., *reuniões, exposições*). Por outro lado, confirma-se a H2, segundo a qual os informantes atribuem valores mais altos a contextos de relativização com antecedentes [+Event], o que pode ser explicado pela dimensão temporal interna de localização e duração dos nomes eventivos [6].

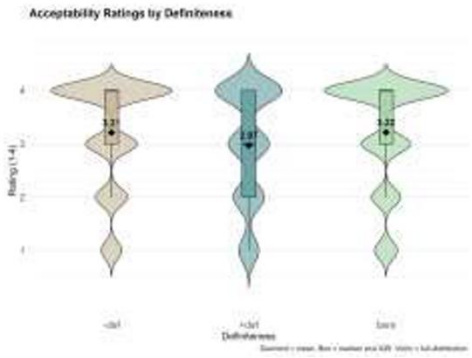


Gráfico 1 - Média de aceitabilidade tendo em conta o traço 'definitude'

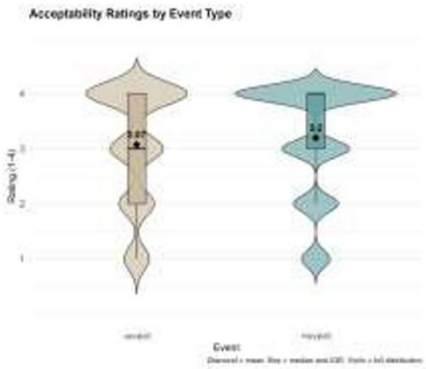


Gráfico 2 - Média de aceitabilidade tendo em conta o traço 'eventividade'

Referências

[1] Espírito Santo, A., Gonçalves, R., & Alexandre, N. (no prelo). "Este é um problema onde a sua prevenção tem de ser começada nas escolas...": a polifuncionalidade de 'onde' em Português Europeu. *Études Romanes de Brno 2*.

[2] Ballarè, S. & Micheli, M. (2018). Usi di dove nell'italiano contemporaneo: costruzioni relative e dinamiche di ristandardizzazione. *Linguistica e Filologia 38*, 29-56. https://dx.doi.org/10.6092/LeF_38_p29

[3] Hagemeijer, T., Gonçalves, R. & Alexandre, N. (2024). Spatial Locative Relativization in Three African Varieties of Portuguese: Unity in Diversity and Diversity in Unity. *Languages* 9(3), 83. https://doi.org/10.3390/languages9030083

[4] Alexandre, N. & Lopes, F. (2022). Onde[REL] em PCV: contacto linguístico ou mudança interna? In Figueiredo, C., Gonçalves, R., Hagemeijer, T., & Oliveira, M. (Eds.). *Novas dinâmicas do português no Atlântico: África e Brasil* (pp. 135-160). Lisbon International Press.

[5] Brook, M. (2011). One of those situations where a relative pronoun becomes a complementizer: a case of grammaticalization in action...again. Actes du congrès annuel de l'Association canadienne de linguistique 2011. pp. 1-7. Université du Nouveau-Brunswick, Fredericton, 28-30 May.

[6] Raposo, E. B. P. (2013). Nomes eventivos. In Raposo, E. P. et al. (Orgs.). *Gramática do Português*. vol. I (pp. 988-989). Fundação Calouste Gulbenkian.

Padrões linguístico-discursivos e retórico-funcionais na titulação jornalística: um estudo comparativo entre reportagens de divulgação e de não divulgação científica

Ana Filipa Fonseca,[1] Fátima Silva & Matilde Gonçalves

Palavras-chave: titulação jornalística; reportagem; divulgação científica; análise retórico-funcional

O título constitui uma unidade estratégica do texto jornalístico, desempenhando funções variadas. Para além da função apelativa e das funções informativa e de síntese, o título contribui ainda para o enquadramento cognitivo da informação, ativando conhecimentos prévios e orientando a interpretação (Verdade, 2024). Estas funções assumem particular relevância na reportagem, um género jornalístico híbrido que articula dimensões informativas e narrativas e cuja função central é interpretar e tornar inteligível a realidade (Cruz, 2018). Assim, o estudo dos títulos permite compreender como se constrói a relação entre a informação, a interpretação e o envolvimento do leitor na reportagem, o que tem sido um tópico privilegiado na investigação sobre reportagens de divulgação científica (e.g., Leibruder, 2000; Fonseca, 2021). Embora existam vários estudos sobre a titulação no discurso jornalístico em português, o seu enfoque recai sobretudo na construção linguística e discursiva do título e na identificação das suas funções (e.g. Coimbra, 1999; Bastos & Barreto, 2014), sendo mais escassa a sua articulação com diferentes géneros textuais (e.g. Verdade, 2024) e a possibilidade de distinguir diferentes realizações do mesmo género.

Este estudo pretende contribuir para um melhor conhecimento do género reportagem, a partir das seguintes questões: i) Que diferenças linguístico-discursivas se observam nos títulos de reportagens de divulgação científica (RDC) e de não divulgação científica (RNDC)? ii) Em que medida podem essas diferenças constituir indicadores da distinção entre estes dois tipos de reportagem? Estas questões articulam-se com três objetivos: i) caracterizar padrões linguístico-discursivos e retórico-funcionais dos títulos em ambos os tipos de reportagem; ii) comparar os resultados com base nos títulos; e iii) discutir o contributo da titulação para a sua distinção.

Para a sua consecução, procedeu-se à análise de um corpus de 160 títulos (80 de RDC e 80 de RNDC), extraídos de reportagens publicadas no jornal *Público* entre 2018 e 2025. A seleção das reportagens baseou-se em critérios internos de identificação genológica (tais como estrutura, densidade informativa, mobilização de fontes e propósito comunicativo), sendo posteriormente classificadas como de divulgação científica ou não divulgação científica, com base no tema dominante, no objetivo comunicativo e no foco discursivo. A análise dos títulos segue uma abordagem multidimensional, articulando linguística textual, análise do discurso e análise retórico-funcional, nomeadamente no que diz respeito à adaptação do modelo CARS de Swales (1990) ao género RDC, proposta por Santos e Ramos (2021) e, posteriormente, adaptada por Fonseca (2021). A análise dos dados integra cinco dimensões: i) estrutura sintática e extensão do título; ii) léxico (terminologia especializada, expressões figuradas e intertextuais); iii) função discursiva (informativa, explicativa, avaliativa ou narrativa); iv) enunciação (presença de citação, tipo de voz e função da citação); e v) subfunção retórica (estratégias de captação epistémica, afetiva, narrativa ou interrogativa).

Resultados preliminares mostram que os títulos das RDC privilegiam maior densidade terminológica e formulações denotativas, além de funções de explicação e problematização (*Vacina*

[1] Contacto: anafilipul@hotmail.com

experimental mostra resultados promissores contra tumor cerebral, RDC26), recorrendo ainda a estruturas interrogativas que projetam hipóteses e mobilizam a curiosidade do leitor (*Bactérias do Paleolítico, a medicina do futuro?*, RDC16). Em contrapartida, os títulos das RNDC optam mais frequentemente por estruturas narrativas, pela construção de personagens e pelo uso de recursos expressivos (*Ashpak não sabe como sair da Cabeça Gorda*. *Aldeia entrou no mapa dos imigrantes explorados*, RNDC1), bem como pela citação direta com valor testemunhal (*Fogo em São Teotónio: "E assim começou o inferno"*, RNDC6; *"Fartos de escolher, pagar a renda ou comer"*, RNDC52). Estas diferenças refletem-se também no plano enunciativo: nas RNDC observa-se maior presença de citação direta, associada à humanização da experiência social, enquanto nas RDC se verifica maior controle na sua utilização, sobretudo ao serviço da explicação ou da legitimação científica (*Cancro da próstata: "Não temos muitos dados fidedignos em Portugal"*, RDC59).

Em conjunto, estes resultados sugerem que os títulos refletem não só modos distintos de mediação discursiva, mas também antecipam configurações diferenciadas do género reportagem, constituindo um espaço privilegiado de inscrição das suas lógicas discursivas e contribuindo para a sua caracterização e para a distinção de diferentes tipos de reportagem.

Referências

Bastos, A. M., & Barreto, T. (2014). Funções discursivas do título jornalístico: entre a informação e a persuasão. *Revista Diadorim*, 16(2), 159-178.

Coimbra, R. L. (1999). *Estudo linguístico dos títulos de imprensa em Portugal: A linguagem metafórica* [Tese de doutoramento, Universidade de Aveiro].

Cruz, A. R. S. (2018). *A Reportagem no Jornal de Notícias* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto].

Fonseca, A. F. (2021). *A reportagem de divulgação científica na revista Superinteressante: contributo para a caracterização do género* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto].

Leibruder, A. P. (2000). O discurso de divulgação científica. In H.N. Brandão (Coord.), *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica* (pp. 229-269). Cortez.

Santos, T. G. & Ramos, W. C. (2021). A organização retórica do gênero textual reportagem de divulgação científica. *D.E.L.T.A.*, 37(2), 1-25.

Swales, J. M. (1990). *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge (UK); New York: Cambridge University Press.

Verdade, A. F. L T. (2024). *Intertextualidade em titulação jornalística: Estudo comparado entre O Globo e Veja* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto].

An analysis of non-autonomous fragments in European Portuguese news reports

Ana Luísa Fernandes[1] & Nádia Canceiro

Keywords: quotative inversion; reported speech; newswire articles

News discourse is a privileged domain for speech reporting: in some articles, over 90% of clauses involve some form of report (Freitas et al., 2016, p. 1). An analysis of agency news reports in European Portuguese (EP) (Fernandes, 2025), drawing on the Text2Story Lusa Dataset (Nunes et al., 2023), shows that one of the most frequent constructions is the right-edge reportive clauses, illustrated in (1):

(1) Pelo menos sete pessoas foram mortas e outras sete ficaram feridas
At least seven people were killed and other.PL seven became injured
num ataque com uma faca no nordeste da China,
in+an attack with a knife in northeast of China,
noticiaram hoje os meios de comunicação estatais.
reported today the media of communication state

"At least seven people were killed and another seven were injured in a knife attack in northeast China, state media reported today."

Despite its prominence in journalistic discourse, this construction remains under-described in the linguistic literature on EP. Although studies such as Matos (2013), focusing on quotative inversion in European Portuguese, Peninsular Spanish and English, offer relevant insights, the specific case of postposed parentheticals with verb–subject inversion has not yet been examined systematically. It is this gap that the present study seeks to address. By analysing a corpus of 15 news items extracted from the Text2Story Lusa Dataset (Nunes et al., 2023), we will explore the structural properties and information-structural motivations underlying these constructions.

We aim to better understand: (i) the internal structure of these right-edge reportive clauses, and the sense in which they are syntactically incomplete; (ii) how they are encoded in the left periphery; and (iii) which information-structural configurations license this pattern in EP news discourse.

Our analysis demonstrates that right-edge reportive clauses, despite their apparent independence, cannot be considered fully grammatical sentences or mere syntactic accessories. Unlike optional adjuncts such as por acaso ["by chance"], these clauses constitute syntactic elements that require the presence of a host clause and lack a mandatory complement. In this sense, they align with Giorgi's (2016) characterisation of non-autonomous syntactic fragments: they require a clausal host, fail to occur as felicitous stand-alone declaratives in comparable contexts, and lack a mandatory complement (e.g., an overt clausal object), despite containing a finite quotative verb and an overt subject.

Building on the work of Collins and Branigan (1997) and Matos (2013), we argue that these clauses function as adjoined quotative parentheticals, with their structural incompleteness encoded in the CP/ForceP domain. The Force head carries assertive illocutionary force, while the movement of the CP to the TopP head reflects the topicalisation of the constituent. As proposed by Matos (2013), the observed VOS/VXS order is thus motivated by information-structural requirements, marking the subject of the host clause as topic and the reportive clause as informational focus.

[1] Contacto: ana.l.fernandes@inesctec.pt

Our analysis further accounts for the syntactic derivation of the verb and subject within these clauses: the reporting verb moves from VP to TP via AspP (in line with Suñer (2000)), acquiring aspect, tense, and agreement features, while the subject moves from Spec-VP to Spec-vP to receive nominative case, although remaining low enough to yield the observed VOS/VXS surface orders. Below, we present a simplified proposal for the syntactic structure of these constructions in EP:

(2) [ForceP [Force +decl, +parent] [TopP [Top' [Top A vítima foi encontrada junto ao rio] [TP [T' [T disse] [vP [DP fonte da polícia judiciária] [...]

This approach integrates insights from both non-derivational frameworks and interface-oriented perspectives, offering a comprehensive syntactic account that aligns with the empirical data. Our study, thus, contributes to (i) the typology of quotative inversion across languages; (ii) the syntax of integrated parentheticals; and (iii) the theory of the syntax-information-structure interface in Romance.

The EP data suggest that structural incompleteness can be grammatically encoded at ForceP, rather than being relegated to a purely pragmatic layer, and that information-structural pressures (notably the need to separate the topical host clause from a focused reportive clause) play a central role in licensing right-edge quotative fragments.

Looking ahead, future research will benefit from exploring the temporal semantics of these structures, particularly the temporal relations and anchoring between the host clause and the right-edge reportive clause.

News discourse is a privileged domain for speech reporting: in some articles, over 90% of clauses involve some form of report (Freitas et al., 2016, p. 1). An analysis of agency news reports in European Portuguese (EP) (Fernandes, 2025), drawing on the Text2Story Lusa Dataset (Nunes et al., 2023), shows that one of the most frequent constructions is the right-edge reportive clauses, illustrated in (1):

(1) *Pelo menos sete pessoas foram mortas e outras sete ficaram feridas*
At least seven people were killed and other.PL seven became injured
num ataque com uma faca no nordeste da China,
in+an attack with a knife in northeast of China,
noticiaram hoje os meios de comunicação estatais.
reported today the media of communication state
"At least seven people were killed and another seven were injured in a knife attack in northeast China, state media reported today."

Despite its prominence in journalistic discourse, this construction remains under-described in the linguistic literature on EP. Although studies such as Matos (2013), focusing on *quotative inversion* in European Portuguese, Peninsular Spanish and English, offer relevant insights, the specific case of postposed parentheticals with verb–subject inversion has not yet been examined systematically. It is this gap that the present study seeks to address. By analysing a corpus of 15 news items extracted from the *Text2Story Lusa Dataset* (Nunes et al., 2023), we will explore the structural properties and information-structural motivations underlying these constructions.

We aim to better understand: (i) the internal structure of these right-edge reportive clauses, and the sense in which they are syntactically incomplete; (ii) how they are encoded in the left periphery; and (iii) which information-structural configurations license this pattern in EP news discourse.

Our analysis demonstrates that right-edge reportive clauses, despite their apparent independence, cannot be considered fully grammatical sentences or mere syntactic accessories. Unlike optional adjuncts such as *por acaso* ["by chance"], these clauses constitute syntactic elements that require the presence of a host clause and lack a mandatory complement. In this sense,

they align with Giorgi's (2016) characterisation of non-autonomous syntactic fragments: they require a clausal host, fail to occur as felicitous stand-alone declaratives in comparable contexts, and lack a mandatory complement (e.g., an overt clausal object), despite containing a finite quotative verb and an overt subject.

Building on the work of Collins and Branigan (1999) and Matos (2013), we argue that these clauses function as adjoined quotative parentheticals, with their structural incompleteness encoded in the CP/ForceP domain. The Force head carries assertive illocutionary force, while the movement of the CP to the TopP head reflects the topicalisation of the constituent. As proposed by Matos (2013), the observed VOS/VXS order is thus motivated by information-structural requirements, marking the subject of the host clause as topic and the reportive clause as informational focus.

Our analysis further accounts for the syntactic derivation of the verb and subject within these clauses: the reporting verb moves from VP to TP via AspP (in line with Suñer (2000)), acquiring aspect, tense, and agreement features, while the subject moves from Spec-VP to Spec-vP to receive nominative case, although remaining low enough to yield the observed VOS/VXS surface orders. Below, we present a simplified proposal for the syntactic structure of these constructions in EP:

(2) [ForceP [Force +decl, +parent] [TopP [Top' [Top A vítima foi encontrada junto ao rio] [TP [T' [T disse] [vP [DP fonte da polícia judiciária] [...]

This approach integrates insights from both non-derivational frameworks and interface-oriented perspectives, offering a comprehensive syntactic account that aligns with the empirical data. Our study, thus, contributes to (i) the typology of quotative inversion across languages; (ii) the syntax of integrated parentheticals; and (iii) the theory of the syntax-information-structure interface in Romance.

The EP data suggest that structural incompleteness can be grammatically encoded at ForceP, rather than being relegated to a purely pragmatic layer, and that information-structural pressures (notably the need to separate the topical host clause from a focused reportive clause) play a central role in licensing right-edge quotative fragments.

Looking ahead, future research will benefit from exploring the temporal semantics of these structures, particularly the temporal relations and anchoring between the host clause and the right-edge reportive clause.

References

Collins, C., & Branigan, P. (1997). Quotative inversion. *NLLT, 15*(1), 1–41. DOI: 10.1023/A:1005722729974

Giorgi, A. (2016). Integrated parentheticals in quotations and free indirect discourse. In A. Capone & J. Mey (Eds.), *Indirect reports and pragmatics* (p. 471–488). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-21395-8_21

Fernandes, A. L. (2025). Estudo exploratório sobre modos de relato do discurso em notícias de agência em português europeu. *elingUP: Revista Eletrónica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto, 14*(1).

Freitas, C., Freitas, B., & Santos, D. (2016). Quemdisse? Reported speech in Portuguese.In *Proceedings of the 10th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2016)*.

Matos, G. (2013). Quotative inversion in Peninsular Portuguese and Spanish, and in English. *Catalan Journal of Linguistics, 12*, 111–130.

Nunes, S., Jorge, A., Leal, A., Sousa, H., Cantante, I., Silvano, P., & Campos, R. (2023). *Text2Story Lusa* [Dataset]. INESC TEC. https://doi.org/10.25747/ET95-BX90;

Suñer, M. (2000). The syntax of direct quotes with special reference to Spanish and English. *Natural Language & Linguistic Theory, 18*, 525–578. https://doi.org/10.1023/A:1006474231809

Para uma distinção entre leituras eventivas e referenciais em nomes do domínio médico no português europeu

Ana Luísa Fernandes[1] & Purificação Silvano

Palavras-chave: anotação semântica; leitura eventiva; leitura referencial; testes linguísticos; narrativas clínicas

A anotação semântica desempenha um papel central tanto na linguística de corpus como na linguística teórica, sendo igualmente indispensável no desenvolvimento e avaliação de modelos no âmbito do Processamento de Linguagem Natural (PLN) (Pustejovsky e Stubbs, 2012).

No domínio clínico, a anotação de textos assume particular relevância, uma vez que permite transformar narrativas médicas não estruturadas em dados estruturados e semanticamente interpretáveis. Contudo, muitos esquemas de anotação existentes tendem a tratar de modo uniforme entidades que diferem significativamente na sua natureza linguística e ontológica (cf. Campillos-Llanos et al., 2018). Por exemplo, entidades eventivas que denotam ocorrências (eventos), como "*o doente realizou um hemograma*", são frequentemente tratadas da mesma forma que entidades com estatuto referencial que desempenham um papel relevante na narrativa (participantes), como em "*o hemograma foi adicionado ao registo eletrónico do doente*". Esta uniformização de entidades ontologicamente heterogéneas dificulta o estabelecimento rigoroso de relações referenciais e anafóricas, bem como a construção de uma linha temporal coerente de eventos e estados clínicos. Torna-se, por isso, essencial adotar princípios semânticos consistentes e critérios linguísticos claros que facilitem a interpretação global da informação.

Entre os esquemas existentes, o Text2Story (Silvano et al., 2021; Leal et al., 2022) destaca-se como um esquema de anotação generalista baseado na norma ISO 24617 e adaptado ao português europeu (PE), que propõe uma abordagem de anotação em camadas, incluindo camadas temporal, referencial, espacial e de papéis semânticos. Neste enquadramento, os eventos são anotados na camada temporal, enquanto os participantes são anotados na camada referencial. No entanto, a distinção entre leituras eventivas e leituras referenciais dos nomes nem sempre é evidente, exigindo a aplicação de testes linguísticos que permitam desambiguar contextos ambíguos de forma sistemática. Esta dificuldade é particularmente evidente em narrativas clínicas, nas quais a maioria dos eventos de domínio especializado, como diagnósticos, tratamentos, sinais ou sintomas, são nomes eventivos ("leucemia", "quimioterapia", "febre") (Fernandes, 2025).

Neste trabalho, propomos um conjunto de testes linguísticos que permitem distinguir nomes com leitura eventiva de nomes com leitura referencial em contextos ambíguos. Analisamos criticamente as propostas existentes na literatura, nomeadamente Grimshaw (1990), Brito e Oliveira (1997), Borer (2003) e Roy e Soare (2013), aplicando-as diretamente aos dados (cinco relatórios médicos de doentes diagnosticados com Leucemia Mieloide Aguda e seguidos no Instituto Português de Oncologia do Porto) e evidenciando as suas limitações. A partir dessa análise, estabelecemos um conjunto de diagnósticos linguísticos que permite diferenciar de forma consistente estas duas leituras nominais. Este conjunto resulta da combinação de testes provenientes de diferentes propostas, mostrando que, isoladamente, nenhuma delas resolve cabalmente o problema.

Os testes validados foram os seguintes: (i) nomes com leitura eventiva são compatíveis com a construção *prolongou-se por x tempo* (ex., *O exame prolongou-se por meia hora.*), ao contrário dos nomes com leitura referencial (ex., **O Sistema Nervoso Central prolongou-se por meia hora.*); (ii)

[1] Contacto: ana.l.fernandes@inesctec.pt

nomes eventivos são compatíveis com construções progressivas com verbos de perceção, como *assistir* (ex., *O médico está a assistir ao exame*.), enquanto nomes referenciais não o são (ex., *O médico está a assistir ao Sistema Nervoso Central.)* ; (iii) nomes eventivos admitem um sintagma introduzida por *por*, mas não dois sintagmas introduzidas por *de* (ex., *O médico está a assistir ao exame do doente pelo radiologista/*do radiologista.)*, ao passo que nomes referenciais admitem dois sintagmas com *de* e rejeitam sintagmas com *por* (ex., *Tens aqui o exame do doente do radiologista/do radiologista do doente/*pelo radiologista*.); e (iv) nomes eventivos são compatíveis com verbos de ocorrência, como *ocorrer* ou *realizar-se (ex., O exame ocorreu/realizou-se às 15h00.)*, ao contrário dos nomes referenciais (ex., **A medula óssea ocorreu às 15h00.)*.

Estes diagnósticos contribuem para uma distinção mais sistemática entre leituras eventivas e referenciais em narrativas clínicas, oferecendo um conjunto de critérios linguísticos com potencial aplicação em tarefas de anotação, análise semântica e extração automática de informação. Em trabalho futuro, prevê-se a realização de uma experiência de anotação destinada a avaliar empiricamente se a aplicação destes testes contribui para reduzir os erros de anotação na distinção entre eventos e participantes.

Referências

Borer, H. (2003). Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations. In J. Moore & M. Polinsky (Eds.*), The nature of explanation in linguistic theory*. CSLI & University of Chicago Press.

Brito, A. M., & Oliveira, F. (1997). Nominalization, aspect and argument structure. In I. Faria, G. Matos, M. de Miguel, & I. Duarte (Eds.), *Interfaces in linguistic theory* (pp. 57–80). Porto, Portugal.

Campillos-Llanos, L., Deléger, L., Grouin, C., Hamon, T., Ligozat, A.-L., & Névéol, A. (2018). A French clinical corpus with comprehensive semantic annotations: Development of the Medical Entity and Relation LIMSI annotated Text corpus (MERLOT). *Language Resources and Evaluation, 52*(2), 571–601.

Fernandes, A. L. (2025). Temporal structure of clinical narratives in Portuguese (Master's thesis, University of Porto). Grimshaw, J. (1990). *Argument structure.* MIT Press.

Hovy, E., & Lavid, J. (2010). Towards a "science" of corpus annotation: A new methodological challenge for corpus linguistics. *International Journal of Translation Studies, 22*, 13–36.

Leal, A., Silvano, P., Amorim, E., Cantante, I., Silva, F., Jorge, A., & Campos, R. (2022). *The place of ISO-Space in Text2Story multilayer annotation scheme*. In *Proceedings of the 18th Joint ACL–ISO Workshop on Interoperable Semantic Annotation within LREC 2022* (pp. 61–70). European Language Resources Association.

Levi, E., & Shenhav, S. R. (2022). A decomposition-based approach for evaluating inter-annotator disagreement in narrative analysis. *arXiv preprint*.

Pustejovsky, J., & Stubbs, A. (2012). *Natural language annotation for machine learning*. O'Reilly Media, Inc.

Roy, I., & Soare, E. (2013). Event-related nominals. In *Categorization and category change* (pp. 123–152). Cambridge Scholars Publishing.

Silvano, P., Leal, A., Silva, F., Cantante, I., Oliveira, F., & Jorge, A. (2021). *Developing a multilayer semantic annotation scheme based on ISO standards for the visualization of a newswire corpus*. In *Proceedings of the 17th Joint ACL–ISO Workshop on Interoperable Semantic Annotation* (pp. 1–13). Association for Computational Linguistics.

Efeitos da ordem das orações na resolução de pronomes sujeito: dados do português europeu

Ana Madeira, Alexandra Fiéis[1] & Joana Teixeira

Palavras-chave: resolução pronominal; sujeitos nulos e plenos; estratégia da posição do antecedente; ordem das orações; português europeu

Desde Carminati (2002), tem sido proposto que a resolução de pronomes sujeitos em línguas românicas de sujeito nulo (LRSN) é guiada por uma estratégia de processamento conhecida como *estratégia da posição do antecedente* (EPA), segundo a qual, em contextos intrafrásicos, o pronome nulo retoma preferencialmente um antecedente na posição de Spec, IP, enquanto o pronome pleno prefere um antecedente que não esteja nesta posição. No entanto, investigação recente tem mostrado que a EPA é menos categórica do que inicialmente se assumia, havendo variação tanto entre línguas (Fiéis et al., 2022; Filiaci et al., 2014) como na mesma língua (Chamorro, 2018; Rocafiguera & Bel, 2022), no que respeita à interpretação de sujeitos nulos e pronominais.

Um dos fatores que tem sido apontado como responsável por variação interna na resolução de sujeitos pronominais é a ordem das orações. Estudos sobre o espanhol mostram que a EPA é seguida quando a ordem é subordinada–matriz, mas não quando é matriz–subordinada (Chamorro, 2018; Rocafiguera & Bel, 2022). Neste último caso, o pronome nulo pode recuperar tanto um antecedente sujeito como um objeto (Chamorro, 2018; Rocafiguera & Bel, 2022). Crucialmente, os pronomes plenos não são afetados pela ordem das orações. Estes resultados levaram Martín-Villena et al. (2025) a propor que pronomes nulos e plenos estão sujeitos a mecanismos de processamento distintos e que apenas os sujeitos nulos são sensíveis a fatores intralinguísticos, como a ordem das orações. Até ao momento, nenhum estudo investigou o efeito da ordem das orações em português europeu (PE). Um dos poucos fatores considerados em investigação anterior sobre o PE é a animacidade do antecedente. Os estudos existentes produziram resultados mistos: alguns sugerem que a EPA só se aplica a pronomes plenos quando o objeto é animado (Morgado et al., 2018), enquanto outros indicam que a animacidade não desempenha um papel na resolução destes pronomes (Fiéis et al., 2022).

O presente estudo investiga os efeitos da ordem das orações na interpretação de pronomes sujeito de terceira pessoa em contextos intrafrásicos globalmente ambíguos por 30 falantes nativos de PE, considerando o papel da animacidade. Foram realizadas duas tarefas de interpretação de escolha múltipla: uma com a ordem subordinada (adverbial) –matriz e outra com a ordem matriz–subordinada. As tarefas cruzaram as variáveis *animacidade do antecedente objeto* (+ humano vs. − humano) e *tipo de sujeito pronominal* (expresso vs. nulo) (ver Figuras 1 e 2).

Em ambas as tarefas, o sujeito pronominal pleno tende a recuperar o antecedente objeto, independentemente da animacidade (contra Morgado et al., 2018), enquanto o sujeito nulo é interpretado como correferente com o antecedente sujeito. Há, contudo, um efeito de ordem das orações, mas apenas na interpretação dos pronomes plenos: a preferência pelo objeto é mais forte na ordem matriz–subordinada do que na subordinada–matriz. Estes resultados indicam que o pronome pleno tem maior probabilidade de recuperar um antecedente objeto quando este o c-comanda (como na ordem matriz–subordinada), sendo, portanto, mais saliente. Em conjunto, os nossos resultados contradizem investigações anteriores sobre o espanhol, mostrando que os pronomes expressos também são sensíveis a restrições intralinguísticas.

[1] Contacto: afieis@fcsh.unl.pt

Figura 1. Frases de exemplo da tarefa com a ordem subordinada-matriz

	Objeto [+ humano]	***Objeto [- humano]***
Sujeito pleno	Quando o pai limpou o filho, ele foi para a sala.	Quando o artista limpou o quadro, ele foi para a exposição.
Sujeito nulo	Quando o pai limpou o filho, [-] foi para a sala.	Quando o artista limpou o quadro, [-] foi para a exposição.

Figura 2. Frases de exemplo da tarefa com a ordem matriz-subordinada

	Objeto [+ humano]	***Objeto [- humano]***
Sujeito pleno	O professor limpou o sobrinho quando ele veio da escola.	O artista limpou o quadro quando ele veio da exposição.
Sujeito nulo	O professor limpou o sobrinho quando [-] veio da escola.	O artista limpou o quadro quando [-] veio da exposição.

Exemplo de item de teste: Sujeito pleno + Objeto + humano

Quando o pai limpou o filho, ele foi para a sala.

_____ foi para a sala.

o pai, o filho, nem o pai nem o filho (opções apresentadas aleatoriamente)

Referências

Carminati, M. N. (2002). *The processing of Italian subject pronouns*. PhD thesis, University of Massachusetts at Amherst.

Chamorro, G. (2018). Offline interpretation of subject pronouns by native speakers of Spanish. *Glossa: A Journal of General Linguistics*, 3(1), 27.

Fiéis, A., Madeira, A., & Teixeira, J. (2022). Microvariation in the resolution of pronominal subjects in Romance: European Portuguese vs. Italian. *Isogloss. Open Journal of Romance Linguistics*, 8(5), 1-20.

Filiaci, F., Sorace, A., & Carreiras, M. (2014). Anaphoric biases of null and overt subjects in Italian and Spanish: a cross-linguistic comparison. *Language, Cognition and Neuroscience*, 29(7), 825-843.

Martín-Villena, F., Sorace, A., & Lozano, C. (2025). The role of subordinating conjunctions in the interpretation of null and overt subjects in native Peninsular Spanish. *Applied Psycholinguistics*, 46, Article e6.

Morgado, S., Luegi, P., & Lobo, M. (2018). Efeitos de animacidade do antecedente na resolução de pronomes sujeito. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 4, pp. 190-205.

Rocafiguera, N., & Bel, A. (2022). On the Impact of Clause Order on Pronoun Resolution: Evidence from Spanish. *Folia Linguistica*, 56(1), 1-24.

Análise de relações discursivas num "corpus" de português de escrita académica

Ana Margarida Simões,[1] Amália Mendes & Ana Luísa Costa

Palavras-chave: escrita académica; relações discursivas; coesão interfrásica; coerência textual

As relações discursivas (ou relações de coerência) têm um papel central na coesão e na coerência textuais, podendo ser estabelecidas explicitamente através de um conector (quando, porque, embora, ...) ou de uma expressão linguística alternativa (motivo pelo qual, razão pela qual...) ou podendo estar implícitas no texto, exigindo que os leitores as infiram a partir do contexto e do seu conhecimento do mundo (e.o., Mann & Thompson, 1988; Prasad et al., 2006).

Vários estudos têm revelado que uma das áreas críticas da escrita académica dos estudantes universitários portugueses consiste em problemas de coesão e de coerência textuais, nomeadamente no uso dos conectores (e. o., Cardoso et al., 2014), mostrando também fragilidades na estruturação da argumentação (Costa, 2022). No entanto, no contexto nacional, este tipo de produções ainda não tinha sido objeto de um estudo detalhado quanto à sua organização em relações discursivas (RD) com ou sem conector.

Esta comunicação pretende contribuir para o estudo de textos da ordem do argumentar do âmbito académico, escritos por estudantes do ensino superior, através da análise de cinquenta textos de opinião do Corpus of Portuguese Undergraduates' Texts, doravante, CUTe (Cardoso et al., 2014). O estudo tem como objetivos: (i) apresentar os resultados de uma anotação das RD utilizadas nos textos de opinião do CUTe; (ii) analisar as relações de causalidade e de contraste, que contribuem para a argumentação e contra-argumentação e (iii) caracterizar casos de proficiência e de áreas críticas no uso de relações discursivas nessas produções escritas, a fim de diagnosticar as áreas em que uma intervenção intencional durante a formação académica é prioritária.

Com esses objetivos, realizou-se a anotação das RD usadas nos 50 textos e a identificação dos tipos de relações (explícita, implícita, lexicalização alternativa, relação de entidade e ausência de relação) e dos valores semânticos (causa, concessão, finalidade...), seguindo o modelo do PDTB (Prasad et al., 2006). O levantamento das RD permite identificar o tipo de relação mais frequente nos textos (explícitas ou implícitas) e os sentidos dessas relações. Realizou-se, também, uma análise qualitativa dos resultados, de forma a compreender o contexto de ocorrência dessas relações e problematizar os usos de determinadas relações ou conectores, com foco especial nas relações de causalidade e de contraste.

A anotação dos 50 textos resultou num conjunto de 1146 RD. Um dos primeiros resultados que interessa discutir diz respeito à prevalência de relações explícitas (56,3%), o que contrasta com o que a análise de corpora com textos de falantes adultos proficientes tem vindo a revelar (cf. Mendes & Lejeune, 2022), já que, nestes textos, as relações implícitas são as mais frequentes (54,1%). Esta proporção de relações explícitas no CUTe poderá estar associada ao facto de, tradicionalmente, o ensino da coesão e da coerência passar por uma abordagem centrada no uso de conectores, ignorando outras formas de estabelecer relações discursivas. Veja-se, ainda assim, que quase metade das RD (43,7%) do CUTe são estabelecidas através de mecanismos que não os conectores, pelo que interessa atender ao papel dos demais tipos de relações discursivas na configuração textual. Outros aspetos a problematizar são os casos de erros e inadequações no uso de conectores,

[1] Contacto: ana.simoes.uc@gmail.com

a coocorrência de conectores, o uso repetido de conectores com e sem propósito estilístico e o recurso a mecanismos alternativos de coesão interfrásica.

Partindo do mapeamento e do diagnóstico efetuados, é possível a planificação e construção de atividades didáticas que deem resposta a uma fragilidade que poderá ser transversal a vários níveis de escolaridade e a diferentes géneros textuais.

Referências

Cardoso, A., Magro, C., Braz, J. & Nunes, T. (2014). CUTe: Corpus of Portuguese Undergraduates' Texts - Um recurso para a investigação em escrita académica em português. In A. Moreno, F. Silva, I. Falé, I. Pereira & J. Veloso (Eds.), *XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística - Textos Selecionados* (pp. 169-184). APL.

Costa, A. L. (2022). Nas margens da escrita académica. *Revista de Estudos Linguísticos da do Porto N.º Especial* (1). 55-78 https://doi.org//10.21747/16466195/ling2022v1a3

Mann, W. C. & Thompson, S. (1988). A. Rhetorical Structure Theory: Toward a Functional Theory of Text Organization. *Text, 8*(3). 243-281.

Mendes, A., & Lejeune, P. (2022). CRPC-DB – A Discourse Bank for Portuguese. In *Computational Processing of the Portuguese Language PROPOR 2022* (pp. 79-89). Springer. http://hdl.handle.net/10451/54255

Prasad, R., Miltsakaki, E., Dinesh, N., Lee, A., Joshi, A. & Webber, B. (2006). *The Penn Discourse TreeBank 1.0 Annotation manual*. University of Pennsylvania. https://catalog.ldc.upenn.edu/docs/LDC2008T05/-papers/pdtb-1.0-annotation manual.pdf

A tradução do Pretérito Perfeito Composto para francês: uma análise semântica

Anna Paula Rodrigues Marques[1]

Palavras-chave: Pretérito Perfeito Composto; aspeto; tradução literária; português europeu; francês

O Pretérito Perfeito Composto (PPC) em português europeu (PE) é uma construção morfossintática que expressa situações iniciadas no passado cuja validade se estende até ao momento da enunciação, veiculando tipicamente leituras iterativas, quando combinado com predicados eventivos, ou leituras contínuas, com predicados estativos (Oliveira & Leal, 2012, 2018). Estes valores distinguem-no de forma clara do *passé composé* do francês, que funciona como um tempo do passado com valor terminativo, sem implicar a extensão da situação ao momento da enunciação (Lejeune, 2006). Esta assimetria constitui uma fonte recorrente de dificuldades na tradução literária.

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que modo os valores temporais e aspetuais do PPC em PE são traduzidos para francês, identificando se as estratégias adotadas os preservam, transformam ou não preservam. O corpus é composto por duas obras de José Saramago — *Memorial do Convento* (1982) e *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) — e pelas respetivas traduções francesas de tradutoras distintas: *Le Dieu Manchot* (Leibrich, 1986) e *L'Année de la mort de Ricardo Reis* (Fages, 1988). O enquadramento teórico articula o modelo aspetual de Moens e Steedman (1988), a análise do PPC de Oliveira e Leal (2012, 2018) e Oliveira, Leal e Silva (2014), e a descrição do *passé composé* e de outros mecanismos do francês suscetíveis de veicular os valores do PPC.

A metodologia combina uma abordagem quantitativa e qualitativa aplicada a 93 ocorrências do PPC (excluídas 7 de equivalência pragmática). Cada ocorrência foi classificada segundo o tipo aspetual de base e a leitura contextual — iterativa ou contínua —, e alinhada com a solução tradutória correspondente, considerando não apenas o tempo verbal selecionado, mas também mecanismos compensatórios lexicais e adverbiais.

Os resultados revelam uma predominância de leituras iterativas no corpus (65%). O cruzamento com as soluções tradutórias mostra que o *passé composé* é o principal mecanismo de tradução, mas também o maior fator de não preservação dos valores do PPC: 78,7% das ocorrências iterativas não são preservadas, contra 43,7% das contínuas. Quando utilizado sem mecanismos compensatórios, o *passé composé* transforma sistematicamente leituras iterativas em eventos únicos concluídos e leituras contínuas em situações terminadas antes do momento da enunciação. A preservação dos valores do PPC depende de estratégias explícitas — verbos durativos, adjuntos com *depuis*, reformulações sintáticas — que não decorrem automaticamente da escolha do tempo verbal, mas são deliberadamente construídas.

Estes resultados corroboram que a tradução sistemática do PPC por *passé composé* constitui um erro de interpretação (Lejeune, 2006) e sublinham a necessidade de abordagens semântico-contrastivas na formação de tradutores. O trabalho contribui para o diálogo entre semântica e estudos de tradução, mostrando que a fidelidade na tradução do PPC depende da reconstrução interpretativa dos seus valores temporais e aspetuais.

[1] Contacto: up202204781@up.pt

Referências

Lejeune, P. (2006). Le prétér(it)e parfait composé en portugais : un faux ami. *Linguistique Plurielle*, 1, 63–78.

Moens, M., & Steedman, M. (1988). Temporal ontology and temporal reference. *Computational Linguistics*, 14(2), 15–28.

Oliveira, F., & Leal, A. (2012). Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em português europeu. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 7, 65–88.

Oliveira, F., & Leal, A. (2018). Sobre a natureza homogénea do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 13, 57–78.

Oliveira, F., Leal, A., & Silva, F. (2014). Pretérito perfeito composto e quantificação em português europeu. In A. Moreno et al. (Eds.), *Textos selecionados do XXIX Encontro Nacional da APL* (pp. 407–418). APL.

Raposo, E. B. P. et al. (Eds.). (2013). *Gramática do Português* (Vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Temporal Interpretation and TP Projection: Evidence from European Portuguese and Mandarin Chinese

Aoran Yang[1] & Nádia Canceiro

Keywords: TP projection; verb movement; Mandarin Chinese; European Portuguese; syntax-semantics interface

Tense and aspect have long been recognized as key interfaces between syntax and semantics. Traditionally, tense is viewed as a deictic and anaphoric category that reflects the relations between the Event Time (E), the Speech Time (S) and the Reference Time (R) as the arguments of the temporal ordering predicates (Reichenbach 1947, Comrie 1985). Aspect, by contrast, encodes the internal temporal structure of eventualities (Comrie 1976) and has also been analyzed as expressing the relation between E and R (Klein 1994). In this sense, although tense and aspect represent two distinct semantic categories, both can be formally characterized as functional projections, such as TP and AspP, within the generative framework, with reference to these temporal dimensions (e.g. Pollock 1989).

However, from a typological perspective, morphologically rich languages such as European Portuguese (EP) exhibit overt tense and agreement morphology, providing strong evidence for the presence of a TP projection (e.g. Brito 2003, Cyrino & Matos 2005). The examples in (1) illustrate EP's overt tense morphology and auxiliaries in T in compound past forms (see (1b)), supporting a TP projection above AspP.

(1) a. O João leu o livro.
the João read.3sg.past the book.
'João read the book.'
b. O João tem lido o livro.
the joão has.3.sg.present been reading the book
'João has been reading the book.'

By contrast, languages like Mandarin Chinese (MC), which lack overt verbal inflection, primarily encode temporal information through other linguistic mechanisms, notably aspectual markers such as *-le, zai- or -guo* (Smith 1991, Lin 2005). In (2), the temporal interpretation is determined from the aspectual morphology, i.e., bare (2a) *vs*. perfective marker *-le* (2b) *vs*. perfective experiential marker *-guo* (2c) forms of the predicate, which leads us to assume the projection of AspP or at most a weakly realized TP.

(2) a. wǒ chī fàn.
I eat meal
'I eat meals.'
b. wǒ chī-le fàn.
I eat-*le* meal
'I ate meals.'
c. wǒ chī-guo fàn.
I eat-*guo* meal
'I have eaten meals before.'

[1] Contacto: aoran02041109@gmail.com

This typological contrast offers a valuable ground for examining whether and how the TP projection operates cross-linguistically in languages with distinct morphological resources.

Drawing on different syntactic models (e.g. Thomas 2005, Demirdache & Uribe-Etxebarria 2007) and results of distinct syntactic diagnostic tests (namely distributional evidence from auxiliary placement and verb movement), this study addresses the following research questions: (1) How is the TP projection structurally realized in European Portuguese, and what evidence supports its presence in both simple and compound tenses? (2) Does Mandarin Chinese, despite lacking verbal inflection, project a syntactic TP? (3) What can a cross-linguistic comparison between these two languages reveal about the relationship between tense and aspect at the syntax–semantics interface?

The study indicates that in EP, the TP projection is structurally located above AspP with overt tense affix or auxiliaries occupying the T head and triggering V-to-T movement, while in MC, temporal interpretation is largely derived within the aspectual domain, and TP—if present—is at best weakly realized, which supports an aspect-based, rather than tense-based, approach to temporal interpretation in MC. Thus, for EP, we adopt a layered Infl domain (TP > AspP) and argue that in MC temporal interpretation is computed within AspP with, at most, a defective T head lacking tense features. Furthermore, the cross-linguistic comparison suggests that aspectual projection appears to be more universal, whereas tense is more likely to be parameterized across languages, reflecting different linguistic strategies for mapping temporal interpretation at the syntax–semantics interface. Under the view that languages can vary in whether temporal features are encoded on a dedicated T head, we propose a Tense Feature Realization Parameter, according to which languages either encode temporal features on a fully projected TP above AspP (as in EP) or compute temporal interpretation within the aspectual domain (as in MC). This parameter captures the typological split between tense-based and aspect-based strategies for mapping temporal interpretation at the syntax-semantics interface.

References

Brito, A. M. (2003). A estrutura da frase simples de tipo declarativo. In M. H. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa*. Caminho.

Comrie, B. (1976). *Aspect*. Cambridge University Press.

Comrie, B. (1985). *Tense*. Cambridge University Press.

Cyrino, S. & Matos, G. (2005). Local licensers and recovering in VP ellipsis. *Journal of Portuguese Linguistics, 4*, 79-112.

Demirdache, H. & Uribe-Etxebarria, M. (2007). The syntax of time arguments. *Lingua, 117*, 330-366;

Huang, C, -T. J, Li, Y.-H. A., & Li, Y. (2009). *The Syntax of Chinese*. Cambridge University Press.

Klein, W. (1994). *Time in language*. Routledge.

Lin, J. -W. (2005). Time in a Language Without Tense: The Case of Chinese. *Journal of Semantics, 23*, 1-53.

Pollock, J.-Y. (1989). Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry, 20*, 365–424.

Reichenbach, H. (1947). Elements of symbolic logic. The Free Press.

Smith, C. (1991). *The Parameter of Aspect*. Springer Dordrecht .

Thomas, E. (2005). *Time in Natural Language: Syntactic interfaces with semantics and discourse*. Mouton de Gruyter.

Variação nas construções relativas em cinco variedades nacionais do português: acessibilidade e proeminência do antecedente

Augusto Soares da Silva,[1] Susana Afonso & Alice Mevis

Palavras-chave: construções relativas; relativa cortadora; relativa ressuntiva; acessibilidade; variedades nacionais do português

Tanto as variedades padrão do português europeu e do português brasileiro (PE, PB) como as variedades nativizadas do português de Moçambique, de Angola e de São Tomé e Príncipe (PM, PA, PSTP) apresentam construções relativas que constituem alternativas à oração relativa canónica: a relativa cortada (1) e a relativa resuntiva (2). O PSTP apresenta ainda a relativa de cópia defetiva, isto é, um pronome masculino invariável de 3.ª pessoa do singular que retoma o antecedente (3).

(1) a. [...] *há uma canção* [de] *que eu gosto muito*. (PE, C-Oral)
b. *O primeiro restaurante* [em] *que comemos foi horrível.* (PB, Google)
c. *na banca* [em] *que ela comprou, o tomate estava mais barato* (PM, Gonçalves 2013, 173)

(2) a. [...] *umas algas que agora esquece-me o nome delas*. (PE, CRPC)
b. *Havia rapazes que nós não brincávamos com eles*. (PM, Chimbutane 1996, 245)
c. [...] *a mulher que eu vivo com ela também é católica* (PSTP, Alexandre et al. 2011, 18)

(3) *A própria escola que eu estudei nele*. (PSTP, Alexandre et al. 2011, 18)

A construção relativa canónica é mais frequentemente utilizada por falantes escolarizados do PE. A relativa cortada é altamente produtiva nas três variedades africanas e no PB (Tarallo 1983; Kato 1993) e menos produtiva no PE (Peres & Móia 1995; Arim et al. 2005). A relativa resuntiva, que também ocorre em contextos não preposicionados, é a construção menos produtiva tanto no PE como no PB (Alexandre 2000). O PM, pelo contrário, parece favorecer a relativa resuntiva, sobretudo em contextos não preposicionais (Chimbutane 1996). A construção de cópia defetiva encontra-se maioritariamente restrita a falantes menos escolarizados do PSTP (Alexandre et al. 2011).

Neste estudo, defendemos que esta variação é determinada não apenas por fatores estruturais, mas sobretudo por fatores semânticos, pragmático-discursivos e sociolinguísticos. Adotando uma perspetiva cognitiva e funcional, desenvolvemos uma análise multifatorial de dados de *corpus* provenientes de registos orais informais (C-Oral Portugal/Brasil, Fóruns Portugal/Brasil, PALMA, corpus Luanda) e de registos escritos informais (Corpus do Português – Web/Dialects). Cerca de 1.500 ocorrências das quatro construções relativas, em contextos preposicionais, foram anotadas relativamente aos seguintes fatores: (i) antecedente nominal (animacidade, especificidade, acessibilidade, relevância; distância entre o nome e o constituinte relativo), (ii) verbo da oração relativa (classe semântica, estrutura argumental) e (iii) o constituinte relativo (função sintático-semântica, preposição usada/esperada).

A acessibilidade e a proeminência do antecedente nominal são operacionalizadas através de vários marcadores: anáfora/catáfora, dêixis, identificação, associação lexical, nomes genéricos e continuidade tópica, como marcadores de acessibilidade; e causa, contraste, elaboração, reiteração e tópico, como marcadores de proeminência.

Os resultados mostram que antecedentes com elevada acessibilidade (Ariel 1991; Wiechmann 2015) e/ou baixa proeminência enquanto ponto de referência conceptual (Langacker 1993)

[1] Contacto: assilva@ucp.pt

favorecem a relativa cortada. Este é o caso do PE. No PB e em todas as variedades africanas do português, a estandardização/nativização da relativa cortada conduz a uma certa neutralização destas diferenças e promove a sua produtividade com constituintes relativos adjuntos adverbiais.

Referências

Alexandre, N. (2000). *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Alexandre, N., Gonçalves, R., & Hagemeijer, T. (2011). A formação de frases relativas de PP no português de Cabo Verde e de São Tomé. In A. Costa, I. Falé, & P. Barbosa (eds.), *Textos selecionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 17–34. Lisboa: APL.

Ariel, M. (1991). The function of accessibility in a theory of grammar. *Journal of Pragmatics* 16, 443-463.

Arim, E., Ramiro, M., & Freitas, T. (2005). Mudança em curso e os média: o caso das relativas. In M. H. Mateus & M.F. Nascimento (eds.), *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho.

Chimbutane, F. (1996). A estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas de OD e de OBL do português de Moçambique. *Actas do XI Encontro Nacional da APL*, vol. 3, 225–248. Lisboa: Colibri.

Gonçalves, P. (2013). O português em África. In E. P. Raposo et al. (eds.), *Gramática do Português*, vol. 1, cap. 7, 157–178. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Kato, M. (1993). Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In. I. Roberts & M. Kato (eds.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica,* 223-261. Campinas: Unicamp.

Langacker, R. W. (1993). Reference point constructions. *Cognitive Linguistics* 4(1), 1-38.

Peres, J. A. & Móia, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Tarallo, F. (1983). *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Ph.D. dissertation. Philadelphia: University of Pennsylvania.

Wiechmann, D. (2015). *Understanding Relative Clauses: A usage-based view on the processing of complex constructions*. Berlin: De Gruyter Mouton.

Perceções, formação e autoeficácia docente no ensino de Português Língua Não Materna

Bruna Bragança,[1] Mónica Pereira & Ana Madeira

Palavras-chave: Português Língua Não Materna; perceções docentes; autoeficácia docente; práticas pedagógicas; língua materna (L1)

Em Portugal, a oferta curricular da disciplina de Português Língua Não Materna (PLNM) assume-se como uma área educativa fundamental para a integração linguística e académica dos alunos migrantes e refugiados, considerando-se o domínio da língua um fator decisivo para o acesso ao currículo e à participação escolar (Capeletti, 2025; ME-DGE, 2024). Este estudo investiga as práticas e as perceções dos professores sobre o ensino de PLNM e contribui para a caracterização do perfil formativo destes professores. Segundo Tran (2015), a formação tem um papel central na construção da autoeficácia docente de professores de língua não materna, destacando-se que professores com formação específica tendem a apresentar níveis mais elevados de confiança e a mobilizar estratégias pedagógicas mais adequadas. Além disso, as perceções e crenças docentes influenciam as práticas pedagógicas e as oportunidades de aprendizagem dos alunos multilingues (Riley, 2015; Kiramba, 2018).

Nesta investigação, adota-se uma metodologia predominantemente quantitativa, baseada na aplicação de um questionário a professores de PLNM dos ensinos básico e secundário.

Os itens foram classificados segundo dois eixos complementares: domínio temático e estatuto epistemológico das respostas, distinguindo caracterização declarada (E1), prática autorreportada (E2), perceção sobre os alunos (E3), avaliação das condições de ensino (E4), crenças/conceções sobre o PLNM (E5) e preparação/autoeficácia percebida (E6). Dos oito domínios temáticos, apresentam-se aqui resultados relativos à formação (T2), à diferenciação pedagógica e gestão da heterogeneidade (T5) e ao multilinguismo, multiculturalismo e inclusão (T8).

Foram obtidas 141 respostas válidas, das quais 95% correspondem a professores que lecionam em escolas públicas. Entre os participantes, 74,5% apresentam mais de 15 anos de serviço docente. Relativamente à formação em PLNM (T2/E1), observa-se a seguinte distribuição: nenhuma formação (41,1%), formação contínua (40,4%), unidade curricular/pós-graduação/especialização (14,9%) e mestrado (3,5%).

Os resultados evidenciam uma correlação positiva entre o nível de formação em PLNM (T2) e a confiança global declarada pelos professores (E6), estatisticamente significativa ($\rho = 0{,}505$; $p < 0{,}001$). Níveis mais elevados de formação específica estão associados a uma maior confiança para ensinar PLNM, à semelhança das conclusões de Faez e Valeo (2012) e Tran (2015), que destacam o papel da formação na preparação e na eficácia percebidas pelos professores.

Na diferenciação pedagógica (T5), 93,6% dos participantes consideram que o ensino de PLNM exige estratégias distintas das utilizadas com falantes nativos (E5) e 88,7% declaram recorrer frequentemente a estratégias diferenciadas (E2). Contudo, apenas 42,6% assinalam níveis elevados de confiança para gerir turmas com diferentes níveis de proficiência (E6). Em 52,5% da amostra, o reconhecimento da necessidade dessas estratégias coexiste com confiança reduzida nessa gestão. A frequência declarada de estratégias diferenciadas associa-se positivamente à confiança para gerir essa heterogeneidade ($\rho = 0{,}458$; $p < 0{,}001$). Estes resultados mostram a importância de distinguir o

[1] Contacto: brunabraganca@fcsh.unl.pt

reconhecimento de princípios pedagógicos, as práticas autorreportadas e a capacidade percebida para os concretizar.

No domínio do multilinguismo, multiculturalismo e inclusão, as conceções relativas ao inglês como língua de mediação (T8/E5) revelam que 74,5% dos professores consideram que esta língua facilita a comunicação em sala de aula, enquanto 62,4% entendem que a ausência do seu domínio pelos alunos constitui um obstáculo. A associação positiva entre as duas conceções ($\rho = 0{,}611$; $p < 0{,}001$) sugere uma visão predominantemente instrumental do inglês, entendido como língua de recurso imediato, mas não necessariamente enquadrada numa reflexão pedagógica mais ampla, alinhada com os princípios do plurilinguismo e da educação linguística inclusiva (Council of Europe, 2020), que não pressupõe o domínio de uma língua intermédia específica (García & Wei, 2015; Cummins, 2007).

As crenças sobre o papel da língua materna dos alunos (T8/E5) revelam que 73% dos professores a consideram um recurso útil na aprendizagem do português, enquanto 76,6% entendem que o seu uso em família constitui um obstáculo ao desenvolvimento do português. Estas posições coexistem em 56% dos participantes, evidenciando uma tensão entre a valorização pedagógica da L1 e as reservas quanto ao seu uso familiar. A associação entre os itens não é estatisticamente significativa ($\rho = -0{,}065$; $p = 0{,}601$). Contudo, níveis mais elevados de formação em PLNM associam-se a uma menor concordância com a perceção da L1 familiar como obstáculo, ainda que esta correlação seja pequena ($\rho = -0{,}231$; $p = 0{,}024$). Estes resultados apontam para a pertinência de aprofundar, na formação docente, a articulação entre as vantagens da manutenção da língua familiar e aprendizagem da língua de escolarização.

Estas tensões apontam para a coexistência de diferentes paradigmas pedagógicos no ensino de PLNM e evidenciam a necessidade de uma formação mais consistente no domínio do plurilinguismo e da didática das línguas. Esta formação deve basear-se em investigação sobre os perfis dos professores de PLNM, bem como as suas perceções e necessidades pedagógicas, sendo que a presente investigação pretende responder a uma lacuna existente nesta área.

Referências

Capeletti, J. D. S. (2025). *O Português Língua não Materna (PLNM) como facilitador da integração de crianças e jovens refugiados no sistema educativo português* [Dissertação de mestrado, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa].

Council of Europe. (2020). *Common European framework of reference for languages: Learning, teaching, assessment – Companion volume*.

Cummins, J. (2007). Rethinking monolingual instructional strategies in multilingual classrooms. *Canadian Journal of Applied Linguistics, 10*(2), 221–240.

Faez, F., & Valeo, A. (2012). TESOL teacher education: Novice teachers' perceptions of their preparedness and efficacy in the classroom. *TESOL Quarterly, 46*(3), 450–471.

García, O., & Wei, L. (2015). Translanguaging, bilingualism, and bilingual education. In W. E. Wright, S. Boun, & O. García (Eds.), *The handbook of bilingual and multilingual education* (pp. 223–240). Wiley.

Kiramba, L. K. (2018). Language ideologies and epistemic exclusion. *Language and Education, 32*(4), 291–312.

ME-DGE. (2024). *Inclusão de alunos migrantes em meio educativo*.

Riley, T. (2015). "I know I'm generalizing but...": How teachers' perceptions influence ESL learner placement. *TESOL Quarterly, 49*(4), 659–680.

Tran, Y. (2015). ESL pedagogy and certification: Teacher perceptions and efficacy. *Journal of Education and Learning, 4*(2), 28–42.

No (des)compasso da dança entre línguas: diálogo colaborativo, posicionalidade e reflexão metalinguística no ensino de português a imigrantes

Bruno Costa[1] & Jorge Pinto

Palavras-chave: *translanguaging*; metalinguagem; português língua de acolhimento

O papel da interação no contexto da aprendizagem de L2 é indiscutível. Para além de oferecer exposição à língua-alvo (Krashen, 1982) e a oportunidade de o aprendente tomar consciência desta por meio da sua fala (Swain, 2000), a interação propicia a criação de um "diálogo colaborativo", no qual os interagentes se articulam para a negociação de significado e a construção coletiva de conhecimento (Swain, 2000). No entanto, num mundo cada vez mais global, os modelos pedagógicos assentes numa visão monoglóssica de input e output já não dão conta da complexidade dos contextos de ensino nos quais estão presentes mais de um código linguístico. Como consequência, ganharam espaço teorias como *translanguaging*, caracterizando práticas linguísticas espontâneas que envolvem a mistura de múltiplos códigos (García, 2009).

É dentro deste marco teórico que o presente estudo tem por objetivo analisar as práticas linguísticas desenvolvidas no contexto de ensino e aprendizagem de português como língua de acolhimento (PLA) em Portugal. Para a recolha de dados, recorreu-se à etnografia linguística, através de notas de campo e gravações de áudio ao longo de 37 aulas de 2h30. Examinaram-se as interações entre uma professora e um grupo de imigrantes adultos (N=20) altamente heterogéneo (nacionalidades, L1, repertórios linguísticos, níveis de literacia), dentro de uma abordagem intercultural e comunicativa.

Por meio de uma análise macro (centrada no conjunto das aulas) e micro (focalizada em excertos retirados de aulas específicas), procurou-se identificar padrões que poderiam explicar a alternância e/ou a mistura de códigos pelos intervenientes, em especial: (i) as sequências de turnos de fala e o papel da alternância de códigos na estrutura dialógica; (ii) a indexação de outras vozes (multidiscursividade e polifonia) nas falas veiculadas em diferentes códigos; e (iii) a construção colaborativa do conhecimento, com particular atenção para a relação entre metalinguagem e os códigos utilizados na sala de aula.

No plano da macroanálise, observa-se um uso extensivo de diferentes códigos pela professora e pelos aprendentes. Aquela, em geral, recorreu largamente ao inglês para atos de fala mais diretivos, como dar instruções, explicitar o conteúdo, ou regular o comportamento da turma, mas também para partilhar aspetos do seu quotidiano. No entanto, o discurso produzido em inglês foi, frequentemente, traduzido, de imediato, para o português, e vice-versa. A mistura dos dois códigos dentro do mesmo enunciado (*code-switching*) é também recorrente. O mesmo se pode dizer dos alunos, os quais, para além da língua-alvo e do inglês, recorreram a outros códigos partilhados entre si, como o hindi e o bengali.

No plano da microanálise, as falas da professora evidenciaram uma posicionalidade que alterna entre a de uma portuguesa aberta à interculturalidade e a de uma professora rígida, reproduzindo vozes da sua própria história, segundo uma visão bakhtiniana de polifonia (Busch, 2013). Não estando estas posições propriamente alicerçadas no uso de um código específico, há uma forte indexação ao nível dos padrões entoacionais e do uso da ironia. Para além disso, observa-se a inserção de marcadores discursivos em português dentro de enunciados em inglês em falas diretivas ("É pá,

[1] Contacto: brunothdc@gmail.com

silence, pá!"). Quanto aos alunos, observou-se a ocorrência de *translanguaging* no meio de momentos metacognitivos, dando-lhes a oportunidade de, ao interagirem nas próprias línguas, refletirem sobre o funcionamento destas e fazerem uma ponte com o português.

Portanto, a prática de *translanguaging* no contexto analisado é um fenómeno altamente complexo e fluido. A análise dos turnos de fala com a entrega de input pela professora seguida da produção de output pelos aprendentes revela uma perda de oportunidade para que estes explorassem a língua-alvo na própria língua-alvo. Por outro lado, a possibilidade de recorrer a diferentes códigos permitiu-lhes praticar uma reflexão metalinguística e evidenciou a criação de um "espaço dialógico" (Boyd & Sherry, 2024) no qual a professora e os alunos, dançando em diferentes compassos, deram vozes às suas identidades linguísticas e culturais.

Referências

Boyd, M.P., & Sherry, M.B. (2024). *Dialogic space: An introduction*. Theory into practice, 63(2), 115-120.

Busch, B. (2013). Building on heteroglossia and heterogeneity: The experience of a multilingual classroom. In *Heteroglossia as practice and pedagogy* (pp. 21-40). Dordrecht: Springer Netherlands.

García, O. (2009). Education, Multilingualism and Translanguaging in the 21st Century. In A. K. Mohanty, M. Panday, R. Phillipson and T. Skutnabb-Kangas (Eds.), *Multilingual Education for Social Justice: Globalising the Local*, 140–158. Orient BlackSwan.

Krashen, S. (1982). *Principles and practice in second language acquisition*. Pergamon Press.

Swain, M. (2000). The output hypothesis and beyond: Mediating acquisition through collaborative dialogue. *Sociocultural theory and second language learning, 97*(1), 97-114.

Adjective Position, Noun Type, and Agreement in Coordinate Nominals: A Quantitative Corpus Study of European Portuguese

Carolina Gramacho[1]

Keywords: nominal coordination; agreement; adjective position; noun type; semantic factors; quantitative corpus study

This quantitative corpus study uses data from the Reference Corpus of Contemporary Portuguese (CRPC) to investigate how adjective placement (prenominal vs. postnominal) affects agreement patterns in coordinate nominal structures in European Portuguese (EP). It focuses on constructions in which a single adjective modifies two conjoined nouns, giving rise to variation between Closest Conjunct Agreement (CCA) and Full Agreement (FA), as illustrated in (1)–(2):

(1) O antigo /Os antigos museu e biblioteca
the oldM.SG / the oldM.PL museum and library

(2) O museu e biblioteca antiga / antigos
the museum and library oldF.SG / oldM.PL

Previous literature maintains that prenominal position is highly restrictive, allowing only CCA, while postnominal position permits a wider range of outcomes (Camacho, 2003; Colaço, 2012; Demonte & Pérez-Jiménez, 2012; Raposo & Brito, 2020). However, recent observations by Gramacho (2022) suggest that this contrast is less categorical, as FA can surface prenominally and speakers may not consistently prefer CCA.

The study investigates whether adjective position constrains agreement patterns, quantifying them in prenominal and postnominal contexts and using statistical tests to assess the significance of less frequent patterns, particularly FA in prenominal position. The dataset is annotated for noun type, based on an ontologically grounded typology distinguishing Physical and Social Objects (PSO), Social and Mental Concepts (SMC), and Events, Processes, and States (EPS), allowing noun type to be incorporated as a variable in the analysis.

The results show that adjective position plays a central role in shaping agreement patterns. In prenominal position, only CCA and FA are attested, with CCA strongly preferred. Postnominal position shows a more balanced distribution and greater availability of FA. Other patterns, including First Conjunct Agreement (FCA) and Mixed Agreement (MA), are residual and not statistically significant. Crucially, FA in prenominal position, although less frequent (8.6%), occurs at statistically significant rates and constitutes a genuine grammatical option in EP.

The results invite comparison with An & Abeillé (2022), who show that agreement strategies are sensitive to semantic factors, particularly humanness. Our findings suggest that agreement in EP is sensitive to semantic properties, extending beyond humanness to broader ontological distinctions between noun types. Our typology thus provides a principled way to operationalize the distinction between more concrete and more abstract nominal domains in quantitative analyses.

These findings support an analysis in which agreement patterns follow from structural asymmetries within coordination, in particular the merge position of adjectives relative to the coordinate nominal, as well as from the ontological properties of the nouns involved.

References

An, A., & Abeillé, A. (2022). Closest conjunct agreement with attributive adjectives. *Journal of French Language Studies, 32*(3), 273–300. https://doi.org/10.1017/S0959269521000193

[1] Contacto: carolinagramacho@edu.ulisboa.pt

Camacho, J. (2003). *The structure of coordination: Conjunction and agreement phenomena in Spanish and other languages*. Springer.

Colaço, M. (2012). Retomando a questão da concordância parcial no interior de constituintes nominais coordenados. In A. Costa, I. Falé, & P. Barbosa (Eds.), *Textos seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística 2011* (pp. 153–170). Edições Colibri/APL.

Demonte, V., & Pérez-Jiménez, I. (2012). Closest conjunct agreement in Spanish DPs. *Folia Linguistica, 46*(1), 177–198.

Raposo, E. B. P., & Brito, A. M. (2020). Concordância nominal em estruturas de coordenação. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do português* (Vol. III, pp. 2503–2506). Fundação Calouste Gulbenkian.

The jamovi project. (2024). jamovi (Version 2.6) [Computer software]. https://jamovi.org.

Centre of Linguistics of the University of Lisbon (CLUL). (2012). *Reference corpus of contemporary Portuguese (CRPC)* (Version 3.0) [Corpus]. https://www.clul.ulisboa.pt

European Portuguese L1 Prosodic Transfer in Mandarin L2: Tone2 and Tone4 Production in Declaratives and Interrogatives

Carolina Miranda, João Veloso & Marisa Cruz[1]

Keywords: prosodic transfer; European Portuguese L1; Mandarin L2; tone2 and tone4; declaratives and interrogatives

The acquisition of Mandarin Chinese (MC) tones by European Portuguese (EP) native speakers poses particular challenges due to the fundamentally different phonological systems (Chao, 1933; Duanmu, 2007; Frota, 2000, 2014). This study investigates EP L1 (potential) intonational transfer to MC L2, focusing on analysing the accuracy and F0 values of MC final Tone2 (LH) and Tone4 (HL) production. We hypothesise high T4 accuracy in declaratives, facilitated by EP's falling contour, but T2 neutralisation. In intonational interrogatives, T2 accuracy is facilitated by EP's rise, while T4 production diverges by proficiency level. In particle questions, F0 final rise transfers to the particle, leading both T2 and T4 to be produced as T4, mimicking EP's interrogative contour.

Five MC native speakers and nine EP L1 learners (advanced and beginners) of MC L2 completed a production task. Participants produced eight target characters in sentence final position across four conditions: isolated, declarative, yes-no (intonational) interrogatives (UMQ), and yes-no interrogatives with particle (MQ) [following Lee (2005) notation].

The results revealed distinct patterns across conditions and proficiency levels. In declaratives, advanced learners (N2) maintained Tone4 accuracy comparable to isolated productions, while beginners (N1) increased HL realisations – corroborating the hypothesis of the facilitating role of EP's descending declarative intonation. In UMQs, N1's Tone2 accuracy increased, suggesting the positive effect of the EP interrogative's ascending contour, whereas N2 showed reduced accuracy. In MQs, N1 predominantly produced HL, as hypothesized, while N2 realised Tone2 as H (*Table1*). With regard to F0 range at the sentence level (Fig.1), N1 exhibited a similar behaviour as the control group for declaratives and MQs, while N2 produce a higher F0 range than controls in all sentence types.

In summary, these results suggest that, benefiting from the intonational transfer from their native language, beginners seem more focused on the acoustic details involved in the production of tones, while advanced learners are possibly in a different acquisition stage, prioritizing global prosodic contours over local tonal precision, ensuring their L2 intelligibility.

Table 1. Production accuracy (%) by group in the conditions under study.

	Isolated		Declarative		UMQ		MQ	
	T2=LH	T4=HL	T2=LH	T4=HL	T2=LH	T4=HL	T2=LH	T4=HL
Control Group	100%	97.4%	94.6%	100%	100%	100%	100%	100%
Group 1 (N1)	61.5%	41.0%	55.6%	53.8%	65.0%	42.1%	27.8%	68.4%
Group 2 (N2)	43.8%	68.8%	60.9%	64.0%	51.9%	41.4%	0.0%	48.1%

[1] Contacto: marisasousacruz@gmail.com

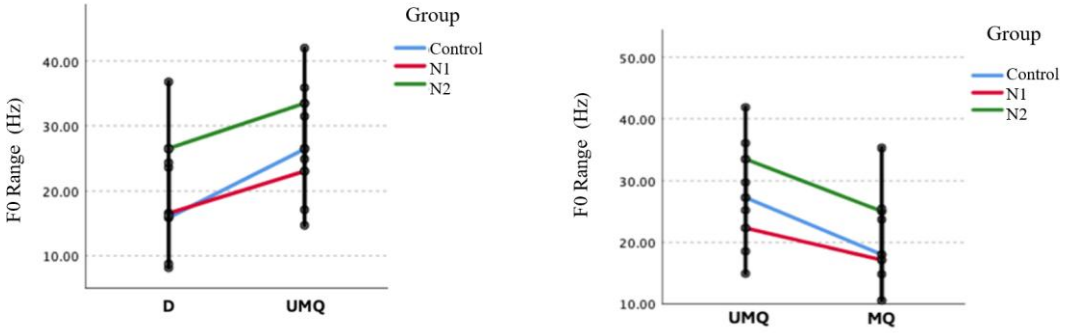


Figure 1. F0 range per (D and UMQ – left panel; UMQ and MQ – right panel), and Group.

References

Chen, Y. (2022). Tone and Intonation. In C.-R. Huang, Y.-H. Lin, I. H. Chen, & Y.-Y. Hsu (Eds.), *The Cambridge Handbook of Chinese Linguistics* (pp. 336-360). Cambridge University Press.

Frota, S. (2014). The intonational phonology of European Portuguese. In S.-A. Jun (Ed.), *Prosodic Typology II: The Phonology of Intonation and Phrasing*. Oxford University Press.

Lee, O. J. (2005). *The prosody of questions in Beijing Mandarin* [PhD Thesis, The Ohio State University].

Perceção e produção das vogais nasais do português europeu por aprendentes com cantonês L1

Cho Ian Lei,[1] Adelina Castelo, Letícia Barros de Almeida

Palavras-chave: vogais nasais; português europeu; cantonês; perceção de L2; produção de L2

Introdução: O presente estudo investiga a perceção e a produção das cinco vogais nasais (VN) do português europeu (PE) — [ɐ̃, ẽ, ĩ, õ, ũ] — por aprendentes com cantonês L1. No cantonês, não se encontram VN no nível fonológico nem no fonético, mas é permitida a sequência de vogal oral seguida de consoante nasal em posição de coda (VCN) (Bauer & Benedict, 1997). No PE, apesar do estatuto fonológico controverso, as VN (com exceção da vogal [ɐ̃]) contrastam com as suas contrapartidas orais [e, i, o, u] enquanto as consoantes nasais não ocorrem em posição de coda (Mateus & Andrade, 2000). Perante esta diferença entre as duas línguas, o estudo procura compreender, na aquisição das VN do PE por falantes nativos do cantonês: (i) o desempenho na perceção; (ii) o desempenho na produção; e (iii) a relação entre a perceção e a produção.

Metodologia: Participaram oito aprendentes experientes do PE com cantonês L1 (tempo de aprendizagem: entre 4 anos e 3 meses e 6 anos e 6 meses; residência em Portugal: entre 3 anos e 3 meses e 4 anos e 6 meses). Os aprendentes realizaram uma tarefa de decisão lexical auditiva (DLA) e duas tarefas de produção (nomeação de imagens e descrição). Os estímulos consistiram em 20 nomes dissilábicos do PE (estrutura CVCV, com VN em posição tónica). Para a tarefa de DLA, foram criadas ainda 20 pseudopalavras por meio da substituição da VN pela vogal oral correspondente. Todos os estímulos foram previamente validados por falantes nativos do PE (estímulos auditivos) ou do cantonês (estímulos visuais para as tarefas de produção). As produções dos aprendentes foram avaliadas por 30 falantes nativos de PE (avaliadores) através de uma tarefa de escolha com três opções: (i) pronúncia normal (equivalente à VN-alvo), (ii) pronúncia sem nasalidade (substituição da VN por uma vogal oral) e (iii) pronúncia diferente (substituição da VN pela sequência VCN ou outras estratégias de reconstrução). Antes de avaliarem as produções recolhidas, os avaliadores fizeram um treino que simulou a tarefa real para garantir a compreensão das diferenças entre as três opções. Cada item foi avaliado por cinco avaliadores. Com base nas respostas, as produções foram classificadas como “alvo” (pelo menos quatro respostas de “pronúncia normal”), “diferente” (pelo menos quatro respostas de “pronúncia diferente”), “sem nasalidade” (pelo menos quatro respostas de “pronúncia sem nasalidade”), “desviante” (a soma das respostas de “pronúncia diferente” e de “pronúncia sem nasalidade” consistiu em pelo menos quatro respostas) ou “incerta” (nos restantes casos).

Resultados: Na tarefa de DLA, os aprendentes apresentam uma taxa de acerto elevada (90%), próxima à atingida pelos falantes nativos na validação da tarefa (96,5%). Quanto à produção, apenas 51,3% das produções foram classificadas como “alvo”, enquanto 34,41% foram consideradas “incertas”. Entre as produções não-alvo e não incertas, verifica-se uma predominância de produções classificadas como “diferentes” (26/44), enquanto apenas uma produção foi categorizada como “sem nasalidade”. Tal como esperado, a taxa de produções-alvo é superior na tarefa de nomeação (59,36%) em comparação com a descrição (43,13%).

Discussão: A elevada precisão percetiva poderá estar relacionada com o longo tempo de aprendizagem do PE e de imersão em Portugal, em linha com resultados de estudos anteriores sobre

[1] Contacto: giovanna.leichoian@gmail.com

aquisição segmental de L2 (e.g. Chapouto & Pereira, 2022). Quanto à produção, os resultados revelam que a aquisição das VN do PE ainda não se encontra estabilizada, com coexistência de produções-alvo e produções desviantes, sendo a categoria de "pronúncia diferente" a mais frequente. Embora ainda não seja possível confirmar os padrões de realização associados a esta categoria, baseando-nos na fonologia da L1 dos aprendentes, é plausível colocar a hipótese de que as "pronúncias diferentes" impliquem a utilização da estratégia de sequência VCN. Neste sentido, é possível atribuir a não estabilização da produção das VN (i) a uma perceção ainda influenciada pela L1 (Flege, 1995), no sentido de poderem ter percecionado as VN como uma sequência de VCN devido à semelhança acústica (Martinez, 2016); (ii) ao efeito da ortografia do PE, em que a nasalidade é frequentemente representada por grafemas consonânticos (<m>, <n>). Ao comparar o desempenho de perceção com o de produção, identifica-se uma simetria entre perceção e produção: os aprendentes não assimilam as VN às suas contrapartidas orais. No entanto, dada a limitação da metodologia, permanece incerta a natureza da representação fonológica das VN na interfonologia dos aprendentes. Assim, baseando-nos nos desvios registados, são propostas duas hipóteses para descrever a relação entre a perceção e a produção das VN por estes aprendentes: (i) os aprendentes poderiam, nalguns casos, ainda percecionar as VN como sequências de VCN, o que não afetaria a distinção entre as VN e vogais orais, mas poderia levar a produções desviantes; (ii) os aprendentes poderiam já ter estabelecida uma nova categoria para as VN do PE, mas ainda apresentar dificuldades na sua produção consistente.

References

Bauer, R. S., & Benedict, P. K. (1997). *Modern Cantonese Phonology*. Mouton De Gruyter.

Chapouto, S., & Pereira, I. (2022). Aquisição da nasalidade vocálica do português europeu LNM: >Descrição do desempenho percetivo de aprendentes hispano-falantes. In O. M. Ribeiro, R. Cantarela, & Y. Rabasa (Eds.), *Democracia, deslocamentos e textualidade em contextos latino-americanos* (pp. 219–233). Pontes.

Flege, J. E. (1995). Second language speech learning: Theory, findings and problems. In W. Strange (Ed.), *Speech perception and linguistic experience: Issues in cross-language research* (pp. 233-277). York Press.

Martinez, M. A. M. (2016). The Acquisition of French Nasal Vowels: From First Language Allophony to Second Language Phonological Contrast [Tese de Doutoramento, Indiana University].

Mateus, M. H., & Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford University Press.

Heritage language reinforcement and differential stability. European Portuguese returnee speaker's comprehension of null objects

Cristina Flores[1] & Esther Rinke

Keywords: Language reinforcement; heritage speakers; returnees; Null objects; European Portuguese

This study investigates whether return migration leads to heritage language (HL) reinforcement in the domain of object expression, focusing on the comprehension of null objects in European Portuguese (EP). Returnees, i.e. heritage speakers who relocate to their country of origin, offer a unique testing ground for examining the plasticity of bilingual grammars in contexts of increased exposure. Building on previous findings that heritage speakers of EP overaccept null object readings compared to monolingual homeland speakers (Rinke et al., 2025), we ask whether this pattern persists after prolonged immersion in Portugal. We tested 41 returnee speakers, 40 heritage speakers residing in Germany, and 41 monolingually raised speakers in Portugal using a sentence interpretation task. The design manipulated clause type (main vs. island) and pronoun realization (overt vs. null), allowing to assess participants' preference for transitive (null object) interpretations. In addition, we examined the role of individual variables such as length of residence in Germany and Portugal. The results reveal a domain-specific pattern. In overt object conditions, returnees perform target-like and align with homeland speakers, suggesting successful reinforcement in the clitic system. In contrast, in null object conditions, returnees pattern with heritage speakers, showing significantly higher rates of null object interpretations than monolingually-raised speakers (see Figure 1). No effects of length of residence in either country were found, indicating that increased exposure alone does not lead to convergence in this domain. These findings challenge a uniform account of HL reinforcement. While input-dependent aspects of grammar, such as clitic realization with all its complexities in EP, may remain open to development, null object interpretation appears resistant to change, likely reflecting stability of universal referentiality constraints established early in development. The persistence of this pattern supports the view that heritage grammars may encode accelerated diachronic tendencies that are not easily reversed through return migration.

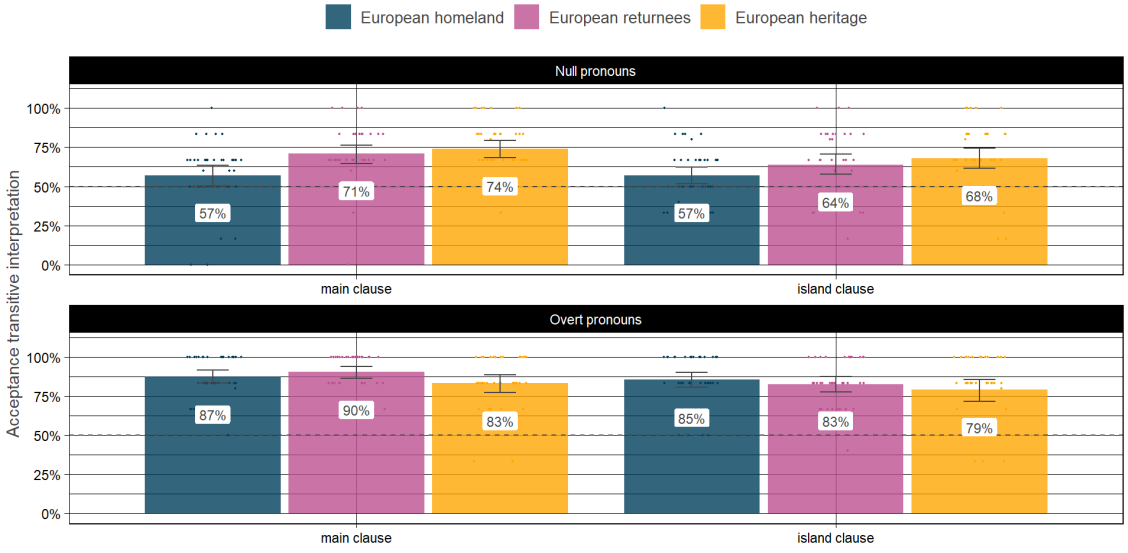


Figure 1. Acceptance of the transitive interpretation in the experimental items

[1] Contacto: cmmflores@gmail.com

Reference

Rinke, E., Weingärtner, D. M. K., Flores, C., Martinez Bruera, M., Listanti, A., Gomes, J. N., & Lago, S. (2025). *Heritage speakers one step ahead in ongoing processes of diachronic change? Comparing heritage speakers with speakers of two varieties of Portuguese in their comprehension of null object constructions*. Linguistic Approaches to Bilingualism, 16 (3), 369 – 39. https://doi.org/10.1075/lab.25014.rin

Nominal classification and object mass nouns in Polish

Éva Dékány,[1] Bing-Tsiong Li, One-Soon Her & Marcin Kilarski

Keywords: Polish; numeral classifier; binominal

Aims and claims: Gender and numeral classifiers are the most widely used nominal classification strategies in natural languages. In Europe, only a few languages have been claimed to feature numeral classifiers (e.g., Hungarian, German, and some Slavic languages). In most of these, it remains debated if the words in question are genuine numeral classifiers. In this talk we zoom in on Polish and argue that the lexemes that have been claimed to be numeral classifiers in previous studies are, in fact, measure Ns, which appear in binominal NPs.

Structures for counting mass Ns: So-called object mass nouns are conceptually countable (i.e., refer to discrete entities) but require a 'helper word' to occur in enumeration contexts (cf. English *furniture*). Cross-linguistically, two distinct structures may supply the 'helper word'. In languages like Mandarin, a sortal classifier (drawn from a functional class) modifies the head noun (1). The syntactic head of these structures is the quantified N.

(1) *sān zhī bǐ* (three Cl pen) 'three pens (2) [$_{\mathbf{NP}}$ *sān* $_{\text{NUM}}$ *zhī*$_{\text{CL}}$ *bǐ*$_{\text{N}}$] (Hu 2023:69)

In languages like English, which lack the functional class of sortal classifiers, a lexical noun with a measure semantics is employed, in a binominal configuration (3). The syntactic head of the binominal is the measure noun (it bears the bears plural marker if the numeral is greater than 'one'); the quantified N is its nominal dependent.

(3) *three items of furniture, three ears of corn* (4) [$_{\mathbf{NP}}$ *three*$_{\text{NUM}}$ *items*$_{\text{N}}$ [$_{\text{PP}}$ *of* [$_{\mathbf{NP}}$ *furniture*$_{\text{N}}$]]]

Putative sortal classifiers: Studies suggesting that Polish has sortal classifiers include Sussex and Cubberley (2006), Borowiak (2010a, 2010b), Plinta (2015) and Herda (2020). Examples of putative classifier phrases include *jedna główka sałaty* (lit. 'one head lettuce'), *jedna kolba kukurydzy* (lit. 'one ear corn'), *jedno źdźbło trawy* (lit. 'one blade grass'), and *jedna sztuka bagażu* (lit. 'one piece baggage'). For expository purposes, we focus on numeral expressions with *sztuka* 'piece, item' in collocation with the object mass noun *bagaż* 'baggage' (cf. **jeden bagaż,* lit. 'one baggage'). We illustrate the patterns with low adjectival numerals, which agree with their head noun in number, gender, and case, making the patterns transparent. In the talk we also cover higher numerals (which assign the so-called genitive of quantification to their complement). Our conclusions carry over to NPs with these higher numerals as well.

Putative Cls are (measure) nouns: All putative Polish sortal Cls have an inherent gender feature; e.g., *sztuka* 'piece, item' is fem. This indicates that *sztuka* and its ilk belong to the word class of nouns. Having a measure-related lexical semantics, they fall into the class of measure nouns. This makes *sztuka*-expressions binominals, with *sztuka* as N1 and the quantified noun (e.g., *bagaż* 'baggage') as N2. What then needs to be determined is if i) the head of this binominal is *sztuka* and the quantified noun (e.g., *bagaż* 'baggage') is its postnominal NP dependent, or ii) the head of this binominal is the quantified noun, with *sztuka* being its prenominal dependent.

***Sztuka* 'piece, item' is the head of a binominal**: The case assigned to the whole NP is borne only by *sztuka* and the modifiers preceding it (5). This shows that the head of the binominal is *sztuka*. The

[1] Contacto: dekany.eva@nytud.hu

quantified N following *sztuka* consistently bears genitive case, irrespective of what case is assigned to the entire NP. Genitive is the case characteristic of NP modifiers of Ns (e.g., possessors, or the dependent NP in qualitative binominals NPs of the kind *a car of excellent make*, not illustrated here for reasons of space).

(5) Przyszedłem z jedn-ą sztuk-ą bagażu
come.3SG.M.PST with one-F.INSTR.SG piece-F.INSTR.SG baggage-M.GEN.SG
'I came with one piece of baggage.'

This points to an English-like binominal structure in (4). That (5) has the structure in (4) is further supported by the fact that the verb agrees in gender with *sztuka* rather than the quantified N (6), and that adjectives between the numeral and *sztuka* exhibit gender concord with *sztuka* rather than the quantified N (7). (As expected in a binominal, adjectives between *sztuka* and the quantified N show gender concord with the quantified N.)

(6) *Jedn-a sztuk-a bagaż-u został-a zakupion-a*
one-F.NOM.SG piece-F.NOM.SG baggage-M.GEN.SG be.pst-3sg.f bought-F.NOM.SG
'One piece of baggage was purchased first.'

(7) *jedn-a now-a sztuk-a biał-ego papier-u*
one-F.NOM.SG new-F.NOM.SG piece-F.NOM.SG white-M.GEN.SG paper-M.GEN.SG
'one new piece of white paper'

Based on the foregoing tests, we conclude that in order to enumerate object mass nouns, Polish employs measure nouns in binominal NPs rather than numeral classifiers.

References

Hu, S. (2023) *Lost and added in translation. A corpus-based study on Chinese numeral classifiers in translation between Chinese and English*. PhD thesis, AMU Poznań.

Plinta, M. (2015) Chinese classifiers (measure words): A phenomenon that is hard to translate. *Studia Linguistica 34*: 117-123

Sussex, R. & P. Cubberley. (2006) *The Slavic languages*. Cambridge: CUP.

Vozes no discurso jornalístico português: evolução diacrónica no século XX

Fátima Silva,[1] Ana Sofia Pinto, Fátima Oliveira, Ana Filipa Fonseca

Palavras-chave: notícias; discurso relatado; evidencialidade; diacronia; português europeu

A relação entre fontes e jornalistas envolve uma negociação contínua, sendo a seleção, a hierarquização e a modulação de vozes elementos centrais na construção da notícia (Chagas, 2019). Os jornalistas convocam vozes para funções como a legitimação de interpretações, a prestação de perícia, a indexação de conflitos ou a garantia do equilíbrio narrativo, de forma dependente do contexto (Caldas-Coulthard, 1992). Estas escolhas variam consoante as rotinas e os constrangimentos organizacionais (Głaz & Trofymczuk, 2020), a disponibilidade e as estratégias das fontes (Ericson et al., 1989), os valores-notícia e as prioridades editoriais (Shoemaker & Reese, 2014), e as pressões tecnológicas e temporais da produção noticiosa (Anderson, 2013). Numa perspetiva linguística e discursiva, o relato jornalístico molda a apresentação das vozes e das fontes, o que compreende o discurso relatado, a citação, marcadores de atribuição de fonte e expressões de natureza modal que apontam para a identidade do locutor, o conteúdo e a fiabilidade ou certeza do enunciado (Charaudeau, 2015; Duarte, 2020). Nesta medida, a análise da evidencialidade revela como os jornalistas posicionam as vozes que convocam, indicam as bases do conhecimento e revelam a sua atitude face à informação relatada (Aikhenvald, 2004) e à sua expressão (Smirnova, 2009; Marques, 2013; Duarte, 2020).

A interação entre as práticas jornalísticas e as estratégias linguísticas mobilizadas na sua textualização sublinha a relevância de examinar como as vozes são representadas ao longo do tempo, particularmente na articulação entre mudanças no contexto sociopolítico e a evolução das práticas mediáticas, tema pouco explorado no português europeu (PE). Este é o foco do presente estudo, que visa explorar a evolução diacrónica da atribuição de fontes e da representação das vozes no género notícia em três períodos distintos do século XX (1910-1920, 1960-1970, 1990-2000), que refletem mudanças sociopolíticas e transformações nas normas profissionais da prática jornalística (Sousa & Lima, 2021). Os objetivos centrais são: i) identificar padrões na seleção e no posicionamento das fontes; ii) analisar os meios linguísticos através dos quais a evidencialidade e a atitude jornalística são expressas; e iii) avaliar de que forma estas práticas podem refletir mudanças mais amplas nas normas jornalísticas e nos contextos sociopolíticos.

Para responder a estes objetivos, foi constituído um corpus de 300 notícias (100 de cada período), provenientes de uma compilação própria de jornais portugueses, obtida a partir de bases de dados digitais. A metodologia adotada é mista, com a anotação manual dos 739 segmentos extraídos realizada por três anotadores experientes e estruturada em três eixos: i) categorização das fontes (composição, identificação e estatuto); ii) configuração linguística com base na forma de citação (discurso direto, discurso indireto e discurso híbrido) e no modo de introdução (estruturas oracionais com verbo introdutor de relato e marcadores de atribuição de fonte); e iii) análise das funções discursivas (e.g. legitimação, perícia, oposição, distanciamento).

Os resultados preliminares evidenciam uma evolução clara na gestão da responsabilidade enunciativa e nas funções das vozes. Em 1910-1920, predominam fontes coletivas pouco identificadas e o discurso indireto, com a voz alheia a legitimar uma narrativa opinativa; o uso de

[1] Contacto: mhenri@letras.up.pt

verbos *dicendi* neutros (*dizer*) e a qualificação subjetiva da fonte ("Diz-nos pessoa insuspeita...", *A Capital*) reforçam o controlo do jornalista. Em 1960-1970, há maior variedade de fontes institucionais e de verbos *dicendi* neutros, refletindo um jornalismo em que a voz oficial funciona como garantia de veracidade e legitimação ("O ministro das Obras Públicas declarou que as obras decorrerão dentro do prazo", *Diário de Lisboa*). Em 1990-2000, verifica-se uma representação mais plural do espaço público, destacando-se as fontes identificadas e a diversidade de formas de citação, com um grande aumento do discurso híbrido e do uso de marcadores de responsabilidade enunciativa ("De acordo com Luís Albuquerque, esta é uma decisão irreversível, tendo em conta que a fábrica «tem prejuízos desde há quatro anos»", *Público*).

Este estudo contribui, assim, para um modelo de observação das vozes na notícia, sublinhando como a representação das fontes em textos jornalísticos no PE reflete as práticas mediáticas e os contextos políticos de cada época.

Referências

Aikhenvald, A. Y. (2004). *Evidentiality*. Oxford University Press.

Anderson, C. W. (2013). *Rebuilding the news: Metropolitan journalism in the digital age*. Temple University Press.

Caldas-Coulthard, C. R. (1992). Reporting speech in narrative discourse: stylistic and ideological implications. *Revista Ilha do Desterro*, *27*, 67-82.

Chagas, V. (2019). *Jornalismo em crise, jornalismo em expansão: Tendências contemporâneas da informação*. Edufba.

Charaudeau, P. (2015). *Le discours d'information médiatique : La construction du miroir social*. Éditions Nouveau Monde.

Duarte, I. M. (2020). Discurso relatado. In E. B. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura, Amália Mendes, & Amália Andrade (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 3, pp. 2589-2613). Fundação Calouste Gulbenkian.

Ericson, R. V., Baranek, P. M., & Chan, J. B. L. (1989). *Negotiating control: A study of news sources*. University of Toronto Press.

Głaz, A. & Trofymczuk, A. (2020). Voice and viewpoint in journalistic narratives. *Language Sciences, 80*, 1-10.

Marques, M. A. (2013). Construir a responsabilidade enunciativa no discurso jornalístico. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso, 2*, 139–165.

Shoemaker, P. J., & Reese, S. D. (2014). *Mediating the message in the 21st century: A media sociology perspective* (3rd ed.). Routledge.

Smirnova, A. V. (2009). Reported speech as an element of argumentative newspaper discourse. *Discourse & Communication, 3*(1), 79–103.

Sousa, J. P., & Lima, H. (2021). *História do jornalismo em Portugal*. LabCom.

Elipse do TP em português europeu e brasileiro

Gabriela Matos & Sonia Cyrino[1]

Palavras-chave: elipse do TP; elipse do VP; Sujeito Nulo; respostas abreviadas; tag-questions

1. A elipse frásica, designada Elipse de TP, envolvendo a projeção funcional frásica de polaridade PolP (ΣP, em Laka 1990) tem sido invocada para dar conta de respostas polares abreviadas em finlandês e em irlandês, e das tag-questions em irlandês (Holmberg 2001, 2015, McCloskey 2017), em frases correlatas das apresentadas em (1)-(2) e (3) para o português (europeu e brasileiro, PE, PB), língua em que foram analisadas ora como Elipse de VP associada à ocorrência de Sujeito Nulo, ora como Elipse de TP com verbo pendente:

(1) a. P: A Marta tem ido à Faculdade? R: Tem, sim __. (PE, PB)
b. P: A Marta vai à Faculdade amanhã? R: Vai, sim __. (PE, PB)
(2) P: A Marta vai à Faculdade amanhã? R: Não vai, não__. (PE, PB)
(3) A Marta vai à biblioteca amanhã, não vai__? (PE, PB)

Elaborando sobre propostas prévias para o português, o presente trabalho visa determinar (i) a natureza categorial do constituinte elítico das respostas negativas abreviadas em (2) e das em tag-questions negativas em (3); (ii) e o papel da negação em Pol, como marcador de negação frásica regular ou restringido à negação enfática, questão em debate desde Laka (1990).

2. As respostas abreviadas com o verbo seguido do item de polaridade afirmativo, em (1), têm sido distinguidas das respostas que envolvem uma frase completa precedendo o item de polaridade como (4R), em que é assumido (Oliveira, 1996, Cyrino & Kato 2012, Martins 2013, 2016) que ocorreu movimento (e não elipse) da frase que precede o item de polaridade, (5).

(4) P: A Marta vai à Faculdade amanhã? R: A Marta vai à Faculdade amanhã, sim.
(5) [A Marta vai à Faculdade amanhã]i sim [TP ti].

Pelo contrário, Cyrino & Kato (2012) assumem que nas respostas abreviadas afirmativas confirmativas em PB e PE, (1b)=(6), "sim" ocupa Pol, núcleo que seleciona o TP alvo de elipse e o verbo finito move-se deste TP para PolP, (6R):

(6) P: A Marta não tem ido à Faculdade? R: [PolP tem [Pol sim] [TP a Marta ttem ido à Faculdade]]

A favor da elipse de TP, e contra a hipótese de as respostas curtas envolverem Sujeito Nulo + Elipse de VP, as autoras argumentam que, embora o PB seja uma língua de Sujeito Nulo parcial e o PE uma língua de Sujeito Nulo consistente, o seu comportamento é idêntico, sendo requerida a omissão do sujeito, (7), cuja realização só ocorre quando é contrastado, como em (8R):

(7) P: Ela comeu o bolo? R: a) Comeu. b) *Ela comeu. c) *Comeu ela. (PE, BP)
(8) P: Vocês comeram o bolo? R: EU comi, ELA não. (PE, PB)

Com Cyrino & Kato (2012), assumimos que a omissão categórica do Sujeito Nulo nas respostas abreviadas em português se explica como em finlandês (Holmberg 2001, 2015) e em irlandês (McCloskey 2017): em (7R) estamos perante elipse do TP com verbo pendente e não de Sujeito Nulo+Elipse de VP, diferentemente do proposto em Hagemeijer & Santos (2004) para o PE.

3. Admitimos que esta análise é, no essencial, extensível às respostas abreviadas negativas enfáticas em (2R) e ao tipo de tag-question presente em (3).

[1] Contacto: cyrino@unicamp.br

Em (2R)=(9R), o item não, que precede o TP elítico, é inserido em Pol e o complexo formado pelo verbo e a negação frásica [não[vai]] é movido para adjunção a Pol, como em (9b).

(9) a. P: A Marta vai à Faculdade amanhã? R: Não vai, não.

b. R: [PolP [não [vai]] [Pol não] [TP a Marta t[não[vai]] amanhã à Faculdade]]

Quanto às tag-questions como (3)=(10), ainda que tenham sido analisadas em português como instâncias de Sujeito Nulo+elipse do VP (Hagemeijer & Santos 2004), possivelmente devido à influência do Inglês (11), a inaceitabilidade da realização do sujeito mostra que são Elipses de TP. Assim, propomos para a tag-question em (12) a estrutura em (13):

(10) A Marta vai à biblioteca amanhã, não vai?

(11) Mary will go to the library tomorrow, won't she?

(12) A Marta vai à biblioteca amanhã, (*ela) não vai? /não vai (*ela)?

(13) [CPA Marta vai…[CP/ForceP Int [PolP [Pol [não [vai]]i[TP a Marta t[não[vai]] à biblioteca amanhã]]]

Em (13), a tag-question, que apresenta um estatuto próximo das frases parentéticas (cf. Hiddlestone & Pullum 2002, Kaltenbock 2007) é um CP com força ilocutória interrogativa, em que o complexo formado pela negação frásica e o verbo finito do TP elítico, se move para Pol.

4. As respostas abreviadas negativas com valor confirmativo e as tag-questions com verbo negado no português evidenciam que "não" em Pol não é o marcador de negação frásica regular nestas estruturas. A sua ocorrência não basta para determinar a polaridade negativa da frase e a negação frásica associada ao verbo flexionado é requerida no interior do TP, (14R), (15)

(14) P: A Marta vai à Faculdade? R: Não vai, não [a Marta *(não) vai à Faculdade]]. (PE, PB)

(15) A Marta vai à biblioteca, não vai [a Marta *(não) vai à biblioteca]? (PE, PB)

Admitimos, pois, que a negação em Pol no português expressa apenas a negação enfática nestas estruturas e atribuímos o valor enfático confirmativo das respostas polares abreviadas e das tag-questions com verbo negado à sua associação com Pol.

Referências

CYRINO, S.; KATO, M. Minimal answers in Brazilian Portuguese. 2012. Workshop on the Syntax of Answers to Polar Questions. Newcastle University, June 8-9.

HAGEMEIJER, T; SANTOS, A.L. 2004. Elementos polares na periferia direita: negação aparentemente descontínua, afirmação enfática e tags. Atas do XIX Encontro da APL.

HOLMBERG, A. 2015. Holmberg, A.. 2015. The syntax of yes and no. Oxford: OUP.

MCCLOSKEY, J. 2017. Ellipsis, polarity and the cartography of verb-initial orders in Irish. In Aboh, E.; Haeberli, E.; Puskas, G.; Schonenberger, M. (eds.), Elements of comparative syntax: theory and description, 99–151. Berlin: De Gruyter Mouton.

Lexical Stress Perception and "Stress Deafness" in Kusaal-English Bilinguals

Guendalina Gianfranchi,[1] Juliana Novo Gomes & Carlos Silva

Keywords: Kusaal; stress "deafness"; stress perception; loanword phonology; L2 processing

The legacy of British colonialism has left a lasting linguistic imprint across Africa, leading to widespread lexical borrowing and phonological adaptation of English words into many languages. One of these is Kusaal, a Mabia (Gur) language spoken in northeastern Ghana and parts of Burkina Faso and Togo (Eddyshaw 2024). This study examines how native Kusaal speakers perceive lexical stress in English loanwords and investigates whether this perception correlates with second-language (L2) English proficiency, word frequency, syllable count and phoneme length. It focuses on exploring the phenomenon of "stress deafness," previously identified in speakers of fixed-stress languages such as French (Dupoux et al. 1997, 2001) and evaluates its relevance in a tonal language context - an area that remains under-explored.

An auditory lexical decision task was conducted with four native speakers of Kusaal. The experimental stimuli included 40 English loanwords documented in Sandow (2021), each paired with a stress-shifted pseudo-word counterpart (e.g., [ˈɛndʒɪn] vs. [ɛnˈdʒɪn]), as well as 20 phoneme-based control pairs (e.g., [bɪˈtwiːn] vs. [bɪˈpwiːn]). Recordings were produced by three native speakers of British English (two female, one male) and presented using the PCIbex web-based platform (Zehr & Schwarz 2018). Participants made lexicality judgements via keypress and completed both a self-assessment questionnaire and the LexTALE proficiency test (Lemhöfer & Broersma 2012) to assess their English proficiency.

The results indicate high accuracy in identifying real English words, particularly in the stress condition. This reflects a possible degree of natural alignment between English stress patterns and Kusaal tonal contours. However, pseudo-words with incorrect stress were often accepted as real, suggesting reduced perceptual sensitivity to stress contrasts. In contrast, phonemic deviations were more readily detected, indicating that segmental cues are more salient than suprasegmental ones for Kusaal speakers. While English proficiency was associated with faster reaction times, it did not significantly affect accuracy. Word frequency, syllable count and phoneme length showed minimal effects.

Overall, these findings provide empirical evidence of prosodic transfer in bilingual perception and highlight the reduced perceptual salience of stress cues in speakers of tonal languages. This study contributes to ongoing discussions in phonology and psycholinguistics on cross-linguistic influence, prosodic typology and perceptual adaptation. More broadly, it offers novel insights into the interaction between stress and tone in African languages, advancing our understanding of how tonal systems accommodate the prosodic features of borrowed vocabulary.

References

Dupoux, E., Pallier, C., Sebastian, N., Mehler J. (1997). A destressing "deafness" in French? Journal of Memory and Language 36(3). 406–421.

Dupoux, E., Peperkamp, S., Sebastián-Gallés, N. (2001). A robust method to study stress "deafness". The Journal of the Acoustical Society of America 110(3 pt 1). 1606–1618.

Eddyshaw, D. (2024). A grammar of Kusaal. https://zenodo.org/records/12601819

[1] Contacto: guendola@gmail.com

Lemhöfer, K., Broersma, M. (2012). Introducing LexTALE: A quick and valid lexical test for advanced learners of English. Behavior Research Methods 44. 325–343.

Sandow, L. (2021). Loanword adaptation in Kusaal: A phonological study. [Master's dissertation, University of Wineba]. UEWScholar. http://41.74.91.244:8080/bitstream/handle/123456789/2784/Loanword%20adaptation%20in%20Kusaal%20a%20phonological%20study.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Zehr, J., Schwarz, F. (2018). PennController for Internet Based Experiments (IBEX). https://doi.org/10.17605/OSF.IO/MD832

A aprendizagem do Português como Língua Estrangeira – estudo de caso com jovens oriundos da Índia

Helga Candeias[1] & Ana Alexandra Silva

Palavras-chave: Português como Língua Estrangeira; motivação; perceções sociolinguísticas, lexicais e sintáticas; integração sociocultural; aprendentes indianos

O presente estudo insere-se no domínio da Linguística Aplicada, nomeadamente no domínio do Português como Língua Estrangeira (PLE), enquanto instrumento de mobilidade académica, integração sociocultural e valorização profissional em contextos de internacionalização do ensino superior. A crescente projeção internacional da língua portuguesa tem reforçado a relevância da investigação sobre motivações, atitudes e representações de aprendentes provenientes de contextos linguísticos tipologicamente distantes, fator reconhecido como determinante nos processos de aquisição de línguas não maternas (Ellis, 1994; Richards & Rodgers, 2014).

Este póster tem como objetivo apresentar e analisar as perceções de jovens adultos indianos relativamente à importância da aprendizagem do PLE, considerando cinco dimensões centrais: (i) motivações para a aprendizagem; (ii) perceção da utilidade instrumental e simbólica da língua; (iii) experiência de aprendizagem; (iv) contributo do PLE para a integração social e académica; e (v) dificuldades linguísticas durante o processo de aquisição. Estas dimensões encontram fundamento teórico nos modelos motivacionais da aprendizagem de línguas e na investigação sobre fatores afetivos e contextuais que influenciam o sucesso da aprendizagem (Dörnyei, 2001; Lightbown & Spada, 2013).

A investigação adota uma metodologia quantitativa, baseada na aplicação de um questionário estruturado a uma amostra de 19 participantes de nacionalidade indiana. O instrumento de recolha de dados integra questões fechadas de escala ordinal, permitindo identificar tendências de perceção e padrões motivacionais. A análise quantitativa recorre à estatística descritiva.

Espera-se que os resultados evidenciem uma predominância de motivações instrumentais associadas a oportunidades académicas e profissionais em espaços lusófonos, bem como o reconhecimento do PLE como fator facilitador de integração social. No plano linguístico, antecipam-se dificuldades associadas à distância tipológica entre o português e as línguas maternas dos participantes, particularmente ao nível da perceção e produção fonética, da aquisição lexical e da complexidade morfossintática. Estas áreas são amplamente identificadas na literatura como domínios críticos no desenvolvimento da proficiência em línguas segundas e estrangeiras (Ellis, 1994; Mateus et al., 2005).

O estudo pretende contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre os perfis de aprendentes de PLE oriundos do Sul da Ásia, fornecendo indicadores relevantes para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que vão ao encontro das necessidades dos aprendentes e estratégias de ensino mais eficazes, em consonância com as orientações internacionais para a educação em línguas (Conselho da Europa, 2001; Richards & Rodgers, 2014).

Referências

Conselho da Europa. (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Edições ASA.

Dörnyei, Z. (2001). *Motivational strategies in the language classroom*. Cambridge University Press.

Ellis, R. (1994). *The study of second language acquisition*. Oxford University Press.

[1] Contacto: helgacandeias@hotmail.com

Lightbown, P. M., & Spada, N. (2013). *How languages are learned* (4.ª ed.). Oxford University Press.

Mateus, M. H. M., Falé, I., & Freitas, M. J. (2005). *Fonética e fonologia do português*. Universidade Aberta.

Richards, J. C., & Rodgers, T. S. (2014). *Approaches and methods in language teaching* (3.ª ed.). Cambridge University Press.

Ensino de Fonética e Fonologia do português para não-nativos: uma abordagem pluricêntrica

Iiris Rennicke[1]

Palavras-chave: fonética; fonologia; PLE; língua pluricêntrica; didática

Quando o português – ou qualquer outro idioma pluricêntrico – é ensinado como língua estrangeira fora da sua área de difusão, depara-se geralmente com o seguinte problema: que variedade se deve ensinar? O primeiro objetivo desta comunicação é mapear as questões ideológicas, linguísticas e práticas que influenciam a escolha da abordagem didática no ensino de Linguística do português para falantes não-nativos, através do olhar específico da Fonética e da Fonologia. O segundo objetivo é sugerir soluções teóricas e práticas que possibilitem – ou pelo menos facilitem – uma abordagem pluricêntrica nas aulas.

Na escolha da abordagem didática, o/a professor(a) enfrentará primeiro as questões ideológicas. Há um longo debate sobre se Portugal e o Brasil ainda falam a mesma língua (p. ex. Castilho, 2010) – e "a manutenção dessas variedades no enquadramento do que se denomina uma língua é, em última análise, *uma opção política*" (Mateus, 2003: 88). As diferenças entre o português europeu (PE) e brasileiro (PB) são de natureza fonológica, fonética, morfossintática e lexical num grau que chega a dificultar a compreensão mútua entre falantes nativos (Banho & Carvalho, 2015). Neste cenário linguístico, a vantagem de uma abordagem pluricêntrica é que os alunos expostos às diferentes variedades do português estarão mais bem preparados para a interação com falantes nativos de qualquer região lusófona. E este é, de facto, o objetivo da maioria dos aprendizes de PLE de acordo com o nosso estudo piloto – uma enquete sobre as atitudes dos alunos de PLE a nível universitário num país não-lusófono.

Ao entrar nas questões linguísticas, e especificamente na estrutura fonológica do português, o/a professor(a), tendo adotado uma abordagem pluricêntrica, deverá lidar com o facto de PE e PB partilharem, em grande parte, a mesma estrutura fonológica (subjacente), porém com algumas exceções. Algumas destas exceções estão refletidas inclusive no Acordo Ortográfico de 1990 (p. ex. PE *género* vs. PB *gênero*, PE *cómico* vs. PB *cômico*; PE *aspeto* vs. PB *aspecto*, PE *secção* vs. PB *seção*). Nestes tipos de palavras, a representação fonológica é diferente em PE e PB, definindo o grau de abertura da vogal (/ɛ ɔ/ ou /e o/) e a presença ou ausência de /p/ e /k/ em coda. Cada variedade também terá os seus próprios processos fonológicos (por exemplo, no alçamento das vogais átonas /e a o/) e formas de superfície (ou sons) resultantes destes processos.

Quanto à questão prática de escolher o material didático para a disciplina de Fonética e Fonologia, resulta difícil encontrar obras académicas nestas áreas da Linguística que acomodem tanto o PE como o PB. A tradição, nos manuais de Fonética e Fonologia do português, é de focar numa única variedade (p. ex. Mateus, 1996; Espada, 2017; Cristófaro Silva, 1998; Seara, Nunes & Lazzarotto-Volcão, 2011), embora existam exceções (p. ex. Fails & Clegg, 2021). Do ponto de vista didático, o uso variado de diferentes alfabetos fonéticos e práticas de transcrição – que podem coincidir ou não com o Alfabeto Fonético Internacional – também dificultam a combinação de fontes para criar um material didático pluricêntrico.

A nível teórico, um modelo fonológico que assume como unidade de representação a palavra e não o segmento (p. ex. Bybee, 2001) acomodaria melhor as várias formas de pronunciar o português, mas estes modelos não têm, a nosso ver, o mesmo valor didático do que o modelo generativista de

[1] Contacto: iiris.rennicke@helsinki.fi

fonemas que, através de regras fonológicas, se transformam em sons. Por este motivo, sugeriremos nesta comunicação, além de métodos e exercícios, um conjunto simples de possíveis representações subjacentes fonémicas e processos fonológicos que expliquem tanto a base quase uniforme (fonológica) da língua portuguesa como as variações de pronúncia (fonética) ao aprendiz não-nativo. Tornam-se necessários, por exemplo, um arquifonema sibilante e outro rótico em coda para explicar a perda da oposição fonológica entre sibilantes (/s z ʃ ʒ/) nas duas variedades e entre os chamados "r forte" e "r fraco" do PB (*porta* [pɔɾtɐ]~[pɔhtɐ]). Consideraremos também as regras fonológicas necessárias para prever os fenómenos de vocalismo átono nas duas variedades.

Referências

Bagno, M. & Carvalho, O. L. (2015). O potencial do português brasileiro como língua internacional. *Interdisciplinar* 10/22. Universidade Federal de Sergipe.

Bybee, J. L. (2001). *Phonology and language use*. Cambridge University Press.

Castilho, A. T. de. (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

Cristófaro Silva, T. (1998). *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto.

Espada, F. (2017). *Manual de Fonética*. Lisboa: Lidel.

Fails, W. C. & Clegg, J. H. (2021). *Manual de fonética e fonologia da língua portuguesa*. Abingdon/Nova Iorque: Routledge.

Mateus, M. H. M. (2003). Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes? *Revista De Letras, 1*(25).

Mateus, M. H. M. (1996). Fonologia. Em I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte & C. A. M. Gouveia (orgs.), *Introdução à linguística geral e portuguesa* (pp. 171-199). Lisboa: Caminho.

Seara, I. C., Nunes, V. G., Lazzarotto-Volcão, C. (2011). *Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/-2013/04/Livro_Fonetica_e_Fonologia.pdf

Reflexões sobre a quantificação de eventos não durativos em PE

Inês Cantante[1]

Palavras-chave: quantificação; domínio verbal; classes aspetuais; pontos; culminações

A quantificação, tradicionalmente associada ao domínio nominal, pode também aplicar-se a eventualidades (eventos e estados), denotando quantidades de situações ou, eventualmente, a sua extensão temporal (cf. Leal, 2009). Contudo, a quantificação no domínio verbal permanece relativamente pouco explorada, havendo apenas alguns trabalhos que abordam este fenómeno de uma perspetiva específica (como, por exemplo, Cunha, Leal & Silvano, 2007; Quadros Gomes et al., 2021; Cantante, 2023).

O presente estudo tem como objetivo analisar a quantificação no domínio verbal em PE, incidindo sobre eventos não durativos (culminações e pontos) quantificados por *muito*. Os exemplos analisados foram recolhidos do CetemPúblico e do CRPC, sempre que possível, tendo sido feitas manipulações sempre que necessário. Com base em dados do PE (como (1)-(2)), procura-se determinar a compatibilidade destas classes com muito e as leituras interpretativas daí resultantes.

(1) A criança caiu **muito**.

(2) O avô tossiu **muito**.

Assume-se que ambas as classes correspondem a eventualidades pontuais, desprovidas de duração interna, distinguindo-se pelo facto de as primeiras envolverem um estado resultante, ao contrário dos segundos, conceptualizados como eventos instantâneos mínimos (cf. Vendler, 1967; Moens & Steedman, 1988; Oliveira, 2003, e.o.). Considerando, de acordo com Beavers (2002) e Weschler (2005), que os verbos não durativos se caracterizam por não serem escalares, parece relevante perceber de que modo *muito*, frequentemente associado à expressão de grau, opera sobre estruturas que, à partida, não têm escala.

Os resultados mostram que, com exceção de culminações de ocorrência única (como *morrer* ou *nascer*), ambas as classes apresentam grande compatibilidade com muito, embora com restrições interpretativas. De um modo geral, a interpretação preferencial envolve uma frequência (repetição de ocorrências), evidenciando-se ainda que, embora próximas, as duas classes não apresentam exatamente o mesmo comportamento: enquanto as culminações admitem apenas leituras de frequência, os pontos permitem adicionalmente interpretações que envolvem intensidade (*tossiu muito intensamente*) e duração (*tossiu durante muito tempo*). Além disso, elementos delimitadores temporais (como *ontem*) ou espaciais (como *na cozinha*) não afetam diretamente o valor da quantificação, funcionando antes como mecanismos de enquadramento da eventualidade. Por fim, depois de se averiguar o que ocorria na presença de tempos verbais indutores de habitualidade (Presente, Pretérito Imperfeito e Pretérito Perfeito Composto do Indicativo), verificou-se que poderá surgir uma leitura habitual. Esta, todavia, não anula as leituras anteriormente mencionadas, o que poderá sugerir que tempo verbal e quantificação contribuem de forma distinta para o estabelecimento da interpretação final.

Globalmente, os resultados parecem mostrar que, em contextos de eventos não durativos, *muito*, em PE, funciona sobretudo como um operador de frequência (alta), não efetuando qualquer tipo de alteração aspetual.

[1] Contacto: cantante.ines@gmail.com

Referências

Beavers, J. (2002). *Aspect and Distribution of Prepositional Resultative Phrases in English*. Paper presented at the annual meeting of the Linguistic Society of America, San Francisco.

Cantante, I. (2023) Algumas notas sobre a quantificação de *Degree Achievements* em Português Europeu. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 10, pp. 80-91.

Cunha, L. F.; Leal, A. & Silvano, P. (2007). Some issues on quantification in consecutive clauses. *Verbum – Revue de Linguistique, 29* (3), pp. 319-334.

Leal, A. (2009). *Semântica Aspetual e Nominal: Contributo das expressões nominais para a construção aspectual da frase*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Tese de Doutoramento]

Moens, M. & Steedman, M. (1988). Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics, 14* (2), pp. 15-28.

Oliveira, F. (2003). Tempo e Aspecto. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 127-178). Lisboa: Caminho.

Quadros Gomes, A. P.; Gomes, A. C. N. & Medeiros, B. S. (2021). Estrutura escalar em classes acionais – As propriedades aspetuais visíveis para a gramática. *Diacrítica, 35* (1), pp. 78-103.

Vendler, Z. (1967). *Linguistics in Philosophy*. Ithaca. NY: Cornell University Press.

Wechsler, S. (2005). Resultatives Under the 'Event-Argument Homomorphism' Model of Telicity. In N. Erteschik-Shir & T. Rapoport (eds.), *The Syntax of Aspect: Deriving Thematic and Aspectual Interpretation* (Chapter 12, pp. 255-273).

Advérbios de tempo: Classificação e Representação Formal em LMR

Izabela Meira Grein Müller[1] & Jorge Baptista

Palavras-chave: advérbio; tempo; sintaxe; semântica; português

Esta comunicação apresenta um estudo sobre a classificação e a representação formal dos advérbios de tempo, no português europeu e brasileiro, dentro do quadro teórico-metodológico do Léxico-Gramática (M. Gross 1981, 1986, 1996), inspirado na Gramática Transformacional de Operadores (Harris, 1976, 1991).

Partindo de um conjunto de 627 expressões adverbiais temporais, *simples* e *compostas* (ou multipalavra), já recenseadas (Müller et al. 2022), propõe-se a sua organização em quatro classes principais, com base em critérios sintático-semânticos explicitamente definidos, ainda que inicialmente inspirados em classificações anteriores (Molinier & Levrier, 2000; Costa, 2008; Hagège et al. 2010), e em estudos de advérbios temporais em português (Móia, 2004) nomeadamente, expressões de **data** (ou de *localização* temporal: *hoje*, *hoje em dia*); de **duração** (ou de *quantificação* temporal: *eternamente*, (*por*) *anos a fio*; de **frequência** (combinando quantificação temporal com módulo: *diariamente*, *dia sim dia não*); e de **aspecto** (*constantemente*, *ainda*, *já*).

O trabalho analisa as propriedades gerais das construções destes advérbios, bem como aspectos particulares que afetam a sua interpretação, nomeadamente no que diz respeito à sua interação com o predicado e à sua contribuição para a estrutura informacional da frase. É dada especial atenção a problemas de classificação, como os colocados por advérbios aspectuais (e.g., *ainda*, *já*) (Souza, 2020) e de frequência (e.g., *jamais*, *nunca*, *sempre*) (Móia, 2024), que desafiam categorizações tradicionais.

A proposta é aplicada à representação formal do significado no quadro da Lexicalized Meaning Representation (LMR; Baptista et al. 2024; Baptista et al. 2025), aos advérbios temporais presentes na novela *O Principezinho*, de A. de Saint-Exupéry (1943), evidenciando como diferentes classes de advérbios são codificadas no grafo semântico e como podem contribuir para uma modelização mais fina da dimensão temporal e aspetual dos predicados semânticos.

Referências

Baptista, J., Reis, S., Dias, J., & Santos, P. (2024). Lexicalized meaning representation (LMR). In Proceedings of the *Fifth International Workshop on Designing Meaning Representations* @ LREC-COLING 2024 (pp. 101–111). ELRA and ICCL. https://aclanthology.org/2024.dmr-1.11/"

Baptista, J., Müller, I. & Reis, S. (2025). Semantic Representation of Adverbs in the Lexicalized Meaning Representation (LMR) Framework. In *14th Symposium on Languages, Applications and Technologies* (SLATE 2025). Open Access Series in Informatics (OASIcs), Volume 135, pp. 9:1-9:18, Schloss Dagstuhl – Leibniz-Zentrum für Informatik https://doi.org/10.4230/OASIcs.SLATE.2025.9

Costa, J. (2008). *O advérbio em português europeu*. Lisboa. Edições Colibri.

Gross, M. (1981). Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages*, 63:7–52.

Gross, M. (1986). *Grammaire transformationelle du français: 3 - Syntaxe de l'Adverbe*. Paris: ASTRIL.

Gross, M. (1996). Lexicon grammar. In K. Brown & J. Miller (Eds.), *Concise Encyclopedia of Syntactic Theories* (pp. 244–259). Pergamon.

Hagège, C., Baptista, J., & Mamede, N. (2010). Caracterização e processamento de expressões temporais em português. *Linguamática, 2*(1), 63–76.

Harris, A. S. (1976). *Notes du cours de syntaxe*. (trad. Maurice Gross). Paris: Seuil.

Harris, Z. S. (1991). *A Theory of Language and Information: A Mathematical Approach*. Oxford: Clarendon Press.

Móia, T. & Alves, A., (2004) "Differences between European and Brazilian Portuguese in the use of temporal adverbials", *Journal of Portuguese Linguistics* 3(1), 37-67. doi: https://doi.org/10.5334/jpl.18

[1] Contacto: a74074@ualg.pt

Móia, T. (2024). A distribuição dos adjuntos temporais negativos no português contemporâneo: negação, concordância negativa e construções de grau. *Diacrítica*, *38*(1), 226–253. https://doi.org/10.21814/diacritica.5428

Molinier, C., & Levrier, F. (2000). *Grammaire des adverbes: Description des formes en* -ment. Genève: Droz.

Müller, I., Mamede, N., & Baptista, J. (2022). Bootstrapping a Lexicon of Multiword Adverbs for Brazilian Portuguese. In *International Conference on Computational and Corpus-Based Phraseology* (pp. 160-174). Cham: Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-031-15925-1 12

Souza, D. G. de. (2020). *O comportamento dos advérbios aspectuais ainda e já* [The behavior of aspectual adverbs *ainda* and *já*]. *Revista Versalete, 8*(15), 73–96. Universidade Federal do Paraná.

Expressive vocatives and exclamatives

Jakob Maché[1] & Vesela Simeonova

Palavras-chave: frase exclamative; vocativos; vocativos expressivos; significado expressivo; pragmática

Crosslinguistically, a range of linguistic strategies are employed to encode expressive vocatives, ranging from addressee-oriented POSSESSIVE pronoun + N/Adj in European Portuguese and Swedish (cf. 1), to DEMONSTRATIVE pronouns +N in Bulgarian, Mandarin and Yorùbá (Atlantic Congo, cf. 2); to simple PERSONAL pronouns + N as in Gawwada (Cushitic), Czech, German and English (3), and to bare nouns as in Russian or Modern Greek, (cf. Potts and Roeper 2006:183–185, Gutzmann 2019:241–247, Giomi, Van Olmen, and van Oers 2025). As these authors argue, these expressive forms of address qualify as a distinct type of speech act.

The objective of this presentation is to bring together data from two corpus studies on Bulgarian and European Portuguese supplemented by data from further unrelated languages. Finally, a detailed semantic analysis of the illocution type expressive vocative will be delivered, which has received comparatively little attention.

(1) (ó) seu burro!
VOC POSS.3S.MAS stupid-MAS.S E. PORTUGUESE

(2) Umitsa takava! BULGARIAN
smartie.pants such.F

(3) Du Trottel du dummer du!
you.NOM fool you.NOM stupid-MAS.S.NOM you.NOM GERMAN

Despite the evident variation, all of these expressive types of address are subject to similar puzzling restrictions: (i) They consist of a deictic pronoun or element plus nouns or adjectives that express some sort of degree. (ii) Although, at least in some languages, they are not limited to pejorative meanings and can also occur with endearments, they are much more productive in the former type than in the latter (cf. Vater 2000:193–194, d'Avis and Meibauer 2013:210, Jain.

The present analysis confirms these tendencies drawing on corpus data from Bulgarian and Portuguese and arrives at the conclusion that these expressive uses of pronouns share essential features with degree (*wh*-)exclamatives (cf. Michaelis 2001:2038–2041). They should therefore be considered as a close relative of exclamative sluices functioning as context dependent intensifiers.

First, much like exclamatives, expressive addresses are restricted to NPs that denote degree properties, in the sense of (Kennedy and McNally 2005). This is evident in the German data in (3), where doubling of the pronoun or determiner is possible – a pattern otherwise attested only in the context of intensifiers like *sehr* 'very' and *ganz* 'completely' (cf. Kallulli and Rothmayr 2008:97–100, 104–106, 131).

Second, the use of expressive addresses invariably signals that a given property holds to a degree higher than expected by the speaker (cf. Michaelis and Lambrecht 1996:237–243, Michaelis 2001:1040, Zanuttini and Portner, 2003:54–57, and Rett 2011:416–417). This aligns with Rothmayr's (2025) observation that expressive addresses are incompatible with COMPARATIVE and SUPERLATIVE forms of adjectives.

[1] Contacto: jakob.mache@letras.ulisboa.pt

Third, expressive addresses can only be felicitously uttered only when the circumstances motivating the speaker's emotional expression involve recent information that has not yet been shared between the speaker and the addressee. This restriction is reminiscent of miratives, which are subject to a similar restriction (cf. Rett and Murray 2013:457, Rett 2021:197).

Interestingly, languages differ with respect to which types of speech participants are permitted in these patterns (cf. Rauh 2004:80, Gutzmann 2019:198, 203). German allows reference to the speaker (*ich Trottel ich* 'I idiot I')) as well as the addressee, and even to participants not involved in the conversation (*der Idiot der* 'the idiot the'), whereas English does not allow speaker reference. Another notable detail is that German bans the use of 3rd pronouns, requiring a definite article or demonstrative pronoun instead. From this, we conclude that Indo-European languages impose a requirement for some form of pronoun that has a deictic feature, either speaker- or addressee-related pronouns (as in German, Swedish and Portuguese) or a demonstrative pronoun (as in Bulgarian).

Given the parallel behaviour of expressive vocatives and (*wh*-)exclamative sluices, it will be shown that Ginzburg and Kim's (2023) analysis for exclamative sluices as non-sentential utterances can be largely extended to expressive vocatives as well.

Finally, the predominantly pejorative interpretation of expressive addresses appears to arise from the interaction of d'Avis and Meibauer's (2013:211) M-Principle with the semantics of degree properties.

References

d'Avis, Franz-Josef and Jörg Meibauer (2013). "*Du Idiot! Din idiot!* Pseudo-vocative constructions and insults in German (and Swedish)". In: *Vocative! Addressing between system and performance*. Ed. by Barbara Sonnenhauser and Patrizia Noel Aziz Hanna. Trends in Linguistics Studies and Monographs 261. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 189–217. DOI: 10.1515/9783110304176.189.

Ginzburg, Jonathan and Jong-Bok Kim (Oct. 2023). "Exclaiming non-sententially: exclamative sluices and the (non-elliptical) nature of ellipsis constructions". In: *Glossa: a journal of general linguistics* 8.1. DOI: 10.16995/glossa.9639. URL: https://doi.org/10.16995%2Fglossa.9639.

Giomi, Riccardo, Daniël Van Olmen, and Denise van Oers (2025). *Insults as a sentence type: A cross-linguistic perspective*. Manuscript. University of Amsterdam.

Gutzmann, Daniel (2019). *The Grammar of Expressivity*. Oxford Studies in Theoretical Linguistics 72. Oxford: Oxford University Press. DOI: 10.1093/oso/9780198812128.001.0001. URL: http://dx.doi.org/10.1093/oso /9780198812128.001.0001.

Jain, Kate Hazel (June 2021). "You Hoboken! Semantics of an expressive label maker". In: *Linguistics and Philosophy* 45.2, pp. 365–391. DOI: 10.1007/s10988-021-09333-y. URL: http://dx.doi.org/10.1007/s10988-02109333-y.

Kallulli, Dalina and Antonia Rothmayr (July 2008). "The syntax and semantics of indefinite determiner doubling constructions in varieties of German". In: *The Journal of Comparative Germanic Linguistics* 11.2, pp. 95–136. DOI: 10.1007/s10828-008-9019-z.

Kennedy, Christopher and Louise McNally (2005). "Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates". In: *Language* 81.2, pp. 345–381. DOI: 10.1353/lan.2005.0071. URL: https://doi.org/10.1353%2Flan.2005.0071.

Michaelis, Laura A. (2001). "Exclamative constructions". In: *Language typology and language universals. An international handbook. Vol 2.* Ed. by Martin Haspelmath. Berlin: Walter de Gruyter, pp. 1038–1050.

Michaelis, Laura A. and Knud Lambrecht (June 1996). "Toward a Construction-Based Theory of Language Function: The Case of Nominal Extraposition". In: *Language* 72.2, p. 215. DOI: 10.2307/416650.

Potts, Christopher and Tom Roeper (2006). "The narrowing acquisition path. From declarative to expressive small". In: *The syntax of Nonsententials. Multidisciplinary perspectives*. Ed. by Ljiljana Progovac et al. Amsterdam: Benjamins, pp. 183– 201.

Rauh, Gisa (2004). "Warum *Linguist* in *ich/du Linguist* kein Schimpfwort sein muß. Eine konversantionstheoretische Erklärung". In: *Linguistische Berichte* 197, pp. 77–105.

Rett, Jessica (Oct. 2011). "Exclamatives, degrees and speech acts". In: *Linguistics and Philosophy* 34.5, pp. 411–442. DOI:10.1007/s10988-011-9103-8.

Rett, Jessica (Aug. 2021). "A comparison of expressives and miratives". In: *Expressive Meaning Across Linguistic Levels and Frameworks*. Ed. by Andreas Trotzke and Xavier Villalba. Oxford: Oxford University Press, pp. 191–215. DOI: 10.1093/oso/9780198871217.003.0010.

Rett, Jessica and Sarah E. Murray (2013). "A semantic account of mirative evidentials". In: *Proceedings of SALT 23, held at the University of California, Santa Cruz, May 3–5, 2013*. Ed. by Todd Snider. Ithaca, NY: Cornell University, pp. 453–472.

Vater, Heinz (2000). "*Pronominantien* – oder: Pronomina sind Determinantien". In: *Deutsche Grammatik in Theorie und Praxis*. Ed. by Rolf Thieroff et al. Tübingen: Niemeyer, pp. 185–199.

Zanuttini, Raffaella and Paul Portner (2003). "Exclamative Clauses: At the Syntax-Semantics Interface". In: *Language* 79.1, pp. 39–81. DOI: 10.1353/lan.2003.0105.

Backward Crosslinguistic Influence from L3 Portuguese on L2 English Spelling among Chinese Multilingual Learners

Jiaxin He[1] & Jorge Pinto

Keywords: crosslinguistic influence; backward transfer; third language acquisition; lexical transfer

Crosslinguistic influence (CLI) in third language (L3) acquisition has received growing attention in recent years. At the lexical level, studies have shown that a previously acquired non-native language can become a major source of CLI during L3 learning (e.g., Dewaele, 1998; Ringbom, 2001; Murphy, 2003; Woll, 2019). However, potential backward effects from an L3 on an earlier acquired L2 remain underexplored, especially in the domain of lexical-orthographic representation.

This study examines whether advancement in L3 Portuguese learning is associated with backward CLI in L2 English spelling among Chinese multilingual learners. Two groups of Chinese university students with L2 English and L3 Portuguese were compared: first-year Portuguese learners (self-reported Portuguese proficiency A1-A2) and third-year learners (B2-C1). General English proficiency was measured independently using the C-test from Spada et al. (2015) and entered as a covariate.

Data were collected through a controlled paper-based spelling production task containing 20 English-Portuguese cognates. Each item was presented with three cues: the initial letter of the English target, a Chinese gloss, and an English sentence context, in order to constrain lexical selection and elicit the intended target word. Each target included one pre-defined orthographic divergence site between English and Portuguese, making it possible to identify Portuguese-like spellings at that specific position (e.g., system vs. sistema). All target words were listed in the online Cambridge English Vocabulary Profile at B2 level or below.

Responses were coded for total deviations from the target English spelling, Portuguese-like deviations at the divergence site, and the proportion of Portuguese-like deviations among all deviations. Preliminary analyses controlling for general English proficiency showed that the more advanced group of Portuguese learners produced more Portuguese-like deviations and a higher proportion of such deviations than the less advanced group. These findings suggest that CLI in multilingual development is not limited to forward transfer into a later-learned language. They further indicate that increased knowledge of an L3 may reshape lexical-orthographic representations in an earlier learned L2, supporting a view of the multilingual lexicon as a dynamic and continuously reorganized system rather than a fixed sequence of independently acquired languages.

This framework provides a principled account of the figurative mechanisms underlying verbal idiomatic expressions while enabling a more fine-grained and empirically grounded classification of the semantic roles assigned to their free argument positions. Preliminary results suggest that, within this class, most idioms preserve both the core constructional pattern of the verb and its associated semantic roles, despite the global idiomatic interpretation and the presence of frozen complements.

References

Dewaele, J.-M. (1998). Lexical Inventions: French Interlanguage as L2 versus L3. *Applied Linguistics*, *19*(4), 471–490. https://doi.org/10.1093/applin/19.4.471

Murphy, S. (2003). *Second Language Transfer During Third Language Acquisition*. https://doi.org/10.7916/ezqv-jx12

[1] Contacto: margaridahe212@gmail.com

Ringbom, H. (2001). Lexical Transfer in L3 Production. In J. Cenoz, B. Hufeisen, & U. Jessner (Eds.), *Cross-Linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives* (pp. 59–68). Multilingual Matters. https://doi.org/10.21832/9781853595509-005

Spada, N., Shiu, J., & Tomita, Y. (2015). Validating an Elicited Imitation Task as a Measure of Implicit Knowledge: Comparisons With Other Validation Studies. *Language Learning*, *65*. https://doi.org/10.1111/lang.12129

Woll, N. (2019). Investigating Positive Lexical Transfer from English (L2) to German (L3) by Quebec Francophones. In E. Vetter & U. Jessner (Eds.), *International Research on Multilingualism: Breaking with the Monolingual Perspective* (pp. 103–123). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-030-21380-0_7

Mapping event representations to linguistic representations: Mandarin children's and adults' culmination judgements

Jingying Xu[1] & Cristina Schmitt

Keywords: crosslinguistic influence; backward transfer; third language acquisition; lexical transfer

Mandarin telic predicates built from incremental-theme verbs such as *chi-le na-kuai binggan* 'ate that cookie' often permit acceptance in visually incomplete situations, raising the question of whether this variability reflects lexical semantics (Tai ,1984), the contribution of the perfective marker, verbal *-le* (Martin et al., 2021), or the way completion is verified against context. Previous work has also reported that Mandarin-speaking children differ from adults in these judgments (Li, 2019). The present study asks which factors shape children's and adults' judgments of telic descriptions in incomplete situations, focusing on **Visual Completion Type**, **Determiner Type**, and the contribution of **verbal *-le***. We report three truth-value judgment experiments with Mandarin-speaking children (ages 4-6) and adults on incremental-theme predicates containing 'eat', 'drink', 'draw' and 'build'. The experiments manipulated Determiner Type of the direct object (numeral 'three' vs demonstrative 'those') and Visual Completion Type, contrasting scenes in which only the third object was incomplete (3rdOI) with scenes in which each object was partially affected (EOI). In 3rdOI, a completed subset of two objects is available and can support demonstrative descriptions; in EOI, no such completed subset is available. In **Experiment 1**, participants judged simple clauses containing *-le*. Across age groups, rejection rates were higher in 3rdOI than EOI scenes, where all objects were partially affected, indicating that incomplete events were not accepted uniformly. Adults also showed a determiner-sensitive pattern: in 3rdOI, demonstrative descriptions were accepted more readily than numeral descriptions. Children were reliably sensitive to visual completion type, but only 6-year-olds showed a determiner contrast in 3rdOI. **Experiment 2** tested the same predicates without *-le* in a biclausal *after*-construction, which supported an episodic reading without overt aspectual marking. The visual-completion effect remained, and removing *-le* did not make incomplete descriptions uniformly harder to accept, arguing against a simple analysis of *-le* as a partitive operator licensing non-culminating interpretations. The 6-year-olds showed lower rejection in Exp.2 than in Exp.1, possibly because the presuppositional *after*-clause provided additional support for treating the event as finished. **Experiment 3** reintroduced *-le* into the same biclausal frame. Adults showed higher rejection rates than in Exp.2, suggesting that in this embedded-clause environment *-le* strengthens expectations of full completion rather than relaxing them (Zhao, 2023). Overall, the findings argue against purely verb-semantic or simple *-le*-based accounts and instead support a completion-entailment approach in which Mandarin incremental-theme predicates compositionally encode telic event structure, while variation in judgments arises from how completion entailments are verified against visual context. Developmentally, child–adult differences reflect increasing flexibility in contextual verification rather than differences in core semantic representations.

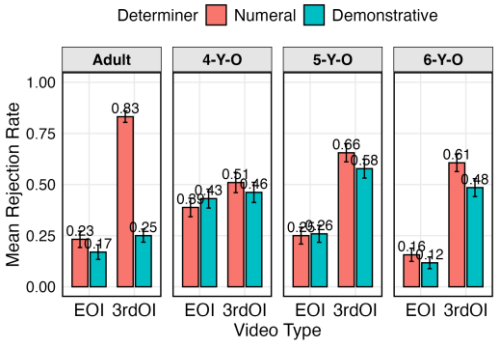
[1] Contacto: xujing21@msu.edu

3rd Object Incomplete (3rdOI) **Each Object Incomplete (EOI)**

Exp.1 test sentence, GLMM estimates, and rejection rate of incomplete situations

(1) *wo chi le san-kuai binggan.*
1sg eat LE three-CL cookie
'I ate three cookies.'

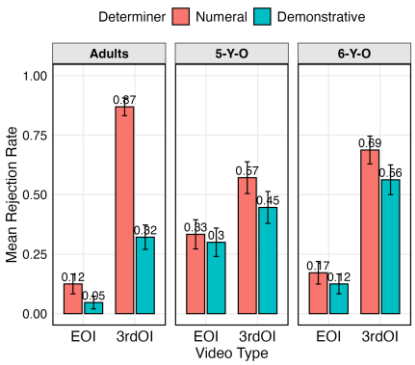
Term	Adults	4-Y-O	5-Y-O	6-Y-O
Intercept	-1.663*	-7.514*	-7.571**	-1.238
Video Type	4.390***	16.519***	16.290***	7.155**
Determiner	-1.107	0.328	0.605	0.560
Video Type × Determiner	-2.472*	-1.068	0.454	-3.384**



Exp.2 test sentence, GLMM estimates, and rejection rate of incomplete situations

(2) *Ta chi san-kuai binggan hou, jiu qu*
3sg eat three-CL cookie after then go
'After she ate three cookies, she went to do something else.'

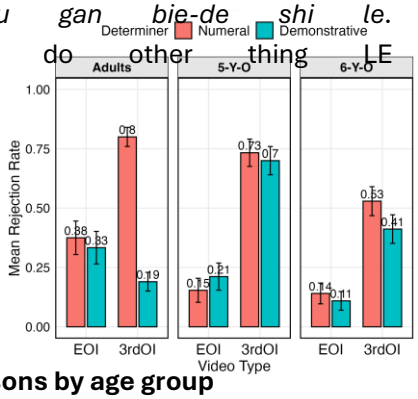
Term	Adults	5-Y-O	6-Y-O
Intercept	-2.493***	-2.923	-4.173**
Video Type: 3rdOI	4.998***	4.687*	5.596***
Determiner: Demonstrative	-1.167	-0.442	-0.886
Video Type × Determiner	-2.370**	-1.032	-0.125



Exp.3 test sentence, GLMM estimates, and rejection rate of incomplete situations

(3) *Ta chi-le san-kuai binggan hou, jiu qu gan bie-de shi le.*
3sg eat-*le* three-CL cookie after then go do other thing LE
'After she ate three cookies, she went to do something else.'

Term	Adults	5-Y-O	6-Y-O
Intercept	-0.801	-2.861***	-5.850***
Video Type: 3rdOI	2.867***	4.430***	6.368**
Determiner: Demonstrative	-0.286	0.592	-1.354
Video Type × Determiner	-3.959***	-0.828	0.234



Summary of omnibus cross-experiment differences comparisons by age group

Experiment	Adults	5-Y-O	6-Y-O
Exp 1 (+le, simple clause) vs. Exp 2 (–le, biclausal)	n.s.	n.s.	lower rejection in Exp.2
Exp 2 (–le, biclausal) vs Exp 3 (+le, biclausal)	higher rejection in Exp.3	n.s.	n.s.

References

Li, Tianshu. 2019. *Incomplete perfectivity and its acquisition in Mandarin Chinese*. The Chinese University of Hong Kong Mphil thesis.

Martin, Fabienne & Sun, Hongyuan & Demirdache, Hamida & Liu, Jinhong. 2021. Why one can kill rasputin twice in Mandarin. In Grosz, Patrick & Martí, Luisa & Pearson, Hazel & Sudo, Yasutada & Zobel, Sarah (eds.), *Proceedings of Sinn und Bedeutung 25*. 618–635. Londres, United Kingdom.

Tai, James H.-Y. 1984. Verbs and times in Chinese: Vendler's four categories. In *Papers from the Parasession on Lexical Semantics*. 286–296. Chicago Linguistic Society.

Zhao R. 2023. *Definiteness effects and competition in tenses and aspects*: University College London PhD dissertation.

Semantic Roles in Portuguese Idiomatic Verbal Expressions: Between Idiomatic Opacity and Figurative Argument Structure

Jorge Baptista[1] & Sónia Reis

Keywords: Verbal idiomatic expressions; semantic roles; Lexicon-Grammar; argument structure; idiomatic opacity

The linguistic description of verbal idiomatic fixed expressions in Portuguese (e.g., ir de Caifás para Pilatos, lit. 'to go from Caiaphas to Pilate', i.e., 'to go from bad to worse') has recently gained renewed attention within the Lexicon-Grammar framework (M. Gross, 1996), notably through efforts toward the systematic description of idiomatic constructions and their automatic identification in European Portuguese corpora (Antunes et al., 2025)[2]. Nevertheless, a significant descriptive gap remains: unlike predicative nouns (Baptista & Mamede, 2020b)[3] and verbs[4], as treated in resources such as the Dicionário Gramatical de Verbos do Português (Baptista & Mamede, 2020a), verbal idiomatic fixed expressions have not yet been systematically endowed with semantic role annotations. This gap is particularly evident in the treatment of their distributionally free argument positions, whose semantic contribution remains under-specified.

This paper advances a methodology for the systematic representation of semantic roles in the lexical-grammatical description of Portuguese idiomatic fixed expressions, focusing on constructions of class CP1P2 (e.g., O Pedro foi de cavalo para burro, lit. 'to go from horse to donkey', i.e., 'to go from bad to worse'). This class provides a particularly revealing testbed: although relatively small (154 expressions out of 2,714; 5.6%), it instantiates a stable three-argument configuration in which a distributionally free subject co-occurs with two verb-bound, frozen prepositional complements. Crucially, these frozen complements encode a rich spectrum of often figurative semantic relations, challenging standard role inventories. The proposed analysis extends the semantic role typology of Talhadas et al. (2013), within the broader Lexicon-Grammar framework as developed for Portuguese verbs and predicative nouns (Baptista & Mamede, 2020a, 2020b).

The proposal distinguishes two major types of relation between an idiomatic expression and the lexical-semantic-syntactic behaviour of the verb it contains. At one end of the spectrum are cases of strong idiomatic opacity, where the expression shows little or no semantic continuity with the verb's free uses (e.g., bater com o nariz na porta 'lit. : to hit one's nose against the door, to meet with rejection or an unexpected setback'). At the other end are figurative or lexicalised metaphorical extensions of the verb's basic meaning (e.g., O Pedro foi desta para melhor 'Pedro died'). In these cases, the underlying argument structure and associated semantic roles (e.g., ⟨agent⟩, ⟨locative-source⟩, ⟨locative-destiny⟩) are preserved, albeit reinterpreted figuratively, thus reflecting constructions independently attested in the grammar of the corresponding non-idiomatic use of the same verb (e.g., ir 'go', class 37LD: locative-dynamic construction). Methodologically, the analysis proceeds in three stages. First, each idiomatic expression is assigned a global predicate type (⟨action⟩, ⟨state⟩, ⟨process⟩, ⟨event⟩, or ⟨other⟩), which constrains the interpretation of its distributionally free argument. Second, the construction instantiated by the verb within the idiom is systematically compared with the set of constructions already encoded for that verb in the Lexicon-Grammar. Third, the fixed

[1] Contacto: jbaptis@ualg.pt
[2] https://string.hlt.inesc-id.pt/demo/vidiomexplorer.pl (access: 2026/03/31).
[3] https://string.hlt.inesc-id.pt/demo/sniperexplorer.pl" \h (access: 2026/03/31).
[4] https://string.hlt.inesc-id.pt/demo/viperexplorer.pl (access: 2026/03/31).

positions of the idiomatic expression are mapped onto the semantic roles associated with the corresponding argument positions in the verb's free constructions.

This framework provides a principled account of the figurative mechanisms underlying verbal idiomatic expressions while enabling a more fine-grained and empirically grounded classification of the semantic roles assigned to their free argument positions. Preliminary results suggest that, within this class, most idioms preserve both the core constructional pattern of the verb and its associated semantic roles, despite the global idiomatic interpretation and the presence of frozen complements.

References

Antunes, D., Baptista, J., & Mamede, N. (2025). Processamento Automático de Expressões Idiomáticas do Português Europeu. *Linguamática, 17*(1), 55–73.

Baptista, J., & Mamede, N. (2020a). *Dicionário Gramatical de Verbos do Português*. Universidade do Algarve.

Baptista, J., & Mamede, N. (2020b). Syntactic Transformations in Rule-based Parsing of Support Verb Constructions: Examples from European Portuguese. In A. Simões, P. R. Henriques, & R. Queirós (Eds.), *Proceedings of the 9th Symposium on Languages, Applications and Technologies (SLATE 2020)* (pp. 1–14).

Gross, M. (1996). Lexicon-Grammar. In K. Brown & J. Miller (Eds.), *Concise encyclopedia of syntactic theories* (pp. 244–259). Pergamon.

Talhadas, R., Mamede, N., & Baptista, J. (2013). Semantic Roles for Portuguese Verbs. In J. Baptista & M. Monteleone (Eds.), *Proceedings of the 32nd International Conference on Lexis and Grammar* (pp. 127–132).

Realização da Marca de Plural no Sintagma Nominal no Português do Dundo (Angola): Uma Análise Morfossintática e Fonológica

Júlio Luciano Canhinguiquine,[1] Marina Vigário & Tjerk Hagemeijer

Palavras-chave: concordância de número; sintagma nominal; português do Dundo (Angola); variação morfossintática e fonológica

O presente estudo analisa a realização da marca de plural {-s} no sintagma nominal (SN) no português falado no Dundo, no nordeste de Angola, uma variedade ainda pouco descrita, mas relevante para a compreensão da diversidade do português em África. Partindo do reconhecimento de que a expressão da concordância de número (CN) no SN constitui um fenómeno variável, aparentemente dependente de muitos fatores, em diferentes (sub)variedades do português, nomeadamente no português do Brasil e em contextos africanos (e.g., Scherre, 1988; Baxter, 2009; Figueiredo, 2010; Inverno, 2011; Brandão, 2018), o trabalho procura analisar fatores que os fatores que condicionam a variação observada nesta comunidade. Para tal, o estudo analisa a concordância como resultado da interação entre fatores sociais, morfossintáticos e fonológicos (e.g., Mateus, 2002; Mateus *et al*. 2003; Jon-And, 2011; Frota, 2014). Metodologicamente, o estudo baseia-se num *corpus* oral constituído por entrevistas semi-estruturadas com seis informantes adultos, três homens e três mulheres, entre 37 e 65 anos de idade, falantes de português como L2, com níveis de escolaridade básico e médio, residentes em meio rural. Foram identificados 448 SNs contendo pelo menos uma palavra no plural, correspondendo a 900 ocorrências de palavras flexionáveis, analisadas quanto à realização ou omissão do morfema {-s}: (1)//...controlei **muitos idosos**// [AC 439]; (2) //...preparava **as suas arma**// [JS 345]. Os resultados mostram uma predominância da realização da marca de plural, com 628 palavras com marcação de plural, correspondendo a **69,8%,** e cerca de **41,9%** dos SNs com concordância plena. Entre os fatores morfossintáticos que parecem favorecer a realização, destaca-se a posição inicial da palavra no SN (89,9%), seguida da classe gramatical das palavras, já que as palavras funcionais apresentam maior taxa de realização (85%) do que as palavras lexicais, especialmente os substantivos (54,2%). Observa-se ainda que a presença de numerais tende a inibir a marcação de plural (64,4%). No plano fonológico, a extensão das palavras surge como determinante, com as palavras mais curtas (monossílabos) a favorecer mais a realização do plural (84,9%) do que palavras com mais de 3 sílabas (57,1%); a fronteira esquerda do sintagma entoacional é mais propensa à marcação de plural (92,1%) do que a direita (59,4%). Conclui-se que a variação na realização da concordância de número não parece ser aleatória no português do Dundo, mas resultar de um sistema de marcação seletiva, estruturada pela interação de diversos fatores linguísticos, com a tendência para a marcação do plural em posições mais à esquerda no sintagma nominal, sobretudo em elementos funcionais, em linha com outras variedades já descritas do português (e.g., Baxter, 2009; Jon-And, 2011). O estudo suscita novas questões, ao mostrar que variáveis fonológicas, apenas, dão conta das taxas de (não-)realização deste morfema de modo aparentemente equivalente a variáveis morfossintáticas, e contribui para o conhecimento da variação e da dinâmica interna do português em contextos de contacto.

Referências

Baxter, A. N. (2009). A concordância de número. In: D. Lucchesi; A.N Baxter; I. Ribeiro (eds). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, pp. 270-293.

[1] Contacto: julio.canhinguiquine1@gmail.com

Brandão, S. F. (2018). Concordância nominal no português de São Tomé e no português de Moçambique. In: Brandão, Sílvia Figueiredo (Org.). *Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintática*. São Paulo: Blucher, pp. 203-244.

Figueiredo, C. F. G. (2010). *A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade Almoxarife, São Tomé (Desenvolvimento das Regras de Concordância Variáveis no Processo de Transmissão-Aquisição Geracional)*. Tese de doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Macau.

Frota, S. (2014). *The intonational phonology of European Portuguese*. In Sun-Ah Jun (ed.) Prosodic Typology II. Oxford: Oxford University Press, pp. 6-42.

Inverno, L. (2011). *Contact-induced restructuring of portuguese morfossyntax in interior Angola: evidence from Dundo (Lunda Norte)*. Tese de doutoramento: Universidade de Coimbra.

Jon-And, A. (2011). *Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: A concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. Tese de Doutoramento: Universidade de Estocolmo.

Labov, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Mateus, M. H. M. (2002). *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Mateus, M. H. M. *et al.* (2003). *Gramática de língua portuguesa.* 5ª ed. Lisboa: Caminho.

Scherre, M. M. P. (1988). *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. UFRJ.

Preliminary Analysis of Nonword Repetition in Portuguese Children: Findings from the NonWordRepChild Project

Letícia Almeida, Gabriela Tavares,[1] Maria João Freitas, Teresa da Costa, Christophe dos Santos, Dina Alves

Keywords: Phonological acquisition; nonword repetition; language development disorder; phonological complexity; European Portuguese

Nonword repetition (NWR) tasks are often used in clinical assessment and reliably differentiate typically developing (TD) children from those with Developmental Language Disorder (DLD) in both monolingual and bilingual populations (Schwob et al., 2021). However, many existing NWR tasks place substantial demands on lexical knowledge and verbal short-term memory, which complicates the interpretation of poor performance, especially in multilingual contexts. Within COST Action IS0804 "Language Impairment in a Multilingual Society," the LITMUS-QU-NWR was developed as a quasi-universal tool designed to assess phonological abilities by systematically manipulating syllable structure and phonological complexity while minimizing the influence of lexical knowledge and verbal short-term memory, and it has shown good diagnostic accuracy for distinguishing TD and DLD in French and German (Almeida et al., 2017; Grimm, 2022).

The aim of the current study is to validate and further investigate the LITMUS-QU-NWR-EP, the European Portuguese (EP) version previously adapted by Almeida et al. (2023), in order to provide speech and language therapists with a phonologically controlled NWR tool suitable for both monolingual and multilingual children.

The target sample is 240 EP monolingual children – 200 TD and 40 DLD – evenly distributed across the first four school grades. The TD group has already reached its target sample size through recruitment in primary schools in the Lisbon dialect area. Additional data collection for children with DLD is currently underway via collaborating speech therapists. The experimental protocol includes the LITMUS-QU-NWR-EP and additional standardized tasks measuring productive vocabulary, phonological awareness, and reading and writing skills. In the LITMUS task, children are asked to repeat nonwords after auditory presentation via computer, with all productions digitally recorded. The phonetic transcription of the LITMUS data and the scoring of the additional standardized tasks are currently in progress.

Our preliminary results include data from 53 children, 45 TD and 8 DLD, covering all four school levels. Model comparisons revealed that, beyond the main effect of group, interactions involving word properties explained group differences better than school year. In particular, word complexity provided the largest improvement in model fit ($\chi^2(10) = 126.42$, $p < .001$; Figure 1, left), followed by word length in syllables ($\chi^2(4) = 16.08$, $p = .003$; Figure 1, middle), whereas school year contributed comparatively less ($\chi^2(6) = 16.42$, $p = .012$; Figure 1, right).

These preliminary findings are consistent with previous work highlighting the importance of phonological characteristics of nonwords in children performance on NWR tasks and with evidence that the LITMUS-QU-NWR is an effective tool for distinguishing children with TD from those with DLD (Almeida & Coupé, 2025; Grimm, 2022). Analyses based on the full target sample, including measures of vocabulary, phonological awareness, and reading and writing, will allow a more comprehensive assessment of the linguistic factors that contribute to this group difference.

[1] Contacto: gabrielatavares@fcsh.unl.pt

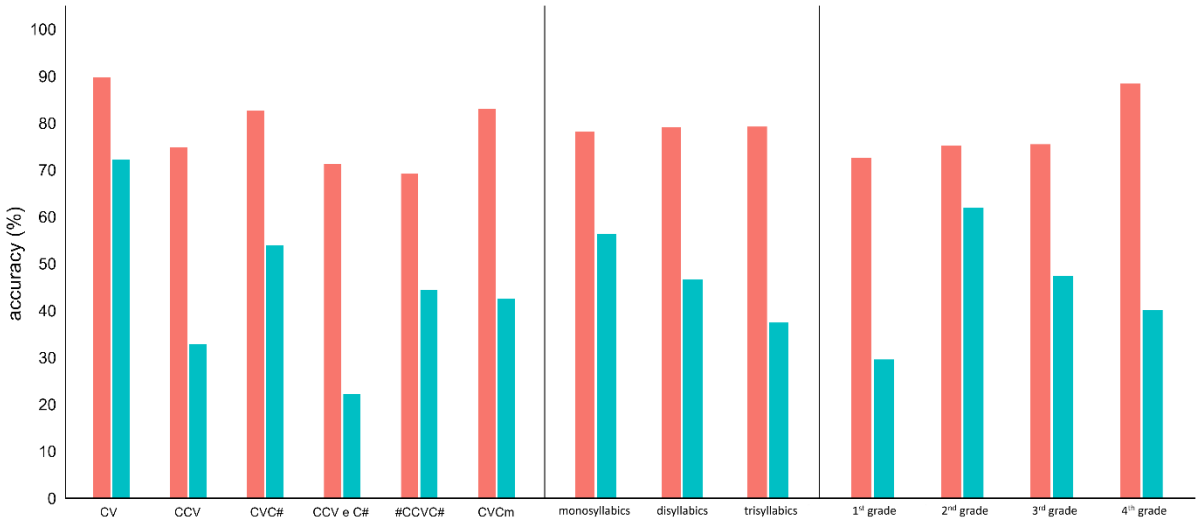


Figure 1. Mean accuracy in the LITMUS task by group, as a function of word complexity (left), word length (middle), and grade (right). Group TD is represented in red, and Group DLD, in green.

References

Almeida, L. and Coupé, C. (2025). The performance of L2 French children on the LITMUS-QU Nonword repetition task during their first year of exposure: impact of age, vocabulary size, verbal-short term memory and phonological awareness. *Bilingualism: Language and Cognition* 28, 1015–1029. https://doi.org/10.1017/S136672892400083X

Almeida, L., dos Santos, C., & Freitas, M. J. (2023). Nova versão do teste de repetição de pseudopalavras LITMUS-QU-NWR-EP. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (10), 1–15. https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln10ano2023a1

Almeida, L., Ferré, S., Morin, E., Prévost, P., dos Santos, C., Tuller, L., Zebib, R., & Barthez, M.-A. (2017). Identification of bilingual children with Specific Language Impairment in France. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 7(3–4), 331–358. https://doi.org/10.1075/lab.15019.alm

Grimm, A. (2022). The Use of the LITMUS Quasi-Universal Nonword Repetition Task to Identify DLD in Monolingual and Early Second Language Learners Aged 8 to 10. *Languages, 7*, 218. https://doi.org/10.3390/languages7030218

Schwob, S., Eddé, L., Jacquin, L., Leboulanger, M., Picard, M., Oliveira, P. R., & Skoruppa, K. (2021). Using Nonword Repetition to Identify Developmental Language Disorder in Monolingual and Bilingual Children: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research: JSLHR, 64*(9), 3578–3593. https://doi.org/10.1044/2021_JSLHR-20-00552

Dimensão estrutural e metatexto nas dissertações de mestrado

Luís Filipe Barbeiro[1]

Palavras-chave: dissertação de mestrado; organização estrutural; metatexto; referência interna

A dimensão estrutural de um documento e a sua articulação com a referência interna, ou seja, com a referência a unidades do próprio documento, constituem recursos textuais e metadiscursivos que evidenciam a arquitetura do texto e que apoiam a compreensão. A presente comunicação apresenta um estudo que incidiu sobre a estrutura e a referência interna à organização estrutural em dissertações de mestrado da área da Educação. Constituíram objetivos do estudo fazer o levantamento de soluções adotadas nestas vertentes e identificar eventuais inconsistências ou problemas organizativos e referenciais, com a finalidade de contribuir para uma maior clareza discursiva e de arquitetura textual, na elaboração destes trabalhos académicos (Gladic & Meza, 2022). O estudo é enquadrado teoricamente pelos estudos dos géneros textuais, com relevo para a perspetiva da Escola de Sydney (Martin & Rose, 2008; Rose & Martin, 2012), e pelos estudos relativos ao metadiscurso ou discurso sobre o discurso (Ädel, 2006; Cuevas-Alonso & Míguez-Álvarez, 2021; Geng & Wei, 2023; Hyland, 2004, 2005, 2015). A pesquisa parte da premissa de que a organização textual e o uso de metadiscurso são elementos centrais para garantir a coerência, a coesão e a clareza na escrita académica, especialmente em documentos complexos como as dissertações, que funcionam como macrogéneros, por integrarem múltiplos géneros elementares. Metodologicamente, foi constituído um corpus composto por 32 dissertações provenientes de quatro instituições portuguesas de ensino superior, pertencentes aos subsistemas universitário e politécnico. A análise examinou como a estrutura textual – incluindo capítulos, partes, subcapítulos, secções e tópicos – é construída, hierarquizada e referenciada internamente. Identificaram-se os recursos gráficos e metatextuais utilizados para dar visibilidade à estrutura e para orientar o leitor ao longo do texto. Os resultados evidenciaram o papel central do capítulo, uma diversidade de práticas estruturais e terminológicas e a multivalência de termos como “parte” e “secção”. Observaram-se também inconsistências no uso da referência interna e na hierarquização textual. Com base nos resultados, salienta-se a importância da clareza e consistência na construção estrutural e discursiva destes documentos.

Referências

Ädel, A. (2006). *Metadiscourse in L1 and L2 English*. John Benjamins Publishing Company.

Cuevas-Alonso, C., & Míguez-Álvarez, C. (2021). Metadiscursive markers and text genre: A metareview. *Publications, 9*(56). https://doi.org/10.3390/publica-tions9040056

Geng, H., & Wei, H. (2023). Metadiscourse markers in abstracts of linguistics and literature research articles from Scopus-indexed journals. *Journal of Modern Languages, 33*(1), 29-49. https://doi.org/-10.22452/jml.vol33no1.2

Gladic, J. y Meza, P. (2022). Características de las investigaciones en torno al Trabajo Final de Grado: una revisión sistemática. *Logos: Revista de Lingüística, Filosofía y Literatura, 32*(1), 468-491. https://doi.org/10.15443/RL3227

Hyland, K. (2004). Disciplinary interactions: Metadiscourse in L2 postgraduate writing. *Journal of Second Language Writing, 13*, 133-151. https://doi.org/10.1016/-j.jslw.2004.02.001

Hyland, K. (2005). *Metadiscourse: Exploring interaction in writing*. Continuum.

[1] Contacto: luis.barbeiro@ulo.pt

Hyland, K. (2015). Metadiscourse. In K. Tracy, T. Sandel, & C. Ilie (Eds.), *The International Encyclopedia of Language and Social Interaction Wiley*. https://doi.org/10.1002/9781118611463.wbielsi003

Martin, J. R., & Rose, D. (2008). *Genre relations: Mapping culture*. Equinox.

Rose, D., & Martin, J.R. (2012). *Learning to write, reading to learn: Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Equinox.

Clause-internal VP- and vP-fronting

Marcel den Dikken[1]

Keywords: object shift; scrambling; extraposition; topic; focus

1 Introduction

Verb-phrase fronting is common in the left periphery, clause-initially. This paper argues that both VP- and vP-fronting also exist clause-internally, the former active in OV order and the latter in object extraposition. VP/vP-fronting, object shift and scrambling interact with information structure in ways that the syntactic derivations in this paper predict with precision.

2 West-Germanic OV

In the West-Germanic OV languages, all VP-internal material (with the exception of CP) surfaces en bloc to the left of V, with the subconstituents of the VP linearized in relation to one another in the same way as in the Germanic VO languages. Material placed in the preverbal Mittelfeld is not necessarily given. The West-Germanic OV languages do have information-structural leftward movement ('scrambling') — but scrambling is not responsible for producing OV order; rather, it results in the surface separation of the object from the verb within the Mittelfeld, as in (1b), where mijn glas 'my glass' is discourse-anaphoric. Placement of all VP-internal material en bloc to the left of V, with preservation of the relative order of constituents, is argued here to be derived by shifting the entire VP, minus its head, to the edge of vP, as in (2). (2) is the Mittelfeld-internal cousin of the Massam (2000) derivation of Niuean word order at TP (except that Niuean VP-fronting to SpecTP pied-pipes the verb while (2) strands V at v; cf. §4).

(1) a. dat ik voorzichtig mijn glas in de afwasmachine zet (Dutch)
that I carefully my glass in the dishwasher put

b. dat ik mijn glas voorzichtig in de afwasmachine zet → 'scrambled' order
that I my glass carefully in the dishwasher put
both: 'I carefully put my glass in the dishwasher'

(2) [vP [VP voorzichtig [VP mijn glas [V' V in de afwasmachine]]] [vP θext [v' v+V VP]]]

3 North-Germanic VO

In the Scandinavian languages, the single object of a transitive clause can shift leftward by itself to SpecvP. But it is also possible for both objects of the double object construction to shift in tandem, with preservation of their order relative to each other (IO before DO) and to V. Vikner (1989) already suggests that the shifting of both objects may involve movement of a single constituent containing the two objects together. Viewed against the background of (2), this suggestion is recast here as movement of the remnant-VP to the outer specifier of vP.

(3) jeg lånte hende dem ikke (Danish)
I lent her them not

(4) [vP [VP hende [V' V dem]] [vP θext [v' ikke [v' v+V VP]]]]

4 Constraining remnant-VP movement to the Mittelfeld

[1] Contacto: marcel.den.dikken@nytud.hu

For (2) and (4) to succeed, remnant-VPs from which the V-head has been extracted must be candidates for fronting within the Mittelfeld. But beheaded remnant-VP fronting into the left periphery is ungrammatical, as shown in (5).

(5) *voorzichtig mijn glas in de afwasmachine zet ik *hende dem lånte jeg
carefully my glass in the dishwasher put I her them lent I

The silent copy of the moved verb must have a c-commanding antecedent by the end of the syntactic derivation. In (2) and (4), v+V raises out of vP (covertly in subordinate clauses, overtly in the root), gaining c-command over the silent V-copy; but remnant-VP fronting into the Vorfeld (5), higher than any verbal head can reach, fails to get the silent V-copy c-commanded by the verb.

5 Object extraposition as intraposition cum leftward vP-shift

Within Germanic, scrambling (a topicalization strategy in the Mittelfeld) and heavy NP shift are in complementary distribution: the former is found in the OV languages, the latter in the VO languages. This complementarity motivates an integrated approach to the two phenomena. The Kayne (1994)-inspired approach to heavy NP shift schematized in (6a) posits leftward remnant-vP movement around the Mittelfeld-internal position of the object (cf. den Dikken 1995). (6) identifies as the difference between the West-Germanic scrambling and heavy NP shift languages the (un)availability of remnant-vP movement inside the Mittelfeld ('μ') — English has it, Dutch and German do not. This inversely correlates the distribution of scrambling and heavy NP shift in West-Germanic to the distribution of remnant-vP fronting into the left periphery (which Dutch has but English lacks — see (7a,b)).

(6) a. [she T [μ [vP put DP in the dishwasher] [DP her favorite teacup from China] [vP]]]
b. *[ze T [μ [vP [VP DP [V' V PP]] [vP θext [v' v+V VP]]] [DP … theekopje 'teacup' …] [vP]]]

(7) a. [vP put ⟨that teacup⟩ in the dishwasher], she wouldn't ⟨*that teacup⟩
b. [vP ⟨dat theekopje⟩ in de afwasmachine zetten] zou ze ⟨dat theekopje⟩ niet
that teacup.DIM in the dishwasher put would she that teacup.DIM not

6 Remnant-vP fronting: Mittelfeld versus left periphery

At the completion of the Mittelfeld ('μ' in (6)), instructions are given to the interpretive components regarding linearization (Fox & Pesetsky 2005) and information structure. In English, (6a) has DP linearized to the right of put in the dishwasher, and focused; fronting of the remnant-vP into the left periphery, as in (7a) with that teacup in clause-final position, would preserve this linearization instruction but contravene the information-structural profile assigned to DP at μ: at the CP phase, vP-topicalisation puts focus on wouldn't, not teacup. In Dutch, (6b) is impossible: remnant-VP fronting delivers a linearization instruction saying that all material inside the remnant-VP must be spelled out to the left of the verb (see (2)); subsequent scrambling of the object cum intraposition of the remnant-vP, as in (6b), upsets this linearization, making extraposition illicit. What is possible is to mark the entire vP as silent at μ, and to pronounce vP in the left periphery: then no linearization instruction for the object and verb is given at μ; the object can be pronounced either inside in the spelled-out copy of vP in the left periphery or not, delivering the variability of object placement seen in (7b).

References

Dikken, Marcel den. 1995. Extraposition as intraposition, and the syntax of English tag questions. Ms., Vrije Universiteit Amsterdam

Fox, Danny & David Pesetsky. 2005. Cyclic linearization of syntactic structure. *Theoretical Linguistics* 31. 1–45. https://doi.org/10.1515/thli.2005.31.1-2.1

Kayne, Richard. 1994. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.

Massam, Diane. 2000. VSO and VOS: Aspects of Niuean word order. In Andrew Carnie & Eithne Guilfoyle (eds), *The syntax of verb initial languages*. Oxford/New York: Oxford University Press.. https://doi.org/10.1093/oso/9780195132229.003.0006

Vikner, Sten. 1989. Object shift and double objects in Danish. *Working Papers in Scandinavian Syntax* 44. 141–55.

Materiais didáticos e representações docentes sobre o ensino de gramática do português em Guiné-Bissau: Uma análise a partir das políticas linguísticas

Marcelino Issa da Cunha[1] & Djadja Mamadu Baldé

Palavras-chave: políticas linguísticas; ensino de gramática; materiais didáticos; Guiné-Bissau; multilinguismo

A Guiné-Bissau é um país marcado por uma rica diversidade linguística e cultural, com mais de 30 grupos étnicos, cada um com sua língua própria, além da Língua Guineense (crioulo guineense) que funciona como língua franca. No entanto, o português é imposto como língua de instrução nas escolas e nos serviços administrativos do Estado, criando uma lacuna entre a língua de ensino e as práticas linguísticas dos estudantes. Neste contexto multilíngue, as políticas linguísticas educacionais desempenham um papel fundamental na formação das práticas de ensino-aprendizagem. Os materiais didáticos, como componentes dessas políticas, funcionam como mecanismos implícitos de disseminação de ideologias e práticas linguísticas (Shohamy, 2006, 2009), influenciando diretamente a forma como a língua portuguesa é ensinada nas escolas guineenses.

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar o ensino de gramática no contexto multilíngue da Guiné-Bissau a partir da perspectiva dos materiais didáticos e dos professores de língua portuguesa. Especificamente, buscou-se: (i) analisar a abordagem gramatical presente no livro didático "Comunicar em Português 6" e no respectivo Caderno de Atividades; (ii) examinar a percepção dos professores sobre o ensino de gramática em geral e sobre o material didático utilizado; e (iii) propor caminhos para o aprimoramento da abordagem gramatical que promova um aprendizado mais efetivo da língua portuguesa.

A investigação fundamentou-se na noção teórica de política linguística de Spolsky (2004), que a compreende a partir das dimensões das práticas, das crenças e da gestão, bem como na noção de mecanismos de política linguística de Shohamy (2009), considerando os livros didáticos como constituintes do mecanismo de Políticas de Educação Linguística. A pesquisa caracteriza-se pela natureza qualitativa e insere-se num paradigma interpretativista (Lin, 2015), configurando-se como pesquisa documental (Cellard, 2012). O corpus foi constituído pelo livro didático "Comunicar em Português 6" (Livro de Leitura e Caderno de Atividades) e pelos discursos de nove professores de língua portuguesa, gerados a partir da aplicação de um questionário. Para a análise dos discursos docentes, utilizou-se a análise temática (Braun & Clarke, 2006).

A análise do material didático revelou que o ensino de gramática em Guiné-Bissau caracteriza-se, predominantemente, por uma abordagem metalinguística e por um enfoque nos aspectos estruturais da língua. O Caderno de Atividades apresenta maioritariamente exercícios mecânicos baseados em frases soltas, com atividades centradas na classificação, identificação e conjugação verbal, sem promover reflexões epilinguísticas sobre o uso real da língua. Identificou-se, também, um silenciamento da diversidade linguística do país no material didático, com apenas uma atividade que faz referência à Língua Guineense.

Os discursos dos professores revelaram crenças alinhadas com um ensino de gramática tradicional, reforçadas pelo material didático utilizado. Os docentes apontaram a diversidade linguística e cultural como uma dificuldade para o ensino, evidenciando uma ideologia linguística que não valoriza as línguas locais. Verificou-se, assim, que o livro didático funciona como mecanismo de

[1] Contacto: marcelinoissacunha@gmail.com

política linguística, fomentando práticas e crenças que não consideram o conhecimento linguístico prévio dos alunos e não promovem uma aprendizagem significativa da língua portuguesa.

Os resultados indicam que é essencial rever os materiais didáticos e as práticas de ensino de gramática para promover um aprendizado mais efetivo e inclusivo, que priorize atividades epilinguísticas e considere o conhecimento dos alunos das línguas guineenses. O estudo evidencia a necessidade de que os professores, como agentes de política linguística, reflitam sobre suas próprias ideologias linguísticas e compreendam que a sala de aula deve constituir-se como um espaço de inclusão e aprendizagem significativa. A valorização das línguas locais no processo educacional é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, permitindo que os estudantes desenvolvam competências na língua portuguesa sem perderem de vista suas raízes culturais e linguísticas.

Referências

Braun, V.; Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77-101.

Cellard, A. (2012). A análise documental. In J. Poupart et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Vozes.

Lin, A. M. Y. (2015). Researcher positionality. In F. M. Hult & D. C. Johnson (Orgs.*), Research methods in Language Policy and Planning: A practical guide* (pp. 21-32). Wiley Blackwell.

Shohamy, E. (2009). Language teachers as partners in crafting educational language policies? *Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura, 14*(22), 45-67.

Spolsky, B. (2004). *Language policy: key topics in Sociolinguistics*. Cambridge University Press.

A descortesia como estratégia política: positive self-presentation/negative other-presentation em discursos parlamentares de Ventura e Le Pen

Maria Cidália Matias[1]

Palavras-chave: estratégias de descortesia; positive self-presentation/negative other-presentation; nomeação e predicação; André Ventura; Marine Le Pen; discurso parlamentar

Este artigo analisa, a partir do modelo de Culpeper (1996, 2005, 2011), as estratégias de descortesia que contribuem para a construção de uma imagem positiva do "nós" (*positive self-presentation*) e para a desvalorização do "outro" (*negative other-presentation*) em discursos parlamentares de André Ventura (*Chega*, Portugal) e de Marine Le Pen (*Rassemblement National*, França). A questão central que orienta a análise é: de que modo a descortesia é mobilizada para reforçar identidades nacionalistas e legitimar uma visão polarizada da comunidade política? A perspetiva adotada é pragmático-discursiva, articulando a teoria da descortesia com a Análise Crítica do Discurso (van Dijk, 1998; Reisigl & Wodak, 2016), de modo a explorar a relação entre ideologia, polarização e representação dos atores sociais.

O *corpus* é constituído por dois discursos parlamentares: um de André Ventura (proferido na Assembleia da República, no dia 27 de novembro de 2025, aquando da votação final do Orçamento do Estado para 2026), e outro de Marine Le Pen (proferido na Assembleia Nacional francesa, no dia 16 de outubro de 2025, aquando da discussão de censura apresentada ao governo, em reação ao projeto de Orçamento do Estado para 2026). Os dois discursos estão disponíveis, respetivamente, nos sites oficiais da Assembleia da República Portuguesa e da *Assemblée Nationale*. A análise, de natureza qualitativa, centra-se em excertos que evidenciam movimentos de valorização do "nós" e de desqualificação do "outro", descritos a partir das estratégias de descortesia de Culpeper, da distinção *positive self-presentation/negative other-presentation* de van Dijk e das estratégias de nomeação e predicação de Reisigl & Wodak. Em particular, observam-se as formas de nomear os atores sociais e os predicados que lhes são associados, para mostrar como se constroem identidades coletivas positivas e negativas.

Os resultados apontam para a construção de um "nós" moralmente superior que assenta na associação do *in-group* a valores de trabalho, sacrifício, honestidade e patriotismo, enquanto o "outro" surge como corrupto, distante do povo ou ameaçador para a ordem nacional. Em ambos os discursos, a descortesia manifesta-se no sarcasmo e na ironia, que ridicularizam adversários e descredibilizam instituições, bem como em generalizações pejorativas sobre elites partidárias e imigrantes, recursos que se revelam recorrentes no debate parlamentar. Embora se apresentem como os únicos capazes de "salvar" o povo, Ventura centra o ataque nas elites políticas, na máquina do Estado e nas chamadas "clientelas"; Le Pen combina a crítica aos partidos do sistema com a ideia de que a imigração, fora de controlo, ameaça os recursos sociais e a segurança. Esta análise mostra que articular a teoria da descortesia de Culpeper com ferramentas da ACD permite uma leitura mais rica e mais completa da polarização discursiva, constituindo essa combinação teórica uma contribuição para o campo da pragmática. Ao mesmo tempo, os resultados permitem compreender melhor de que modo a linguagem (e a descortesia em particular) funciona como mecanismo de legitimação política no discurso parlamentar da extrema-direita europeia.

[1] Contacto: up200001347@edu.letras.up.pt

Referências

Culpeper, J. (1996). **Towards an anatomy of impoliteness**. *Journal of Pragmatics*, 25(3), 349-371.

Culpeper, J. (2005). **Impoliteness and entertainment in the television quiz show:The Weakest Link**. *Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture* (pp. 35–72).

Culpeper, J. (2011). **Impoliteness: Using language to cause offence**. Cambridge University Press.

Reisigl, M., & Wodak, R (2016). **The discourse-historical approach**. In R. Wodak & M. Meyer (Eds.), *Methods of critical discourse analysis* , (pp. 24-61). (3rd ed.), SAGE Publications.

Van Dijk, T. A. (1998). ***Ideology – A Multidisciplinary Approach***. SAGE Publications.

A questão da variação nos programas e manuais de ensino de Português como língua não materna – das regras ao(s) uso(s)

Maria José Carvalho[1] & Maria Carmen Gouveia

Palavras-chave: Variação e mudança linguística; Didática de PLNM; Ensino-aprendizagem de PLNM; Variação linguística e PLNM

A experiência pedagógica e didática no ensino de Português como Língua Não Materna (PLNM) tem possibilitado bastante reflexão sobre algumas áreas críticas não contempladas nos manuais, mais concretamente os atinentes a questõs de variação linguística. Embora o ensino de regras gramaticais seja crucial no ensino de PLNM, é, no entanto, igualmente importante promover uma reflexão linguística sobre a emergência e a distribuição de estruturas variantes, considerando os contextos de uso, o perfil cultural dos falantes e o grau de aceitação dessas formas na comunidade linguística.

Na verdade, algumas estruturas linguísticas, particularmente aquelas que envolvem as noções de "sistema", "norma" e "uso", são críticas para a aquisição da língua por aprendentes não nativos, pelo que se revela importante uma fundamentação mais sustentada de questões em torno da gramaticalidade, do uso e da aceitabilidade. Para além disso, torna-se imprescindível distinguir entre fenómenos de variação transitória, frequentemente emergentes na oralidade, fenómenos de mudança em curso, e aqueles que indiciam processos efetivos de mudança linguística, configurando-se como inovadores na gramática normativa.

Nesta comunicação, elencamos alguns aspetos de natureza sintática que afloram de modo incipiente nos programas de português como língua não materna, salientando a importância de uma abordagem de natureza variacionista e pragmática no processo de ensino de estruturas em variação e concorrência. Defendemos, assim, que o reconhecimento da dinamicidade linguística e a sua incorporação nos materiais didáticos pode contribuir significativamente para um ensino mais eficaz e adequado às necessidades dos aprendentes, pelo que consideramos que a interface entre variação e mudança linguística se constitui como um ponto nevrálgico na intersecção entre Linguística e Didática das Línguas.

Referências

Barros, Clara (1997). História da língua / ensino da língua. Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas», XIV. Porto, pp. 81-98. https://ojs.letras.up.pt/index.php/rll/article/view/8218. 16.02.2025.

Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/-quadro_europeu_comum_referencia.pdf. 16.02.2025.

Feldhausen, Ingo. 2022. Pedagogical Linguistics in Romance, em: Marco Bril, Martine Coene, Tabea Ihsane, Petra Sleeman & Thom Westveer (eds). *Special Issue of Isogloss*. *Open Journal of Romance Linguistics* 8(5)/3, 1-39.DOI: https://doi.org/10.5565/rev/isogloss.231. 12.04.2026.

Geeraerts, Dirk 2006. Methodology in Cognitive Linguistics. In Gitte Kristiensen, Michel Achard, René Dirven & Francisco J. Ruiz de Mendoza Ibáñez (Eds), *Cognitive Linguistics: Current Applications and Future Perspectives* (21-49). Berlin / New York: Mouton de Gruyter.

Langacker, Ronald W. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar, vol. I: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.

Maia, Clarinda de Azevedo (1996-1997). Algumas reflexões sobre a disciplina «História da Língua Portuguesa». Sua importância na formação de professores de português, em *Revista Portuguesa de Filologia*, XX, pp. 421.445.

[1] Contacto: majscarvalho@gmail.com

Martins, Cristina; Fátima Silva & Jorge Alexandre Loureiro Pinto (2022). O que ainda não sabemos e precisávamos de saber para o ensino de Português Língua Não Materna. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística,* 9: 301-313. https://ojs.apl.pt/index.php/rapl/article/view/162/151. 16.02.2025.

Martins, Cristina; Fátima Silva & Jorge Alexandre Loureiro Pinto (2022). O que ainda não sabemos e precisávamos de saber para o ensino de Português Língua Não Materna. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística, 9*: 301-313. https://ojs.apl.pt/index.php/rapl/article/view/162/151. 16.02.2025.

Is intonation a relevant cue to the perception of L2 development?

Marisa Cruz[1] & Chao Zhou

Keywords: rhythm perception; intonation; L2 Portuguese by L1-Mandarin speakers; L1-European Portuguese native listeners; intermediate and advanced proficiency levels

Previous studies have shown that the rhythmic patterns change in L2 rhythm production as a function of L2 proficiency (e.g., [1]) may not be perceptually identified by native listeners of the target language ([2, 3]). However, an AX discrimination task with low-pass filtered and F0 flattened stimuli performed by European Portuguese (EP) native listeners exposed to L2 Portuguese spoken by L1-Mandarin learners with different proficiency levels (intermediate – INT, and advanced - ADV) showed that native listeners of the target language are sensitive to the development of L2 speech rhythm ([4]). These results pointed to the relevance of speech rhythm at the interplay of prosodic cues in L2 speech.

Intonation was shown to improve the rhythmic discrimination rate between languages and language varieties ([e.g., 5]), and to increase comprehensibility of L2 speech ([e.g., 6]). However, the role of this prosodic cue to the perception, by native listeners of an intonation language, of rhythm development produced by L2 learners with a tonal language as L1 is, as far as we know, yet to be explored. In this study, we assessed whether native listeners of EP, an intonation language displaying a mixed rhythmic nature ([7]), can perceptually detect the rhythmic difference in L2 Portuguese spoken by L1-Mandarin (syllable-timed tonal language – [8]) learners with INT and ADV proficiency levels, using intonation as sole cue.

The same AX discrimination task as in [4] was set up, replacing the F0 flattened stimuli with the correspondent F0 preserved stimuli. However, to test whether intonation alone plays a role to perceive rhythm development, the low-pass filtered segmentals at a frequency of 400Hz were kept constant across stimuli. Thus, all stimuli exhibited the same rhythmic pattern and only the F0 contour was different. A pilot was run with 10 EP native listeners (aged 18-25), who were told that they would be listening to acoustically modified sentences of 3 different foreign languages: Vedda (L1 Portuguese - NAT), Waigali (L2-INT Portuguese), and Zazaki (L2-ADV Portuguese). After the familiarization phase in which they listened to 4 sentences of each group, isolated and in same/different pairs, and had to perform on 14 discrimination trials with feedback, the participants performed on 30 trials without feedback (6 same trials, 12 intermediate-native and 12 advanced-native trials) in the test phase.

As illustrated in Figure 1, Portuguese listeners did not show sensitivity to the L2 development when rhythm is kept constant and only F0 changes (right panel), which contrasts with the findings of [4], in which EP native listeners discriminated NAT-INT stimuli based in rhythm alone (left panel). This difference was confirmed in a by-trial mixed-effects logistic regression (link = probit) on D-prime scores: intonation alone (b=0.14, p=.526) versus rhythm alone (b=0.38, p=.0003).

To sum up, when dealing with typologically different L1 and L2 languages, intonation alone does not seem to play a role to the perception of L2 development.

[1] Contacto: marisasousacruz@gmail.com

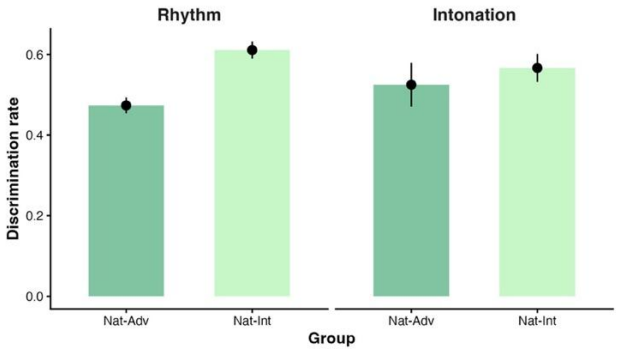


Figure 1. Proportion of correct responses per condition (Native-Advanced L2 and Native-Intermediate L2), when rhythm is the sole cue (left panel) and when intonation is the sole cue (right panel).

References

[1] Ordin, M., & Polyanskaya, L. (2014). Development of timing patterns in first and second languages. *System*, *42*, 244-257. doi:10.1016/j.system.2013.12.004

[2] Ordin, M & Polyanskaya, L. (2015). Perception of speech rhythm in second language: The case of rhythmically similar L1 and L2. *Frontiers in Psychology, 6*, 316. doi: 10.3389/fpsyg.2015.00316

[3] van Maastricht, L., Zee, T., Krahmer, E., & Swerts, M. (2021). The interplay of prosodic cues in the L2: How intonation, rhythm, and speech rate in speech by Spanish learners of Dutch contribute to L1 Dutch perceptions of accentedness and comprehensibility. *Speech Communication*, *133*, 81–90.

[4] Cruz, M., & Zhou, C. (October, 2024). Sensitivity to L2 Portuguese rhythm is driven by consonantal variability. Talk presented at the *40.º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, October 23-25, Universidade dos Açores.

[5] Frota, S., Vigário, M., & Martins, F. (2002). Language discrimination and rhythm classes: Evidence from Portuguese. *Speech Prosody Proceedings* (pp. 315-318). Aix-en-Provence.

[6] Maastricht, L., Zee, T, Krahmer, E., & Swerts, M. (2021). The interplay of prosodic cues in the L2: How intonation, rhythm, and speech rate in speech by Spanish learners of Dutch contribute to L1 Dutch perceptions of accentedness and comprehensibility. *Speech Communication, 133*, 81-90. https://doi.org/10.1016/j.specom.2020.04.003

[7] Frota, S., & Vigário, M. (2001). On the correlates of rhythmic distinctions: The European/Brazilian Portuguese case. *Probus, 13*, 247-273.

[8] Lin, H., & Wang, Q. (2007). Mandarin rhythm: An acoustic study. *Journal of Chinese Linguistics and Computing*, *17*(3), 127-140.

Caracterização do desenvolvimento da linguagem em crianças nascidas durante a pandemia de COVID 19: resultados do primeiro momento de avaliação em idade pré escolar

Marisa Filipe,[1] Juliana Luzio, Inês Duarte, Tânia Carneiro, Sofia Mendes e Sónia Frota

Palavras-chave: desenvolvimento da linguagem; COVID-19; idade pré-escolar

As crianças nascidas durante a pandemia de COVID-19 (doravante designadas *born during COVID*, BDC) vivenciaram os primeiros anos do seu desenvolvimento num contexto marcado por restrições significativas à interação social e por limitações no acesso a contextos educativos formais. Com a entrada destas crianças no ensino pré-escolar, torna-se particularmente urgente compreender e caracterizar as suas trajetórias de desenvolvimento da linguagem, de modo a apoiar atempadamente eventuais fragilidades com impacto no percurso académico e social futuro. A investigação disponível apresenta resultados heterogéneos, dependentes do país, idade, fatores socioeconómicos e instrumentos utilizados; ainda assim, a maioria dos estudos aponta para efeitos negativos da pandemia no desenvolvimento linguístico, com maior vulnerabilidade em bebés e crianças pequenas e aumento do risco de dificuldades de comunicação relativamente a coortes pré-pandemia (e.g., Byrne et al., 2023; Cadime et al., 2025). Apesar destes contributos, permanece uma lacuna significativa relativamente ao desenvolvimento linguístico atual das crianças BDC em idade pré-escolar.

O presente estudo tem como objetivo caracterizar de forma sistemática e quantitativa o desenvolvimento da linguagem em crianças BDC em idade pré-escolar, analisando os efeitos diretos e indiretos das restrições pandémicas e o papel mediador de fatores ambientais e sociais, bem como comparar trajetórias de desenvolvimento em função da duração da exposição às restrições da pandemia.

O projeto adota um desenho longitudinal multicêntrico, com recolha de dados nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, garantindo diversidade populacional e maior generalização dos resultados. Participam crianças com desenvolvimento típico, nascidas entre março de 2020 e março de 2021, falantes de Português Europeu, distribuídas por duas coortes independentes (n = 200 cada): Coorte 1, crianças com 4 anos no início do estudo, expostas a aproximadamente um ano de restrições pandémicas; e Coorte 2, crianças com 5 anos, expostas a cerca de dois anos. A recolha de dados decorre em dois momentos ao longo de 12 meses (primeiro momento: março–junho de 2026; segundo momento: um ano depois). Cada criança realiza uma avaliação individual com duração aproximada de 45 minutos.

A avaliação linguística é realizada através do Teste de Linguagem – Avaliação da Linguagem Pré-Escolar (TL-ALPE) (Mendes et al., 2014), um instrumento desenvolvido para crianças falantes de Português Europeu que avalia formalmente as competências comunicativas de compreensão auditiva e expressão verbal oral nos domínios linguísticos da semântica e da morfossintaxe, bem como a metalinguagem nos domínios semântico, morfossintático e fonológico. No domínio da semântica, o TL-ALPE avalia a aquisição e o uso do léxico, as relações de significado e os processos de categorização, através de tarefas de nomeação e identificação de imagens, associação objeto-função, uso de locativos, evocação lexical por categoria (hipónimos e hiperónimos) e evocação de antónimos. O domínio da morfossintaxe incide sobre a estrutura interna das palavras e a organização das palavras em frases, avaliando, na expressão verbal oral, a produção de frases

[1] Contacto: marisa.filipe@edu.ulisboa.pt

simples e complexas, a concordância de número e género, o uso de pronomes possessivos e a conjugação verbal, e, na compreensão auditiva, a interpretação de frases simples, frases complexas coordenadas e subordinadas e construções na voz passiva. A metalinguagem avalia o conhecimento linguístico explícito da criança, incluindo a consciência semântica (definição e julgamento de agramaticalidade semântica), a consciência morfossintática (identificação e correção de agramaticalidades morfossintáticas) e a consciência fonológica (segmentação silábica e fonémica e identificação de unidades sonoras), permitindo captar níveis de reflexão linguística que emergem progressivamente em idade pré-escolar.

Adicionalmente, são aplicados questionários aos cuidadores para recolha de informação sobre variáveis ambientais e sociais relevantes, incluindo uso de ecrãs, estatuto socioeconómico, organização familiar, trabalho remoto e níveis de stress e ansiedade durante e após a pandemia. Os dados serão analisados através de Modelação por Equações Estruturais, permitindo examinar relações complexas entre variáveis, identificar efeitos diretos e indiretos das restrições pandémicas e comparar o desempenho das duas coortes face a normas pré-pandemia, incluindo potenciais efeitos cumulativos da duração da exposição.

O projeto encontra-se na fase final do primeiro momento de recolha de dados. À data do encontro científico, os dados deste primeiro momento estarão integralmente analisados. Esta comunicação apresenta os primeiros resultados descritivos e comparativos da avaliação inicial, constituindo uma caracterização sistemática das competências linguísticas de crianças BDC em idade pré-escolar no contexto português.

Referências

Byrne, S., Sledge, H., Franklin, R., Boland, F., Murray, D. M., & Hourihane, J. (2023). Social communication skill attainment in babies born during the COVID-19 pandemic: a birth cohort study. *Archives of Disease in Childhood*, *108*(1), 20-24.

Cadime, I., Santos, A. L., Ribeiro, I., Viana, F. L., & Martín-Aragoneses, M. T. (2025). Living the first years in a pandemic: children's linguistic development and related factors in and out of the COVID-19 lockdowns. *Journal of Child Language*, *52*(5), 1157–1183.

O impacto do exame CIPLE do CAPLE: expetativas e perceções dos candidatos

Marta Refoyos Figueiredo[1]

Palavras-chave: CIPLE; CAPLE; efeito retroativo; exames de alto risco; PLE

Nos últimos anos, o número de migrantes em Portugal tem crescido significativamente, ultrapassando um milhão e meio no final de 2024 (AIMA, 2025, p. 2). Com este crescimento, aumentou também o interesse pelos exames de Português Língua Estrangeira (PLE) administrados pelo CAPLE, a única entidade portuguesa responsável pela avaliação e certificação das competências escritas e orais em PLE (CAPLE, 2026b). O aumento foi sobretudo visível no CIPLE (Alexandre, 2021, p. 9; CAPLE, 2026a), por corresponder ao nível mínimo (A2) exigido no artigo 25.º do Regulamento da Nacionalidade Portuguesa (Decreto-Lei n.º 237-A/2006). Este exame pode ser considerado de alto risco, uma vez que os seus resultados dão origem a decisões com consequências sérias para os candidatos (Green, 2014/2020, p. 24). Apesar disso, o impacto destes exames na vida da comunidade migrante em Portugal continua pouco estudado (Matias et al., 2016).

O presente estudo visa colmatar esta lacuna, analisando o impacto social do exame CIPLE nos candidatos, tendo igualmente em conta o seu efeito retroativo (*washback effect*, Alderson & Wall, 1993), *i.e.*, a influência que a avaliação exerce sobre o processo de ensino e de aprendizagem. O efeito retroativo é geralmente considerado uma forma de *impacto* dos exames, sendo este último um conceito mais abrangente, que diz respeito à influência do exame na sociedade (Allen, 2025, p. 4). Assim, são consideradas as seguintes questões de investigação: (i) qual é o impacto do exame CIPLE na vida dos candidatos, tanto socialmente como no processo de aprendizagem da língua portuguesa? e (ii) em que medida, na sua perceção, as expetativas associadas à obtenção do certificado diferem das repercussões efetivamente sentidas?

Para esse efeito, recorreu-se a dois questionários aplicados a candidatos que já tinham feito o exame (n=135). Em particular, pretende-se comparar as expetativas dos candidatos imediatamente após a realização do CIPLE (n=67, 49,6% da amostra total) com as perceções dos que o realizaram há pelo menos um ano (n=68, 50,4% do total), analisando se as expetativas em relação à obtenção do certificado coincidem com as perceções daqueles que já o receberam. Adicionalmente, visa-se compreender se a certificação obtida no exame é percecionada como um fator gerador de mudanças significativas na vida dos candidatos, confirmando, assim, o seu carácter de alto risco.

Os resultados mostram que os candidatos percecionam o CIPLE como um exame de grande relevância, cujo sucesso e consequente obtenção de certificado poderá contribuir positivamente para as suas vidas, sobretudo no que diz respeito ao início do processo de aquisição da nacionalidade portuguesa. O grupo que tinha acabado de realizar o exame mostrou-se mais otimista em relação aos efeitos da certificação do que o grupo que já a tinha efetivamente obtido. Este último mostrou-se mais realista quanto ao seu impacto, que se revelou inferior ao esperado pelo primeiro grupo.

Referências

AIMA I.P. - DPEE – Direção de Planeamento, Estudos e Estatística. (2025b). *Relatório de Migrações e Asilo 2024*. AIMA I.P. – Agência para a Integração, Migrações e Asilo. https://aima.gov.pt/pt/noticias/relatorio-de-migracoes-e-asilo

Alderson, J. C., & Wall, D. (1993). Does Washback Exist? *Applied Linguistics, 14*(2), 115–129. https://doi.org/10.1093/applin/14.2.115

[1] Contacto: marta.refoyosf@gmail.com

Alexandre, N. (2021). A Certificação de PLE em Portugal: O CAPLE-ULisboa. Em S. T. Faria, F. Marques, Ma C. Jiménez & O. C. Duarte (Eds.), *500 ANOS DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO DO MUNDO: Pesquisas em Linguística, Literatura e Cultura dos Países de Língua Portuguesa* (pp. 245–257). APLEPES Ediciones.

Allen, D. (2025). *Washback Research in Language Assessment: Fundamentals and Contexts* (1.ª ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003472681

CAPLE. (2026a). *Estatística - Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira*. https://caple.letras.ulisboa.pt/estatisticas

CAPLE. (2026b). *Natureza e missão—Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira*. https://caple.letras.ulisboa.pt/pagina/1/caple

Decreto-Lei n.o 237-A/2006. (2006). Diário da República, Série I (1.º Suplemento), n.º 239/2006. https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/237-a-2006-216911

Green, A. (2014). *Exploring language assessment and testing: Language in action* (1.ª ed.). Routledge.

Green, A. (2020). *Exploring Language Assessment and Testing: Language in Action* (2.ª ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003105794

Matias, A. R., Oliveira, N., & Ortiz, A. (2016). Implementing training in Portuguese for Speakers of Other Languages in Portugal: The case of adult immigrants with little or no schooling. *Language and Intercultural Communication, 16*(1), 99–116. https://doi.org/10.1080/14708477.2015.1113754

Co-variation or Dissociation? A Pilot Study of Overpassivization and Pseudo-passives in L2 European Portuguese among Mandarin Chinese Learners

Minsi Hu[1]

Keywords: unaccusative construction, pseudo-passive, dangling

Prior research has documented two seemingly contradictory error types among Chinese learners acquiring passive constructions: the overpassivization of unaccusative verbs, attested across typologically diverse L2s (Zobl, 1989) (e.g., *The accident was happened*), and the omission of passive morphology in contexts corresponding to Mandarin unmarked passives, resulting in structurally incomplete passives known as pseudo-passives (Yip, 1995) (e.g., *The letter will deliver tomorrow*), also observed in L2 European Portuguese (Li & Flores, 2021). Both error types are grounded in a shared L1 property: in Mandarin, unaccusative constructions and unmarked passives surface as morphologically identical active sentences with a semantically patient subject that, under the dangling topic analysis, functions as a suspended topic rather than a canonical syntactic subject (Han, 2019). One possible account lies in the syntacticization continuum proposed by Han (2000): while early-stage learners may transfer Mandarin topic-prominence directly, producing pseudo-passives without target-like passive morphology, the cognitive tendency to attribute state-change events to external causation (Ju, 2000), arguably itself a reflex of the same underlying transfer, may drive intermediate learners to overgeneralize passive morphology to unaccusative verbs as they begin to syntacticize the topic-subject mapping. Whether the two error types co-vary or pattern in opposing directions, and whether their relationship shifts across proficiency levels, remains unexplored, bearing directly on whether they represent two poles of the same topic-transfer parameter, two symptoms of the same underlying deficit, or entirely dissociable mechanisms.

This work reports a pilot study examining the relationship between these two error types in L2 European Portuguese among Mandarin Chinese learners. A cross-sectional design is adopted across three proficiency levels (A2–B1, B1–B2, C1+) alongside a native speaker control group. Data will be collected via a Likert-scale acceptability judgment task targeting five sentence types: active sentences, overpassivized unaccusatives, grammatical unaccusative sentences, pseudo-passive sentences, and target-like passive sentences. Exploratory correlation analyses will examine whether the two error types co-vary systematically and whether their relationship shifts across proficiency levels (Yang, 2008).

The findings will provide the first empirical evidence on this question in L2 European Portuguese, offering baseline data for larger-scale investigations and contributing to the broader debate on L1 topic-prominence transfer in L2 acquisition.

References

Han, J. (2019). On the argument structure and syntactic derivation of Chinese unaccusative verbs. *Foreign Language Teaching and Research*, *51*(1), 31–43.

Han, Z. (2000). Persistence of the implicit influence of NL: The case of the pseudo-passive. *Applied Linguistics*, *21*(1), 78–105. https://doi.org/10.1093/applin/21.1.78

[1] Contacto: amyhu1997@sina.com

Ju, M. K. (2000). OVERPASSIVIZATION ERRORS BY SECOND LANGUAGE LEARNERS: The effect of conceptualizable agents in discourse. *Studies in Second Language Acquisition*, *22*(1), 85–111. https://doi.org/10.1017/S0272263100001042

Li, Q., & Flores, C. (2021). Aquisição da voz passiva por aprendentes Chineses de português língua segunda. *POLISSEMA – Revista de Letras do ISCAP*, 1-30 Páginas. https://doi.org/10.34630/POLISSEMA.VI21.4253

Yang, L. (2008). *Topic Prominence in Typological Interlanguage Development of Chinese Students' English* [Ph.D. Dissertation]. Shanghai Foreign Studies University.

Yip, V. (1995). *Interlanguage and learnability: From Chinese to English*. John Benjamins Publishing Company.

Zobl, H. (1989). Canonical typological structures and ergativity in English L2 acquisition. In S. M. Gass & J. Schachter (Eds), *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition* (1st edn, pp. 203–221). Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/CBO9781139524544.015

De dentro para drento: transposições ortográficas e acento lexical na escrita de crianças brasileiras e portuguesas

Mirian Verza Amarante[1] & Lourenço Chacon

Palavras-chave: escrita infantil; transposições ortográficas/ português brasileiro; português europeu

Partindo da concepção de fala e escrita como distintos modos de enunciação e privilegiando, em suas relações, uma única dimensão da língua – a fonológica –, este estudo buscou investigar em que medida diferenças rítmicas entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE) poderiam se mostrar na escrita infantil. Para tanto, buscamos: (1) comparar a distribuição das transposições ortográficas conforme ocorressem sob forma de intersilábica simples e dupla, bem como de intrassilábica simples e dupla; e (2) comparar o efeito do acento na ocorrência dessas transposições, na medida em que partiram de ou ocorriam em posição acentuada ou não acentuada da palavra nas duas variedades linguísticas.

Em relação ao PB, utilizamos dois bancos de dados. Ambos subsidiam investigações do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq). Do primeiro deles, analisamos 135 produções textuais produzidas por crianças que frequentavam o 2º e o 4º ano do Ensino Fundamental (EF) de uma escola pública estadual da cidade de Marília, no interior do estado de São Paulo. As produções textuais foram coletadas a partir de quatro narrativas contada pelos professores em sala de aula e, posteriormente, reescritas pelas crianças. Já do segundo, analisamos 489 produções textuais também de crianças que frequentavam o 2º e o 4º do EF de uma escola pública municipal da cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo. As produções textuais foram produzidas a partir de 19 atividades de escrita realizadas em sala de aula com propósitos exclusivos de ensino propostas pelas próprias professoras.

Em relação ao PE, foram utilizadas produções textuais infantis que compõem o *corpus Escreves como Falas, Falas como Escreves?* (EFFE-On). Desse *corpus*, analisamos 615 produções textuais produzidas por crianças que frequentavam o 2º e o 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico de oito cidades de Portugal, a saber: Barcelos, Canas de Senhorim, Chaves, Coruche, Elvas, Porto e Vila Nova de Santo André. Os dados relativos às cidades de Canas de Senhorim, Chaves, Coruche, Elvas e Porto foram recolhidos de acordo com procedimentos metodológicos sistemáticos que consistiram na descrição de imagens com estímulos controlados, fornecidas às crianças em sala de aula. Já quanto aos dados relativos às cidades de Barcelos e Vila Nova de Santo André, os textos foram recolhidos de acordo com instruções dos professores responsáveis pelas turmas.

Como resultados, a distribuição das transposições ortográficas foi semelhante entre as duas variedades linguísticas. Em ambas, predominaram as transposições intrassilábicas simples (49,4% no PB; 79,1% no PE), seguidas das intersilábicas simples (29,4% PB; 13,6% PE), intersilábicas duplas (12,9% PB; 4,3% PE) e intrassilábicas duplas (8,3% PB; 3% PE).

Em relação ao acento, observou-se comportamento distinto entre as variedades: no PB, as transposições partiram, majoritariamente, de **sílabas acentuadas** (59,7%), enquanto no PE predominaram transposições em **sílabas não acentuadas** (66,3%).

Quanto a tipologia das transposições, observamos predominância das transposições que envolveram apenas um grafema e uma única sílaba da palavra. Seguiram-se, em ordem decrescente, aquelas que envolveram um grafema e duas sílabas, dois grafemas e duas sílaba e, por fim, dois

[1] Contacto: mirian.amarante@unesp.br

grafemas e uma sílaba. Desse modo, pode-se concluir, que as escritas analisadas já se encontram próximas às convenções ortográficas, mesmo com o aparecimento das transposições, dado o predomínio daquelas que estariam mais próximas do acerto (Amarante *et al.,* 2024).

Quanto ao acento lexical, as diferenças entre PB e PE podem ser explicadas por suas propriedades rítmicas. O PB apresenta padrão acentual com alternância entre sílabas fortes e fracas, favorecendo maior sensibilidade às proeminências. Já o PE, caracterizado como mais próximo de um padrão monoacentual, tende a apresentar menor saliência dessas alternâncias, o que pode explicar a maior incidência de transposições em sílabas não acentuadas (Vigário e Frota, 2001).

Por fim, os resultados reforçam a importância de análises que considerem a interação entre fatores fonológicos e ortográficos no estudo da escrita infantil, uma vez que o aparecimento das transposições ortográficas não seria, necessariamente, indícios de dificuldades da criança.

Referências

AMARANTE, M. V. et al. Comparação entre características fonológicas da sílaba em transposições ortográficas na escrita infantil e em metáteses na fala infantil. Revista da ABRALIN, p. 694-717, 2024.

FROTA, S; VIGÁRIO, M. On the correlates of rhythmic distinctions: The European/Brazilian Portuguese case. Probus, v. 13, n. 2, p. 247-275, 2001.

Sobre a aquisição de [ɨ] no Português Europeu: um estudo de caso de natureza longitudinal

Rita Santos,[1] Clara Amorim & Maria João Freitas

Palavras-chave aquisição fonológica; Português Europeu; vogal átona [ɨ]

A literatura internacional assume que o sistema vocálico é adquirido precocemente, com as vogais (V) dos vértices do triângulo vocálico a emergirem inicialmente (e.o., [1] e [5]). O Português Europeu (PE) constitui um caso crítico devido à complexidade do seu sistema vocálico, em particular em posição átona, com elevação e centralização de V e supressão de [ɨ] na fala espontânea. Acresce o uso de [ɨ] como preenchedor prosódico, nomeadamente, na periferia direita de sintagma entoacional ([4] e [7]).

Centrar-nos-emos na V [ɨ], cujo estatuto fonológico (segmento fonológico vs. produto de neutralização) tem gerado discussão ([2] e [7]). Esta V é relevante para discutir a relação entre representação fonológica e *output* fonético, considerando (i) o contraste [coronal] *vs*. [dorsal] na neutralização em posição átona (*r*[ɛ]*ga*, *r*[ɨ]*gador*; *s*[e]*da*, *s*[ɨ]*doso*; /ɛ, e/→[ɨ]), (ii) o apagamento na oralidade (*d*[ɨ]*spr*[ɨ]*stigiar*, [dʃpɾʃtiʒjáɾ]) e (iii) o uso como preenchedor prosódico (*mar* [máɾ] / [máɾɨ]). Pretendemos descrever a aquisição de [ɨ] e analisar o impacto da posição prosódica (pretónica *vs*. pós-tónica final) na sua estabilização. Questiona-se em que medida a complexidade fonológica de [ɨ] tem impacto na sua aquisição, hipotetizando-se que esta complexidade atrasa a sua aquisição, com variações conforme a sua posição na palavra.

Foram analisados dados longitudinais de produção espontânea de uma criança portuguesa monolingue (0;11 a 4;11) do *Corpus* CCF (PhonBank Project – CHILDES). A amostra totalizou 318 *tokens* em posição pretónica (91 *types*) e 270 *tokens* em posição pós-tónica final (78 *types*), calculando-se as taxas de sucesso e os padrões de substituição.

Em contexto pretónico, as taxas de sucesso mantiveram-se abaixo de 50% até aos 3;08, ultrapassando esse limiar apenas aos 4;06. As não conformidades revelaram o predomínio de V dorsais ou coronais, refletindo a complexidade fonológica da neutralização de /ɛ, e/. Ao contrário de outras V átonas, a redução para [ɨ] exige processamento simultâneo de dois nós na geometria de traços: a elevação da Altura ([+alto]) e a reespecificação do Ponto de Articulação (coronal → dorsal/central) ([4]). Esta complexidade poderá ser potenciada pela dualidade representacional da V do radical: a criança é confrontada com neutralização das V anteriores /e, ɛ/ (ex: *m[e]sa* > *m[ɨ]sinha*) e com a não alternância morfofonológica (ex: *m[ɨ]nina*), podendo esta ter estatuto de fonema (Veloso 2024), aumentando a carga cognitiva da aquisição.

Em posição pós-tónica final, o desempenho foi superior (> 50% a partir dos 4;02) evidenciando que a aquisição é sensível à interface morfoprosódica. Este padrão espelha o da aquisição da coda fricativa final em PE, onde a confluência de informação fonológica e morfossintática na periferia direita da palavra promove a sua estabilização precoce ([3]). Contudo, a estabilização de [ɨ] nesta posição é mais lenta do que a de [ɐ, u] ([6]), possivelmente devido à sua natureza híbrida (marcador de classe / preenchedor prosódico) para licenciamento de consoantes (*mar*[ɨ]), o que gera ambiguidade funcional, apesar da proeminência rítmica conferida pela fronteira de sintagma entoacional.

O padrão de substituição preferencial por V [+alto; coronal] em final de palavra (*pente* [ˈpẽt̪i]) sugere que esta V átona é tratada como fonologicamente coronal ([6]). Assim, a criança dominará

[1] Contacto: rnazares@gmail.com

precocemente o nó de Altura, tratando o alvo como anterior antes de refinar a centralização dorsal exigida no sistema adulto. Os resultados permitem questionar a aquisição precoce universal das V e demonstram que a complexidade de [ɨ] exige o alargamento da janela temporal de aquisição vocálica no PE, sublinhando o papel da arquitetura de traços e da posição prosódica no desenvolvimento fonológico.

Referências

[1] Bernhardt, B., & J. Stemberger (1998). *Handbook of phonological development from the perspective of constraint-based nonlinear phonology*. San Diego: Academic Press.

[2] Freitas, M. J. (2004). The vowel [ɨ] in the acquisition of European Portuguese. In J. van Kampen & S. Baauw (orgs.). *Proceedings of GALA 2003*. Vol.1. Utrecht: LOT, pp. 163-174.

[3] Freitas, M. J., M. Miguel & I. Faria (2001). Interaction between prosody and morphosyntax: plurals within Codas in the acquisition of European Portuguese. In: B. Höehle & J. Weissenborn (Eds.). *Approaches to Bootstrapping. Phonological, Lexical, Syntactic and Neurological Aspects of Early Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins Publishers, volume 2, pp. 45- 58.

[4] Mateus, M. H., & E. d'Andrade (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: University Press.

[5] Miranda A. R. & C. L. B. Matzenauer (2009). Traços distintivos e a aquisição das vogais do PB. In D. Hora (org.). *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Idéia/UFPB.

[6] Santos, R., & Freitas, M. J. (2022). Sobre a aquisição de vogais átonas em português europeu: Dados preliminares com base num estudo de caso. *Revista Linguagem & Ensino*, *24*(4), 667–685.

[7] Veloso, J. (2024). The phonology of Portuguese oral vowels. In A. Zampaulo (Ed.), *The Routledge Handbook of Portuguese Phonology* (pp. 22-42). Routledge.

A omissão do sujeito em orações subordinadas: uma abordagem experimental comparativa entre o português brasileiro e o europeu

Ronan Pereira,[1] Mariana Silva, Mónica Pereira & Sonia Cyrino

Palavras-chave: sujeitos nulos; orações subordinadas; produção induzida; português brasileiro; português europeu

Embora o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) permitam sujeitos referenciais nulos (SujN), diferem quanto à sua distribuição. No PE, os SujN constituem a opção não marcada, ao passo que, no PB, os sujeitos referenciais expressos são predominantes e os SujN têm distribuição mais restrita (Lobo & Martins, 2017). Essa assimetria tem sido relacionada com diferenças na especificação morfológica dos pronomes sujeito (Martins & Nunes, 2021): no PE, estes são plenamente especificados em pessoa e número, permitindo a sua omissão quando satisfeitas as condições pragmáticas; no PB, por outro lado, são subespecificados, o que restringe os SujN a contextos em que podem ser interpretados como tópicos (cf. Modesto, 2008; vd. Tabela1).

No entanto, essa explicação não se estende diretamente aos contextos subordinados, uma vez que a omissão de tópico é tipicamente um fenómeno de orações matriz, embora se observem, ainda assim, SujN nesses contextos no PB. Para dar conta desses dados, Kato et al. (2023) propõem que tais ocorrências resultam de um processo de elevação do sujeito da oração subordinada para a posição de sujeito da oração matriz. Logo, os autores preveem que a distribuição de SujN em contextos subordinados no PB decorrerá da interação entre subespecificação morfológica e restrições sintáticas ao movimento.

Especificamente, pronomes de terceira pessoa do singular, desprovidos de especificação de pessoa e número, não deverão ser omitidos em orações relativas, onde o movimento é bloqueado por efeitos de ilha sintática forte, ao passo que pronomes de primeira pessoa do singular, que validam pelo menos o traço de número, poderão ser marginalmente omitidos nesses contextos (Kato et al., 2023). Em orações completivas, por outro lado, a omissão de ambos os pronomes é licenciada por não haver efeitos de ilha sintática. Já no PE, esperam-se SujN independentemente da pessoa do sujeito e do tipo de oração subordinada, dada a sua especificação morfológica. Contudo, dados recentes sobre o PB apontam para SujN de terceira pessoa em orações relativas, consistentemente em dados escritos (e.g., Cyrino 2026) e residualmente em dados orais (e.g., Pereira et al., 2026). Isto instiga uma avaliação empírica sistemática e, possivelmente, uma nova explicação teórica desses resultados.

Para tal, este estudo apoia-se numa tarefa de produção induzida baseada em estímulos constituídos por frases incompletas e imagens. A tarefa visa a indução de orações completivas e relativas com sujeitos de primeira e terceira pessoa do singular, correspondentes ao sujeito da oração matriz, por falantes do PB e do PE. Além de 21 itens distratores, cada participante produzirá seis itens por combinação de tipo de oração e pessoa gramatical. A recolha de dados decorrerá nos próximos meses, assegurando a apresentação dos resultados no momento da conferência. Os resultados deste estudo contribuirão para a avaliação empírica das previsões oriundas da (sub)especificação morfológica dos sujeitos pronominais, podendo ainda contribuir para uma caracterização mais precisa da variação gramatical entre as variedades do português em questão.

[1] Contacto: a57730@campus.fcsh.unl.pt

Tabela 1. Especificação morfológica dos pronomes sujeito no PB e no PE.

Pronomes sujeito	Especificação morfológica		Flexão de Concordância	
	PE	PB	PE	PB
Eu	[P.N:1.SG]	[P.N:SG]	[P.N:1.SG]	[P.N:SG]
Tu	[P.N:2.SG]	–	[P.N:2.SG]	–
Você	[P.N:2.SG]	[P-N]	[P.N:2.SG]	[P:u-N:u]
Ele/Ela	[P:3-N:SG]	[P-N]	[P:3-N:SG]	[P:u-N:u]
Nós	[P.N:1.PL]	[P.N:1]	[P.N:1.PL]	[P.N:1]
Vocês	[P:2-N:PL]	[P-N:PL]	[P:2-N:PL]	[P:u-N:PL]
Eles/Elas	[P:3-N:PL]	[P-N:PL]	[P:3-N:PL]	[P:u-N:PL]

Referências

Cyrino, S. (2026). On 3rd person singular null subjects in Brazilian Portuguese: the role of (non-)agreement. Paper presented at the Concord Seminar, Center for Research in Syntax, Semantics and Phonology, Katholieke Universiteit Leuven.

Lobo, M., & Martins, A. M. (2017). Subjects. In A. Duffer & E. Stark (Eds.), *Manual of Romance Morphosyntax and Syntax* (pp. 27-88). De Gruyter.

Kato, M. A., Martins, A. M., & Nunes, J. (2023). Null subjects. In M. A. Kato, A. M. Martins & J. Nunes (Eds.), *The Syntax of Portuguese* (pp. 142-229). Cambridge University Press.

Martins, A. M., & Nunes, J. (2021). Brazilian and European Portuguese and Holmberg's 2005 typology of Null Subject Languages. In S. Baauw, F. Drijkoningen & L. Meroni (Eds.*), Romance Languages and Linguistic Theory 2018. Selected Papers from 'Going Romance' 32* (pp. 171-190). John Benjamins.

Modesto, M. (2008). Topic prominence and null subjects. In T. Biberauer (Ed.), *The limits of syntactic variation* (pp. 375-409). John Benjamins.

Pereira, R., Rosa, C., Silva, M. (2026). Tracking pragmatic contexts of pronominal subjects: Acquisition and attrition in Brazilian-European Portuguese late-sequential bidialectals. *Languages, 11*(4), 72.

Para uma análise semântica da modalidade e da evidencialidade em acórdãos de crime de violência doméstica

Rute Rebouças,[1] Inês Cantante & Ana Sofia Ferreira

Palavras-chave: modalidade; evidencialidade; acórdãos; crime de violência doméstica; Português Europeu

O discurso jurídico é associado a neutralidade e imparcialidade. No entanto, tal como outros, é ideológico e, por isso, caracterizado por marcas de subjetividade, resultantes das representações, convicções e posicionamentos do enunciador que o produz (cf. Pinto, 2021). Esta construção discursiva favorece o uso de estratégias linguísticas associadas à modalidade e à evidencialidade. Neste estudo, entende-se por modalidade a expressão do grau de compromisso do enunciador relativamente a um conteúdo proposicional, distinguindo-se valores epistémicos, deônticos, internos ao participante, externos ao participante e desiderativos (cf. Oliveira, 2003; Oliveira & Mendes, 2013). Por sua vez, a evidencialidade refere-se à indicação da fonte de informação (cf. Aikhenvald, 2004), assumindo-se, neste estudo, a distinção entre fontes primárias e secundárias (cf. Willett, 1988). As primeiras correspondem à evidencialidade direta (visual e sensorial), enquanto as segundas integram a evidencialidade indireta (inferencial, suposicional, reportativa e citativa). Assim, o presente estudo pretende contribuir para a descrição do discurso jurídico em Português Europeu ao analisar, por um lado, a relação entre modalidade e evidencialidade na construção da argumentação em acórdãos. Por outro lado, visa demonstrar a coexistência funcional destes mecanismos modais e evidenciais e a sua complementaridade na organização discursiva. Para isso, foram recolhidos cinco acórdãos relativos a crimes de violência doméstica dos Tribunais da Relação do Porto, Lisboa, Coimbra, Guimarães e Évora. Partindo de uma abordagem semântica, observa-se que a fundamentação assenta numa combinação sistemática de construções modais e evidenciais, nem sempre facilmente discerníveis. A análise centrou-se na Fundamentação, salvo quando outras partes do acórdão eram necessárias à compreensão da argumentação, tendo-se adotado uma metodologia qualitativa baseada na identificação e na categorização de mecanismos modais e evidenciais. Considerando os dados analisados, parece verificar-se uma tendência predominante para a utilização de mecanismos de modalidades epistémica e deôntica, observando-se, ainda, ocorrências de modalidades interna ao participante e desiderativa. A modalidade epistémica apresenta dois valores distintos: (i) em construções impessoais, para descomprometer o autor, e, inversamente, (ii) em construções que marcam o comprometimento do autor, através de modalidade epistémica com valor de certeza elevado. De um modo geral, na Fundamentação, verifica-se um padrão complementar de utilização de mecanismos modais e evidenciais: na parte referente aos factos provados verifica-se uma predominância de mecanismos evidenciais de tipo direto (visual e sensorial) e de tipo indireto (inferencial, suposicional, reportativo, e citativo), que, em muitos casos, surgem em sobreposição: (1) "*Eu, quando vi por trás, vi a parte de trás do braço, parecia um abraço, mas o braço dele estava em volta do pescoço dela, exercendo uma pressão enorme no pescoço"; "Vi as escoriações,* ***vi*** *sangue no passeio e tive a perceção de que ela estava a sangrar da cabeça";* (2) "*Os Agentes da PSP KK (10:10–10:48) e LL (10:49–11:13), ambos ouvidos em sede de audiência e julgamento em ...-...-2025, relataram perceção direta de violência e estrangulamento*". Pelo contrário, a modalidade ganha relevância na construção da argumentação. Esta parte do acórdão assenta essencialmente em mecanismos de (i) modalidade epistémica que garantem certeza forte,

[1] Contacto: rute.reboucas.10@gmail.com

como em (3) "*Pelo que dúvidas não restam que o arguido bem sabia que estava a actuar contrariamente à lei.*", e, (ii), modalidade deôntica, que garante o respeito pelas normas jurídicas e sociais contextualmente invocadas. Nestes contextos, a evidencialidade, quando presente, parece funcionar como suporte argumentativo, através de referência a fontes jurisprudenciais (i.e., (4) *"De acordo com o disposto no Art.º 40º, n.º 1, do Código Penal"*). Ainda assim, em certos casos, verifica-se uma sobreposição de valores modais e evidenciais, que, conjuntamente, contribuem para a construção da força argumentativa, sobretudo na medida em que a indicação da origem da informação pode influenciar o grau de comprometimento epistémico do enunciador. Isto parece demonstrar que a modalidade e a evidencialidade coexistem com funções distintas, mas complementares, contribuindo conjuntamente para efeitos de objetividade e despersonalização enunciativa.

Referências

Aikhenvald, A. Y. (2004). *Evidentiality*. Oxford University Press.

Oliveira, F. (2003). Modalidade e modo. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, & I. H. Faria (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (Cap. 9, pp. 245-272). Caminho.

Oliveira, F., & Mendes, A. (2013). Modalidade. In E. B. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 1, Cap. 18, pp. 623–668). Fundação Calouste Gulbenkian.

Pinto, A. G. (2021). A construção da identidade da mulher num acórdão sobre violência doméstica. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, 1*, 27–46.

Willett, T. L. (1988). A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. Studies in Language, 12(1), 51–97.

Uso do Modo Conjuntivo nas Orações Completivas dos Verbos de Dúvida por Aprendentes do Português como Língua Segunda

Shintaro Torigoe[1]

Palavras-chave: modo conjuntivo; *corpus* de aprendentes; português do Brasil

Este estudo examina o uso do modo conjuntivo por aprendentes nas orações completivas verbais de dúvida através da análise de cinco corpora de produções escritas.

O uso do conjuntivo nas orações completivas de dúvida é apresentado em diversas perspetivas: na gramática portuguesa tradicional como Cunha & Cintra (2007), nos estudos do modo com a abordagem monística como Terrell & Hooper (1974), nos estudos de modalidade como Palmer (2001). Deste modo, o conjuntivo nesta expressão pode considerar-se como um dos exemplos mais típicos e, igualmente, fácil de aprender.

Na área de aprendizagem da língua segunda, porém, reportam-se a escassez do uso do conjuntivo nas orações completivas de dúvida e a discrepância nos resultados relativos à ordem de aquisição, comparada às espressões de desejo como *querer que* (e.g. Stokes 1988, Collentine 1995). Enquanto Stokes (1988) concluiu que o conjuntivo nesta expressão é difícil de aprender para aprendentes do inglês como língua materna, devido à inexistência da seleção do modo, Collentine (1995) explicou que é fácil de aprender devido à similaridade sintática com o inglês, i.e. o verbo *doubt* não se coliga com locuções infinitivas ou particípios. Nos estudos de aprendizagem do português, Bento (2013), que analisou o *Corpus de PEAPL2* e o *CAL2*, e Torigoe (2016), que analisou *PEAPL2* e *Corpora do PLE*, também mostraram a escassez do uso do conjuntivo nas orações de dúvida, porém, estes estudos não examinaram os erros nas expressões obrigatórias.

O presente estudo analisa cinco corpora de produções escritas por aprendentes: os *PLE* (70,500 palavras), o *PEAPL2* (120,000 palavras), o *CAL2* (280,000 palavras), o *COPLE* (180,000 palavras) e recém-construído *Corpus de PEAPBL2*, que é desenhada como a versão brasileira do *PEAPL2* e composto por aproximadamente 50,000 palavras produzidas por aprendentes de 24 grupos de diferentes línguas maternas, incluindo 11 línguas africanas. Examinam-se o uso do conjuntivo e os erros em cinco expressões de dúvida: *duvidar que*, *não achar que*, *não pensar que*, *não crer que*, *não acreditar que* e a locução substantiva *dúvida (de) que*.

Como resultado, dos cinco corpora, obtiveram-se 81 expressões de oração completiva de verbos de dúvida, das quais 45 apresentam conjuntivo, 33 apresentam indicativo e três correspondem a outras expressões inadequadas. O uso do conjuntivo confirma-se desde o nível elementar (2 exemplos), aumentando no nível intermédio (30) bem como o número de erros (14) que permanece até ao nível avançado (2). Do ponto de vista da língua materna dos aprendentes, o grupo do inglês como língua materna produz mais conjuntivos (15), bem como o da língua alemã (5), russa (3) e chinesa (3) que têm o sistema diferente do português. No entanto, os grupos de línguas românicas como italiano e francês produzem maior número de indicativo (3 e 2) do que conjuntivo. O autor não concorda, pelo menos neste contexto, com a influência da língua materna como o fator principal.

Referências

Bento, C. I. S. (2013). *Aquisição de Português Língua Não Materna – o Conjuntivo na Interlíngua de Falantes Nativos de Neerlandês*. Tese de mestrado submetida à Universidade Nova de Lisboa.

[1] Contacto: shintaro.torigoe.hmt@osaka-u.ac.jp

Collentine, J. (1995). Development of Complex Syntax and Mood-Selection Abilities by Intermediate-Level Learner of Spanish. *Hispania 78*, 122-135.

Cunha, C. &. Cintra, L. F. L. (2007) : Nova Gramática do Português Comtemporâneo (4ª edição revista e ampliada). Rio de Janeiro: Lexikon.

Palmer, F. R. (2001). *Mood and Modality*, 2nd edition. Cambridge University Press.

Stokes, Jeffrey (1988). Some factors in the acquisition of the present subjunctive in Spanish, *Hispania 71*.

Terrell, T. D., Baycroft, B., &. Perrone, C. (1987). The Subjunctive in Spanish Interlanguage: Accuracy and Comprehensibility. In B. VanPatten, T. Dvorak, &. J. F. Lee. (eds). *Foreign Language Learning: a Research Perspective*. NY: Newbury House.

Torigoe, S. (2016). *Modo Conjuntivo do Português e Acquisição* [escrito em japonês]. Tese de Doutoramento submetida à Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio.

Ethos coletivo e mediação neutralizadora: o papel do Presidente do STF em situação estásica interlocutiva em sessão de julgamento

Tatiane Silva Figueiredo[1]

Palavras-chave: estase argumentativa; ethos; Modelo Dialogal; STF; Terceiro

Esta pesquisa analisa fenômenos linguísticos (mais especificamente, de cunho argumentativo) em sessões de julgamento do Supremo Tribunal Federal (STF), que consiste na Corte máxima de justiça do Sistema Judiciário Brasileiro, composto por onze juízes (denominados "ministros") responsáveis por julgar – de forma coletiva – casos de relevante impacto social (como os que impactam o sistema previdenciário, que é o caso por ora analisado). Nesse ínterim, nosso objetivo consiste em investigar o papel do Presidente do STF em situações conflituosas entre ministros e a preservação do ethos coletivo (Amossy, 2010, Charaudeau, 2008, Maingueneau, 2020), isto é, a imagem grupal, transmitida por um grupo como um todo – no caso, a imagem dos ministros, na condição de um todo coletivo, transmitida à sociedade brasileira. Como referencial teórico, mobilizamos o Modelo Dialogal da Argumentação/MDA de Plantin (2008), centrado na noção de estase (conflito), que pode ser voltada a um dialogismo interdiscursivo (confronto apenas indireto) ou a um dialogismo interlocutivo (confronto direto) (Damasceno-Morais; Emediato, 2022), em que se definem os papéis actanciais do Proponente (que propõe), do Oponente (que se opõe) e do Terceiro (que media o conflito). Também trabalhamos a noção de imagem por meio dos conceitos de ethos, caráter discursivo construído perante um auditório (Aristóteles, 2005, Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005), e de face, imagem construída em uma determinada interação (Goffman, 1967, Brown; Levinson, 1987) e que pode vir a influenciar (desgastar ou reforçar) o ethos. Para o corpus, utilizamos um julgamento no STF sobre contribuição previdenciária de servidores públicos federais, presidido pela ministra Cármen Lúcia, em que identificamos uma situação estásica interlocutiva – que destoa da situação estásica interdiscursiva esperada para um julgamento –, ensejando um embate marcado por ataques às faces que desgasta o ethos coletivo. Ante o exposto, constatamos que a Presidente atuou como um Terceiro exercendo uma mediação neutralizadora, ignorando o conflito até conseguir cessá-lo, preservando, assim, o *ethos*.

Referências

AMOSSY, Ruth. La présentation de soi: Ethos et identité verbale. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

ARISTÓTELES. Retórica. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse. Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda Lisboa, 2005.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen Curtis. Politeness: some universals in language use. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso político. Tradução: Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

DAMASCENO-MORAIS, Rubens; EMEDIATO, Wander. Perspectiva dialogal e análise dialógica: a argumentação biface. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMASCENO-MORAIS, Rubens (org.). Introdução à análise da argumentação. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 193-222.

GOFFMAN, Erving. Interaction Ritual: Essays in Face to Face Behavior. New York: Anchor Books, 1967.

MAINGUENEAU, Dominique. Variações sobre o ethos. São Paulo: Parábola, 2020.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da Argumentação. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. A argumentação: história, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola, 2008.

[1] Contacto: tatianesilvafig@gmail.com

Perceção e produção das Consoantes /l/ e /ɾ/ por Aprendentes Chineses: resultados de uma intervenção didática

Tian Yanchun[1], Celeste Rodrigues & Adelina Castelo

Palavras-chave: aquisição da L2; consoantes líquidas; componente fonético-fonológica; perceção; produção; aprendentes chineses

O estudo analisa o impacto de uma intervenção didática baseada no modelo input-output-feedback na aquisição das consoantes líquidas /l/ e /ɾ/ do português europeu (PE) por falantes nativos de chinês mandarim (CM), no contexto de português como língua estrangeira (PLE). Partindo das conhecidas dificuldades que os aprendentes chineses enfrentam na perceção e produção destas consoantes em posição de ataque silábico (e.g. Zhou, 2017), o estudo procurou responder às seguintes questões:

1. Quais são os níveis de desempenho na produção e perceção das consoantes /l/ e /ɾ/ em Ataque silábico, simples e ramificado, por parte de aprendentes de PE com mandarim L1?

2. Em que medida a implementação de uma sequência de ensino focalizada na pronúncia e baseada num modelo de input-output-feedback contribui para uma melhoria na perceção e produção das consoantes /l/ e /ɾ/?

A investigação envolveu dois grupos de estudantes universitários chineses com um nível intermédio de PLE: um grupo experimental (GE) constituído por 6 participantes, sujeito à intervenção didática, e um grupo de controlo (GC), de 6 aprendentes, exposto apenas ao ensino não focalizado na pronúncia. Ambos foram avaliados através das tarefas de identificação auditiva (para avaliação da perceção) e de leitura em voz alta (para a produção) com pseudopalavras, aplicadas como pré-teste e como pós-teste. A intervenção didática decorreu ao longo de duas sessões de 40 minutos, entre o pré-teste e o pós-teste.

Os resultados evidenciaram que, no pré-teste, os aprendentes apresentavam níveis de desempenho globalmente baixos e heterogéneos na perceção e produção das consoantes /l/ e /ɾ/, sendo o seu desempenho condicionado pelo contexto fonotático e mais problemático na produção.

Além disso, no pós-teste, o GE apresentou melhorias consistentes tanto na perceção como na produção dos segmentos-alvo, enquanto o GC revelou um nível de desempenho semelhante ou até pior, por comparação com o do pré-teste.

Grupo	Estrutura silábica	Pré-teste		Pós-teste	
		Perceção	Produção	Perceção	Produção
GE	/l/ CV	76.67%	78.33%	83.33%	81.67%
	/l/ CCV	45.00%	28.33%	55.00%	51.67%
	/ɾ/ CV	68.33%	38.33%	75.00%	48.33%
	/ɾ/ CCV	76.67%	60.00%	91.67%	73.33%
GC	/l/ CV	85.00%	55.00%	88.33%	51.67%
	/l/ CCV	51.67%	18.33%	48.33%	20.00%
	/ɾ/ CV	40.00%	40.00%	36.67%	43.33%
	/ɾ/ CCV	66.67%	61.67%	58.33%	55.00%

Taxas de acerto nas tarefas de perceção e de produção dos segmentos /l/ e /ɾ/ nos contextos CV e CCV, por grupo (GE, GC) e momento de testagem (pré, pós-teste).

Do ponto de vista pedagógico, o estudo confirma a relevância do ensino explícito da componente fonético-fonológica no PLE e sublinha o potencial de metodologias que integram treino percetivo,

[1] Contacto: ariana_tyc@163.com

prática articulatória e feedback corretivo (e.g. Castelo, 2017; Celce-Murcia et al., 2010; Grant, 2014). A utilização de ferramentas digitais revelou-se igualmente vantajosa, ao ampliar o input, diversificar o output e favorecer a autonomia dos aprendentes. Apesar das limitações identificadas, como a reduzida dimensão da amostra e a curta duração da intervenção, os resultados contribuem para a compreensão da aquisição fonológica do PE por falantes de CM e oferecem orientações didáticas relevantes para a elaboração de sequências pedagógicas mais eficazes e adaptadas às necessidades específicas destes aprendentes.

Referências

Castelo, A. (2017). Ensino da componente fonético-fonológica: uma síntese e um exemplo de português para estrangeiros. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, 12*, 41-72.

Celce-Murcia, M., Brinton, D. M., Goodwin, J. M. & Griner, B. (2010). *Teaching pronunciation: a course book and reference guide*. Cambridge University Press.

Grant, L. (2014). Prologue to the myths: What teachers need to know. *Pronunciation myths: Applying second language research to classroom teaching*, 1-33.

Zhou, C. (2017). *Contributo para o estudo da aquisição das consoantes líquidas do português europeu por aprendentes chineses* (Master's thesis, Universidade de Lisboa (Portugal)).

Gender similarity and intervention in the processing of European Portuguese relative clauses

Xinyi Li[1]

Keywords: European Portuguese; relative clauses; processing; intervention effects; semantic similarity-based interference

Object relative clauses (ORC) are consistently harder to process than subject relative clauses (SRC), and two broad families of accounts have been proposed to explain this asymmetry. Memory-based approaches attribute the difficulty to structural and semantic similarity-based interference during encoding and retrieval [1][2], while grammatical approaches derive it from intervention under featural Relativized Minimality (fRM), predicting greater difficulty when the extracted object and the intervenor share morphosyntactic features, e.g. [+N] [3]. Previous work showed that gender mismatch improved child comprehension in Hebrew but not in Italian [4], suggesting that the role of gender depends on its morphosyntactic status in each language. In European Portuguese (EP), [+N] intervention effects have been shown to shape the processing of A'-dependencies [5][6]. Grammatical gender, which does not trigger movement in EP, has not been studied in RC processing. The present study investigates whether grammatical gender similarity modulates the processing of relative clauses (RC) in adult EP speakers, testing the similarity-based and grammatical accounts.

37 adult native speakers participated in a non-cumulative self-paced reading task followed by picture selection. Materials comprised 32 experimental items crossing extraction type (SRC vs. ORC) with gender similarity (match vs. mismatch), balanced for masculine and feminine configurations. Accuracy, correct picture-selection response times, and reading times were analysed using mixed-effects models and model-based pairwise comparisons.

The results showed a clear ORC disadvantage in accuracy ($p = .018$). Follow-up comparisons showed significance of this disadvantage in the gender-mismatch conditions ($p = .025$), but not in the match conditions. No main effect of gender and no extraction-by-gender interaction was attested in accuracy or response times. Reading times were slower from the complementizer onwards for ORCs overall ($p = .005$). In the follow-up planned contrasts, at the embedded verb of ORCs, gender-matched items were read more slowly than mismatched items ($p = .022$), while SRCs showed no gender effect at any segment. At this segment only, both ORC conditions were substantially slower than both SRC conditions (all adjusted $ps < .0001$).

These findings confirm an ORC processing cost in EP and indicate a localized online cost of gender feature overlap at the verbal region, where the integration of the extracted object occurs, consistent with the similarity-based account. However, the absence of gender effect in accuracy argues against robust facilitation from semantic feature mismatch. Grammatical gender thus appears to be a weaker feature of intervention than the [+N] feature in the intervening DP in EP, partially in line with the fRM.

Example:

[1] Contacto: xinyi.li@campus.fcsh.unl.pt

a. SRC match

25. Na | imagem correta, | o cavalo | que | está a ferir | o coelho | tem | os olhos | muito grandes.

b. SRC mismatch

26. Na | imagem correta, | a mula | que | está a ferir | o coelho | tem | os olhos | muito grandes.

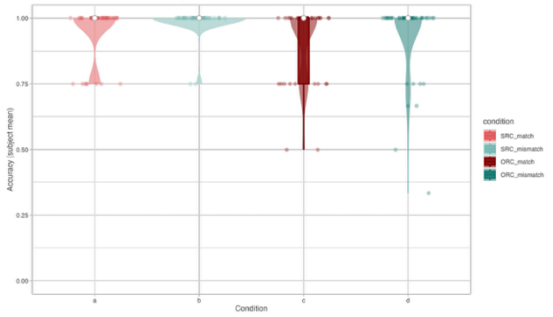
c. ORC match

27. Na | imagem correta, | o cavalo | que | o coelho | está a ferir | tem | os olhos | muito grandes.

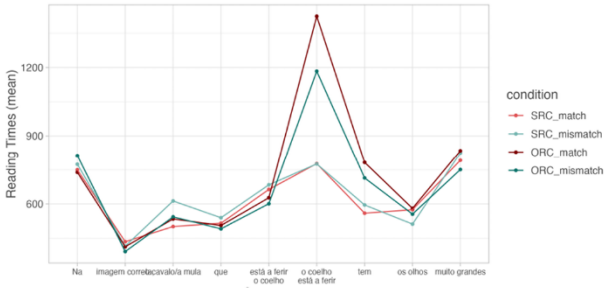
d. ORC mismatch

28. Na | imagem correta, | a mula | que | o coelho | está a ferir | tem | os olhos | muito grandes.

Subject-level mean accuracy by condition



Mean reading times by condition



Referências

[1] Gordon, P. C., Hendrick, R., & Johnson, M. (2004). Effects of noun phrase type on sentence complexity. *Journal of Memory and Language, 51*(1), 97–114.

[2] Lewis, R. L., Vasishth, S., & Van Dyke, J. A. (2006). Computational principles of working memory in sentence comprehension. *Trends in Cognitive Sciences, 10*(10), 447–454.

[3] Friedmann, N., Belletti, A. & Rizzi, L. (2009). Relativized relatives: Types of intervention in the acquisition of A-bar dependencies. *Lingua 119*, 67–88.

[4] Belletti, A., Friedmann, N., Brunato, D. & Rizzi, L. (2012). Does gender make a difference? Comparing the effect of gender on children's comprehension of relative clauses in Hebrew and Italian. *Lingua*. *122*. 1053–1069.

[5] Costa, J., Grillo, N., & Lobo, M. (2012). Minimality beyond lexical restrictions: Processing and acquisition of wh-dependencies in European Portuguese. *Revue Roumaine de Linguistique, 57*(2), 143–160. //

[6] Delgado, R., Raposo, A., & Santos, A. L. (2021). Intervention in the processing of relative clauses by adults and children acquiring European Portuguese. *Frontiers in Psychology, 12*, 610909.



Associação Portuguesa
de Linguística